



**PROJETO
MEMÓRIA**



FOTOBIOGRAFIA

LÉLIA Gonzalez

**Caminhos
e Reflexões
Antirracistas e
Antissexistas**

PROJETO
MEMÓRIA

LÉLIA
Gonzalez

Caminhos
e Reflexões
Antirracistas e
Antissexistas



FOTOBIOGRAFIA

Texto
Sueli Carneiro

Edição de texto
Gabriela Soares e Schuma Schumacher

2ª Edição
2024

Realização



Apoio



Parceria



CRÉDITOS

FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL

Diretoria executiva

Kleytton Guimarães Morais
Presidente

Luciana Atháide Brandão Bagno
Diretora Executiva
Diretoria Executiva de Desenvolvimento Social

Gilson Adriano de Oliveira Lima
Diretor Executivo
Diretoria Executiva de Gestão de Pessoas,
Controladoria e Logística

Gerentes

Alírio Pereira Filho
Gerência de Controles, Riscos e Integridade

Ana Bianca Tavares Conceição Silva
Gerência de Pessoas

Ana Carolina Barchesi
Gerência de Estratégia e Organização

Ariana Leotti
Gerência de Marketing e Comunicação

Deivid Biage da Silva
Gerência de Tecnologia da Informação
Juliano Duarte
Gerente de Equipe de Sistemas Corporativos

Eliseu Antônio Pinheiro Alexandre
Gerência de Monitoramento e Avaliação

Fabiano Mendes Cirino
Gerência de Secretariado e Governança

Flávia Maciel de Almeida
Gerência de Parcerias Estratégicas

Luiz Gonzaga de Carvalho
Gerência de Prospecção e Análise de Projetos

Patrícia Lustosa Borges de Lima Vieira
Gerência de Implementação e Assessoramento de
Projetos
Ana Paula Moreira Lima
Gerente de Equipe de Suporte Operacional

Paulo Henrique Alves de Siqueira
Gerência de Finanças e Controladoria

Rogério Miziara
Gerência de Tecnologia Social

Tarcísio Forster Gerotto
Gerência de Suprimentos e Contratações
Elisa Pimenta
Gerente de Equipe de de Administração de Contratos

1ª Edição

REDE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO – REDEH

Coordenadora Geral
Thais Rodrigues Corral

Coordenadora Executiva
Schuma Schumacher

EQUIPE DE PRODUÇÃO

Coordenação Geral
Schuma Schumacher

Coordenação de Produção
Elizabeth Braga

Supervisão de Produção
Ruy Godinho

Texto
Sueli Carneiro

Equipe de Pesquisa
Antonia Ceva
Melina Marques
Rosana Silva Chagas
Schuma Schumacher

Pesquisa Iconográfica
Antonia Ceva
Elizabeth Braga

Edição de Texto
Antonia Ceva
Paulo Barbosa Corrêa
Schuma Schumacher

Consultor para Projeto Cultural
Stanley Whibbe

Assistente Financeiro
Andréa Medina
Katia Clara Costa

Imagens de Arquivo
Acervo Lélia Gonzalez/REDEH
Arquivo Nacional
Arquivo Público Mineiro
CUT/RJ

Folha de S. Paulo
Fundação Getúlio Vargas
Getty Imagens
Instituto de Estudos Brasileiros – USP
Instituto Moreira Salles
Januário Garcia
Jornal do Brasil

Museu da Imagem e do Som – RJ
O Globo
Rede de Desenvolvimento Humano – REDEH

Digitalização e Tratamento de imagens
Trio Studio

Revisão de Texto
Artur Roman

2ª Edição

ASSOCIAÇÃO AMIGOS DO CINEMA E DA CULTURA – AACIC

Presidente
Juliana A. Barbosa

Tesoureiro
Marconi Scarinci

Secretária
Dulcineia Miranda

EQUIPE DE PRODUÇÃO REVITALIZAÇÃO

Coordenação Geral
Nilson Rodrigues

Produção Executiva
Cléo Assis

Coordenação Administrativa
Aloysio Guapindaia

Coordenação Financeira
Martim Haeffliger

Assistente de Coordenação
Carla Alexandra Andrade

Consultor para Projeto Cultural
Stanley Whibbe

Consultoria de Conteúdos
Schuma Schumacher

Consultoria e Assessoramento da Fundação
Banco do Brasil
Rosângela D Angelis Brandão

Assistente de Produção e Conteúdos
Gabriela Soares

Projeto Gráfico e Identidade Visual
Ruth Freihof – Passaredo Design

Capa e contracapa:
Ilustração / colagem: Ruth Freihof
Foto de Lélia Gonzalez: Acervo JG/ Foto
Januário Garcia

ISBN 978-65-983710-3-6

ÍNDICE

Apresentação	7
A ESTRELA NEGRA COMEÇA A BRILHAR	11
Seios que alimentam possibilidades	14
Corre-Corre	19
Quando o coração bate mais forte.....	20
Dando a volta por cima.....	22
Em busca de si mesma... ..	24
Desconstrução do branqueamento.....	30
FEMINISMO E ANTIRRACISMO - AS AMERICANAS.....	33
Duplo pertencimento.....	43
E a trabalhadora negra, cumé que fica?	44
Por um Feminismo Afrolatinoamericano	48
VALORIZANDO A CULTURA PARA ENFRENTAR O RACISMO E O SEXISMO	53
Muitas línguas em uma só... o pretuguês	65
Noventa anos de abolição.....	70
Fazendo arte	72
Cultura negra na Escola de Artes Visuais.....	73
Descendo do pedestal teórico.....	74
MNU – MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO.....	79
Lugar de Negro	85
ROMPENDO FRONTEIRAS: DO BRASIL PARA O MUNDO.....	87
LÉLIA GONZALEZ TOMANDO PARTIDO.....	101
Deixando o partido.....	108
Um bom conselho.....	116
A FARSA DA ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA	123
DÉCADA DE 1990 – COMO CANGIRAUÉ, LÉLIA FOI PARA O ORUM.....	133
A passagem, mas não o final de uma trajetória. Benditos os frutos.....	140
Algumas teses, dissertações e publicações sobre Lélia.....	147
Os herdeiros de Lélia	150
Depoimentos.....	152
Por uma sociedade justa e igualitária.....	156

APRESENTAÇÃO

Referência mundial do feminismo negro e uma das maiores pensadoras do Brasil, Lélia Gonzalez completaria 90 anos em 2025 e ainda ilumina o debate público acerca de raça e gênero no Brasil e no Mundo.

Por sua contribuição intelectual para a formação de consciência crítica em relação à compreensão do racismo e do sexismo como sistemas de opressão, o Projeto Memória, idealizado pela Fundação Banco do Brasil, resgata o legado de Lélia Gonzalez para uma nova edição dessa iniciativa.

Autora de livros e artigos centrais para a cultura afro-brasileira num país que ainda promove a ideia de “democracia racial”, Lélia Gonzalez foi uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado (MNU) e deixou um legado acadêmico inestimável e uma contribuição social de extrema relevância.

Homenagear Lélia Gonzalez é reverenciar a ancestralidade das mulheres negras e indígenas brasileiras que, heroicamente, resistem à opressão. Desejamos que o Projeto Memória Lélia Gonzalez – Caminhos e Reflexões Antirracistas e Antissexistas contribua para a superação do racismo de forma pedagógica e seja uma referência para as gerações atuais e futuras.

Fundação Banco do Brasil

Realização



Apoio



Parceria



Quem é essa mulher negra que, de maneira ousada, se dirige à sociedade brasileira, dessa forma e nesses termos? De que lugar ela fala? Que discursos e práticas a sua fala questiona e desconstrói?

As questões acima nos levam à trajetória histórica de Lélia Gonzalez, intelectual, feminista, ativista antirracista e militante em partidos políticos. Educadora, filósofa, pós-graduada em Comunicação, que fez simultaneamente incursões acadêmicas nos terrenos da Antropologia, Psicanálise e Sociologia. Lélia dominava o inglês, francês e espanhol, o que lhe permitiu, também, atuar como tradutora de diferentes obras.

Uma mulher negra do mundo, que percorreu vários continentes, deixando, por onde passou, a marca de sua presença forte e pensamento inquietante sobre a sociedade brasileira, suas relações raciais e de gênero. Trouxe ainda para as agendas políticas e acadêmicas, nas quais estava engajada, as reflexões e os achados de seu incessante intercâmbio cultural.

Resgatar a memória de Lélia Gonzalez é, acima de tudo, assumir um compromisso político com a luta das mulheres negras do Brasil, com o avanço da compreensão das relações de gênero e com a observância efetiva dos direitos humanos. No plano acadêmico, implica expor a necessidade de interrogar as relações de poder mediadas pelas relações raciais e de gênero, temas ainda pouco explorados por nossa ciência política. É defender uma verdadeira concepção de democracia racial fundada na igualdade entre negros e brancos, entre homens e mulheres, em benefício da justiça social para todos e todas.

O mito da democracia racial, baseado na dupla mestiçagem biológica e cultural entre as três raças originárias, tem uma penetração muito profunda na sociedade brasileira: exalta a ideia de convivência harmoniosa entre os indivíduos de todas as camadas sociais e grupos étnicos, permitindo às elites dominantes dissimular as desigualdades e impedindo os membros das comunidades não brancas de terem consciência dos sutis mecanismos de exclusão do qual são vítimas na sociedade.

(Kabengele Munanga, 2004: p. 89).

Nós negros estamos na lata do lixo da sociedade brasileira, pois assim o determina a lógica da dominação. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados [...], que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar e, numa boa.

Lélia Gonzalez



Lélia Gonzalez, Cosme Velho, Rio de Janeiro, década de 1980 | Acervo JG/Foto Januário Garcia



Lélia em Belo Horizonte, matando as saudades da terra natal, em 1956 | *Acervo Lélia Gonzalez*

1

A ESTRELA NEGRA
COMEÇA A BRILHAR



Vista área de Belo Horizonte, MG, década de 1930 | Arquivo Público Mineiro

Lélia de Almeida nasceu no dia 1º de fevereiro de 1935, em Belo Horizonte, Minas Gerais. O sobrenome Gonzalez seria incorporado mais tarde, a partir da união matrimonial, em 1964, com Luiz Carlos Gonzalez.

Lélia foi a penúltima filha de dezoito irmãos. Seu pai chamava-se Acácio Joaquim de Almeida, homem negro, chefe de ferrovia e nascido na Lei do Ventre Livre (promulgada em 1871). Sua mãe Urcinda Seraphina de Almeida nasceu no Espírito Santo em 29 de março de 1898. Era analfabeta, do lar e de ascendência indígena.

Dona Urcinda casou-se, com seu Acácio, aos treze anos de idade, contra a vontade de sua família, porque estava “prometida” para um italiano louro de olhos azuis, assim relatou sua sobrinha Roselívia, chamada por todos de guardiã da memória da família Almeida¹.

Após o casamento, permaneceram no Espírito Santo por algum tempo, onde nasceram seus primeiros filhos: Elisa (1913), futuramente cantora lírica e costureira da alta sociedade; e Francisco (1915), funcionário chefe da COMLURB. Em seguida, seu Acácio foi transferido para São Fidélis, município situado na região norte do Estado do Rio de Janeiro. Nesse município, às margens do rio Paraíba do Sul, nasceram alguns filhos e filhas: Cacilda (1917), carinhosamente chamada pe-

¹ Entrevista concedida por Roselívia Almeida à Antonia Ceva em 5 de maio de 2012, no Rio de Janeiro/RJ, para o Projeto Memória — Lélia Gonzalez: O feminismo negro no palco da história.

los/as sobrinhos/as de Tia Caçula, uma mulher do lar; Alfredo (1919), mecânico, falecido na década de 1950; Jayme (1921), jogador de futebol do Flamengo; Bráulio (1923), que também faleceu jovem; e Acácio (1925), que integrou as forças brasileiras na Segunda Guerra Mundial, retornando com sequelas.

Já na cidade de São Paulo, por um curtíssimo período, nasceu Nair (1927), auxiliar de enfermagem e parteira na cidade de Petrópolis, RJ. Novamente, seu Acácio foi transferido e, numa breve temporada no Rio de Janeiro, nasceu Lúcia (1929), do lar, a última a falecer, no ano de 1998.

A década de 1930, considerada por muitos como uma das piores do século XX, começou com uma grande depressão e teve que conviver com uma sangrenta guerra mundial. No Brasil, a Revolução de 30, que leva ao poder o líder gaúcho Getúlio Vargas, desencadeia vários movimentos contestatórios, entre eles a Revolução Constitucionalista, encabeçada por São Paulo, provocando a convocação da Assembléia Constituinte e, mais tarde, o início da ditadura Vargas.

Foi nesse cenário conturbado que a família seguiu para Belo Horizonte, onde a prole não parava de crescer. Nasceram na capital mineira: Maria das Dores, a Dora (1931), do lar; Sebastião, Tio Tião (1933), mais um jogador de futebol do Flamengo; Lélia (1935); e, por fim, Geraldo (1937), motorista que trabalhou para o governo do Paraná e morreu por lá.

No total, Dona Urcinda engravidou dezoito vezes, mas perdeu cinco filhos/as ao longo desse processo. Seguindo os costumes da época e compatível com as condições financeiras do casal, todos/as nasceram em casa, com o auxílio de uma parteira.

Após o falecimento de seu Acácio — no início da década de 1940, assim que a família chegou ao Rio de Janeiro — os irmãos maiores tornaram-se responsáveis pelo sustento da casa. Elisa, a mais velha das mulheres, cuidou de todos os irmãos e irmãs junto com a mãe, situação ainda vivenciada pelas camadas mais pobres da sociedade.

Lélia e as irmãs experimentaram, na infância, o modelo tradicional de criação, então dispensado às que eram do sexo feminino, em que os limites do mundo eram as paredes do lar. Aprendendo boas maneiras e as lidas domésticas, se esperava por um casamento. A essa visão de mundo de dona Urcinda, comum na década de 1930, juntava-se a dificuldade financeira para dar conta de uma família numerosa. Justamente por isso, a escola, que para as meninas se restringia ao curso primário, acabava ficando em segundo plano, especialmente quando a necessidade de trabalhar para ajudar no sustento da casa se impunha. O que não era raro. Lélia e Nair, porém, conseguiram fugir à dominação da mãe e seguiram o seu caminho.



Formatura do ginásio no Colégio Rivadavia Corrêa, Rio de Janeiro, 1951 | Acervo Lélia Gonzalez



Pão de Açúcar, Rio de Janeiro, RJ, década de 1940 | Fundação Getúlio Vargas - CPDOC

Seios que alimentam possibilidades

Lélia enfrentou o modelo de exclusão social fortemente enraizado e, desafinando o coro do destino, levou adiante os estudos. Mas, como uma criança negra, do sexo feminino, pobre, que se tornou órfã de pai e era filha de mãe analfabeta, conseguiu romper com isso? Além do esforço pessoal, quis o destino que, já na infância, alguns fatores se juntassem abrindo novos caminhos. O primeiro deles, podemos atribuir ao fato de ter sido Lélia a penúltima filha, cabendo aos irmãos mais velhos a responsabilidade pelo sustento da família. Ainda assim Lélia teve que enfrentar o batente.

A solidariedade sempre atenta de dona Urcinda levou-a a socorrer uma família italiana, cuja filha perdera a mãe no parto e necessitava de alguém que pudesse amamentá-la. O gesto estreitou ainda mais a relação entre as famílias e propiciou à Lélia estabelecer laços afetivos com eles. Como consequência dessa amizade, os italianos financiaram os seus primeiros estudos ainda em Belo Horizonte², um aspecto que a marcou profundamente e seria lembrado em diversas ocasiões.

Recordando sua trajetória educacional, anos mais tarde, em entrevista a um jornal no Rio de Janeiro, diria Lélia: *Me recordo perfeitamente que cada uma dava uma coisinha, uma irmã dava um sapatinho, outra dava uma meinha e outra fazia o uniforme, etc. [...] Estudei com muita dificuldade. Os livros eram emprestados pelas colegas [...] Eu ia estudar nas casas das amigas. Enfim, até chegar à universidade.*

Outro importante fator para a continuidade de seus estudos e o protagonismo de ter se tornado a única da casa a avançar além do ensino superior, foi a vinda da família para o Rio de Janeiro, em 1942. Jayme de Almeida, irmão pelo

² Entrevista concedida por Eliane de Almeida à Antonia Ceva em 17 de outubro de 2011, no Rio de Janeiro/RJ, para o Projeto Memória — Lélia Gonzalez: O feminismo negro no palco da história.

qual Lélia tinha grande admiração, se destacou como jogador de futebol no Atlético Mineiro, sendo então convidado a atuar no time carioca Clube de Regatas do Flamengo.

Na cidade maravilhosa, foram morar, por pouco tempo, no Leblon, onde Lélia iniciou seus estudos na Escola Manoel Cícero. Nessa breve temporada na Zona Sul, seu Acácio faleceu e a família instalou-se no bairro de Ricardo de Albuquerque, subúrbio da cidade³. O trem tornou-se então o principal veículo para o deslocamento de Lélia até o centro da cidade, onde se localizava o colégio Rivadavia Corrêa, no qual concluiu o curso ginásio em 1951⁴.

Um tempo de mudanças e novidades para Lélia em muitos aspectos, mas não em todos. As dificuldades financeiras se apresentaram e foi preciso trabalhar. Assim, ao lado dos livros e tarefas escolares, Lélia conviveu, por algum tempo, com os afazeres próprios de uma babá. Tomar conta de crianças e trabalhar como doméstica em casa de família era o cotidiano comum na vida de meninas negras, em grande maioria, igualmente pobres⁵.

³ Entrevista concedida por Roselvia Almeida à Antonia Ceva em 5 de maio de 2012, no Rio de Janeiro/RJ, para o Projeto Memória — Lélia Gonzalez: O feminismo negro no palco da história.

⁴ FELIPPE, Ana Maria. Lélia Gonzalez: Mulher negra na história do Brasil. Amaivos, Rio de Janeiro. 2009. Seção Cultura e Religião. Subseção Afrodescendentes. Disponível em: <http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_noticia=13070&cod_canal=71>. Acesso em: 9 jul. 2011.

⁵ Entrevista concedida por Rubens Rufino à Schuma Schumacher e Antonia Ceva em 20 de outubro de 2011, em Brasília/DF, para o Projeto Memória — Lélia Gonzalez: O feminismo negro no palco da história.

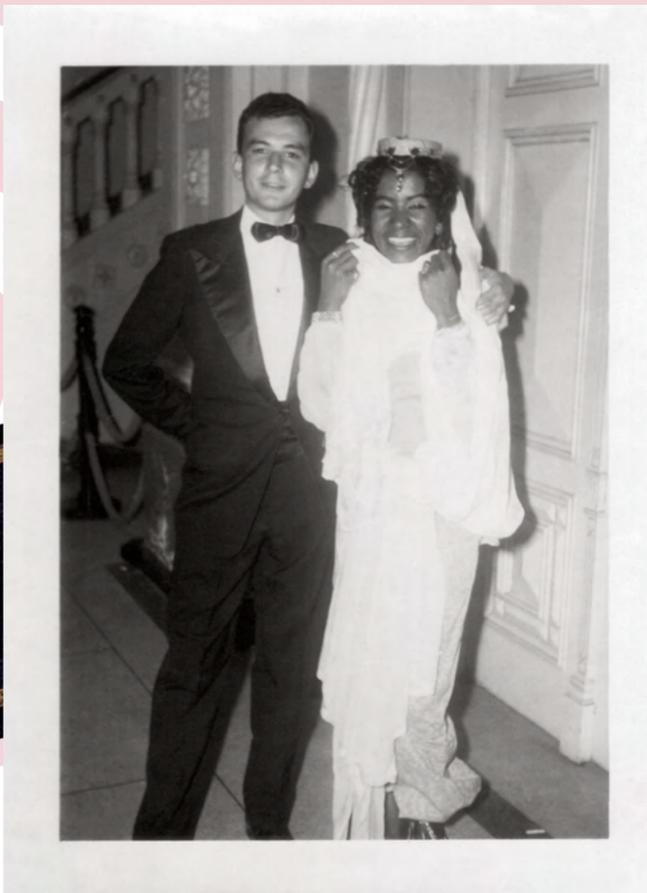


Foto 1: Geraldo, Irmão de Lélia Gonzalez, Formatura em Datilografia | Acervo Lélia Gonzalez

Foto 2: Tião, Irmão de Lélia Gonzalez, Machu Pichu, maio de 1968 | Acervo Lélia Gonzalez

Foto 3: Jayme, Irmão de Lélia Gonzalez, 1953 | Acervo Lélia Gonzalez

Foto 4: Capa do álbum de formatura de Lélia, Colégio Rivadavia Corrêa, Rio de Janeiro, 1951 | Acervo Lélia Gonzalez



Festival de Teatro de estudante, em Santos, SP, 1959 | Acervo Lélia Gonzalez

Por muitos anos, as páginas do diário pessoal de Lélia, que, não por acaso, trazia na capa a palavra “Lembranças”⁶, guardaram depoimentos de professores/as da Escola Rivadavia Corrêa, em que reconheciam e destacavam seu empenho pessoal e seu potencial como podemos observar nas páginas ao lado.

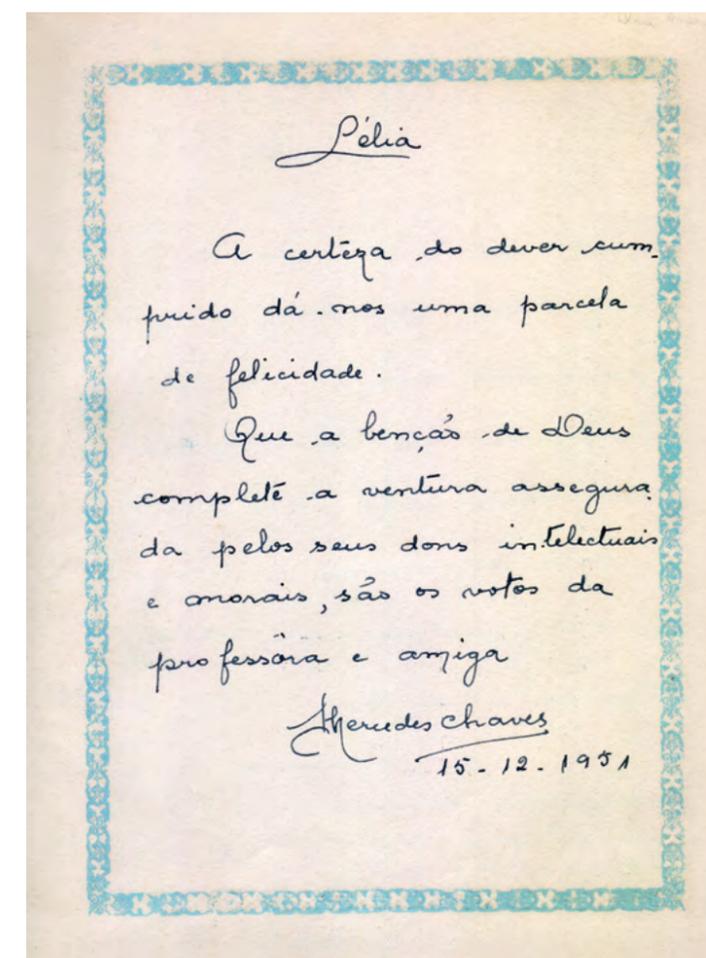
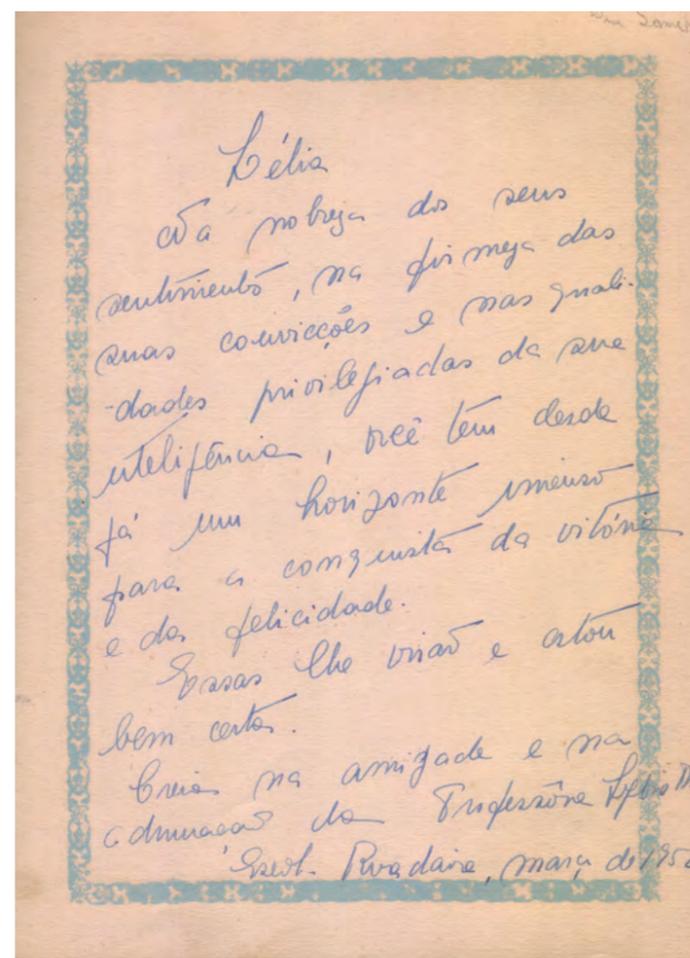
A única saída que eu encontrei para superar estes problemas (racismo) foi ser a primeira aluna da sala. É aquela história, “ela é pretinha, mas é inteligente.

Lélia Gonzalez

⁶ Diário de Lembranças, localizado no Acervo Lélia Gonzalez, durante a pesquisa de campo realizada em agosto de 2011, no Ilê Oxum Apará, Itaguaí, RJ.



Em Teresópolis, na Região Serrana do Rio de Janeiro, 1961 | Acervo Lélia Gonzalez
Caderno de Lembranças de Lélia Gonzalez, década de 1950 | Acervo Lélia Gonzalez

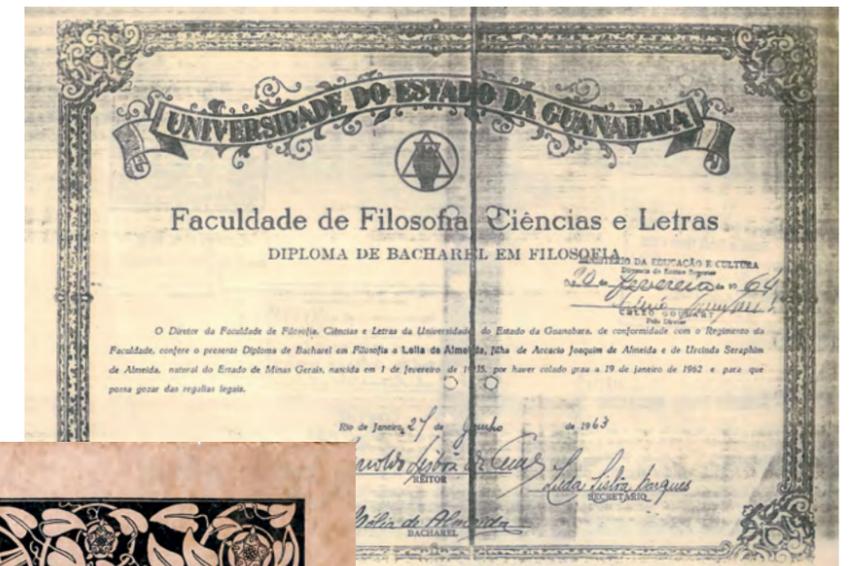




Corre-Corre

Certamente Lélia precisou estudar muito para ultrapassar os muros do tradicional Colégio Pedro II, instituição consagrada e disputada por centenas de alunos e alunas que desejavam frequentar o ensino superior. A conclusão do antigo curso científico, em 1954, foi o início de uma brilhante trajetória levada adiante na antiga Universidade do Estado da Guanabara (UEG), atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). O diploma de bacharelado, em História e Geografia, veio em 1958 e o de licenciatura no ano seguinte. Pela mesma instituição graduou-se em Filosofia, bacharelado em 1962 e licenciatura em 1963.

Nessa roda viva de ter que garantir o próprio sustento, Lélia compatibilizava os estudos com o trabalho. Lecionava no Colégio Piedade, no Colégio Andrews, no Colégio de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira da UEG, onde ministrava aulas de Filosofia, e na Fundação Educacional e Universitária Campograndense (FEUC), respondendo pela docência das disciplinas de Introdução aos Estudos Históricos e História Moderna e Contemporânea.



Diploma de Licenciatura em História e Geografia, UEG, 1959 | Acervo Lélia Gonzalez

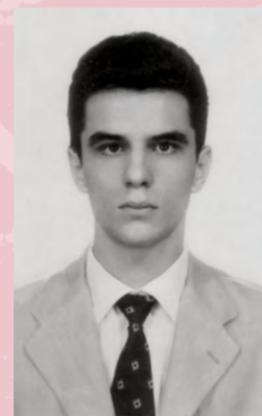
Diploma de Bacharel em Filosofia, UEG, 1962 | Acervo Lélia Gonzalez

Diploma de Licenciatura em Filosofia, UEG, 1963 | Acervo Lélia Gonzalez

Diploma de Bacharel em Ciências e Letras, Colégio Pedro II, 1954 | Acervo Lélia Gonzalez



Luiz Carlos Gonzalez, 1965 | Acervo Lélia Gonzalez
Lélia Gonzalez, 1963, 1966, 1968, 1971
| Acervo Lélia Gonzalez
Luiz Carlos, 1964 e em foto sem data
| Acervo Lélia Gonzalez



Em 1964, através de um Golpe de Estado, os militares assumiram o poder no Brasil onde permaneceram por 20 anos, período conhecido como Ditadura Militar | Agência O Globo



Quando o coração bate mais forte...

Na Faculdade de Filosofia, o coração de Lélia será atingido para além dos filósofos da antiguidade. Lá estava Luiz Carlos Gonzalez, também aluno, por quem seu coração bateu mais acelerado. Deram início a uma forte relação, oficializada com o casamento em 1964. Nesse período, os militares assumiram o poder e a vida política passou a ser controlada por atos institucionais, que fortaleciam cada vez mais o regime imposto. O casal passou a enfrentar, além da turbulência política, a turbulência familiar.

Até o matrimônio, Lélia morava com seus parentes na Tijuca. Ao se casar com Luiz Carlos, mudou-se para o mesmo bairro. Foi um casamento atribulado, pois os pais do marido não aceitavam a união dos dois⁷.

O relato de Lélia sobre essa união é uma das muitas expressões através das quais se evidencia a dinâmica das relações raciais e suas perversas dimensões pessoais da interação entre negros e brancos:

⁷ Entrevista concedida por Roselívia Almeida à Antonia Ceva em 5 de maio de 2012, no Rio de Janeiro/RJ, para o Projeto Memória — Lélia Gonzalez: O feminismo negro no palco da história.

Quando chegou a hora de casar, eu fui me casar com um cara branco. Pronto, daí aquilo que estava reprimido, todo um processo de internalização de um discurso "democrático racial" veio à tona e foi um contato direto com uma realidade muito dura. A família do meu marido achava que o nosso regime matrimonial era, como eu chamo, de "concubinação", porque mulher negra não se casa legalmente com homem branco; é uma mistura de concubinato com sacanagem em última instância⁸.

O conflito se acentuou ainda mais quando a família de Luiz Carlos descobriu que estavam legalmente casados: *ai veio o pau violento em cima de mim; claro que eu me transformei numa "prostituta", "numa negra" suja e coisas assim desse nível... Mas, de qualquer forma, meu marido foi um cara muito legal, ele sacou todo o processo de discriminação da família dele, e ficamos juntos até sua morte⁹.*

Desde o falecimento do marido, um ano depois de casados, Lélia não mais abandonou o sobrenome Gonzalez. Em entrevista ao *Jornal Pasquim* (1986), afirmou que despertou para sua condição de mulher negra com Luiz Carlos. Certamente, os problemas que enfrentava com a família dele motivaram a conscientização de sua condição: *Ele encheu o saco e rompeu relações com a família de novo. As relações com a família dele eram muito complicadas, tão complicadas que ele acabou se matando.* (Lélia Gonzalez)

^{8 e 9} GONZALEZ, Lélia. Lélia fala de Lélia. *Revista Estudos Feministas*. Rio de Janeiro, n. 2, 2. sem. 1994. p. 383-386



Lélia se dividindo entre os estudos, o magistério e as publicações. Bairro da Tijuca, Rio de Janeiro, 1968 | Acervo Lélia Gonzalez

Dando a volta por cima...

Abalada com o suicídio de seu companheiro, Lélia se afastou, por algum tempo, das atividades acadêmicas. Viajou ao encontro de uma amiga em Barbacena, Minas Gerais, em busca de refúgio onde pudesse pensar sobre a tragédia e digerir o que acabara de vivenciar.

Ao regressar para o Rio, retomou o trabalho docente e voltou a se dedicar à tradução de textos filosóficos, que já havia iniciado em 1964, com o livro *Curso Moderno de Filosofia*, de Denis Huisman e André Vergez, para a Editora Freitas Bastos. Posteriormente, traduziu dois volumes do livro *Compêndio Moderno de Filosofia*, dos mesmos autores. O primeiro volume denominado *A ação*, em 1966, e o segundo, denominado *O pensamento*, em 1968.

Na segunda metade da década de 1960, o seu interesse pela Filosofia se acentua. Lélia inicia diversos cursos na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UEG, sendo um deles sobre Introdução ao Pensamento Existencialista, em 1967. No ano seguinte, começa a ministrar aulas de Filosofia, Psicologia e Sociologia no Colégio Santo Inácio, na Zona Sul do Rio de Janeiro. Ingressa na Universidade Gama Filho, como professora-assistente na disciplina de História da Filosofia.

Na vida familiar, sua irmã Dora, que estava separada do marido e com três filhos — Roberto, Roselívia e Roseni —, engravida e Lélia oferece total apoio para que levasse adiante a gravidez. Assim, torna-se mãe de seu sobrinho Rubens Rufino, carinhosamente por ela chamado de "Manéu". *Quando eu nasci, na maternidade em São Cristóvão em frente à Quinta da Boa Vista, a Lélia foi me visitar, a Dora, minha mãe biológica, imediatamente disse "toma que o filho é seu".*¹⁰

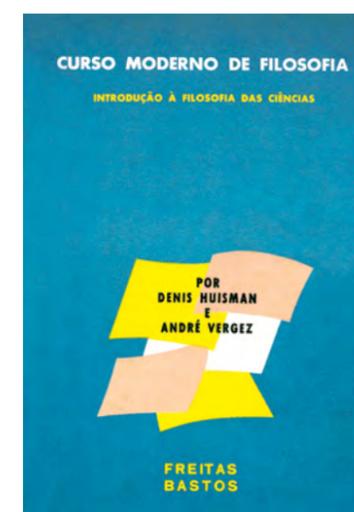
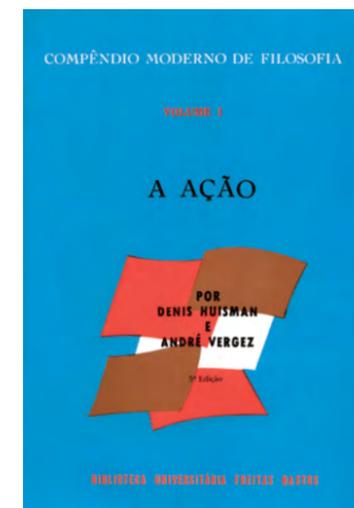
¹⁰ Entrevista concedida por Rubens Rufino à Antonia Ceva, em 20 de outubro de 2011, em Brasília/DF, para o Projeto Memória — Lélia Gonzalez: O feminismo negro no palco da história.



Lélia na casa de um aluno no Bairro da Tijuca, Rio de Janeiro, 1965 | Acervo Lélia Gonzalez



As irmãs Dora e Lélia, no casamento do filho Rubens com Joyce, 1984 | Acervo Lélia Gonzalez



Com o falecimento de Dona Urcinda, em 1967, "a família se espalha". Dora foi morar em Petrópolis e Lélia fica com o garoto. Dois anos após, foram viver com o engenheiro Vicente Marota, segundo marido de Lélia, na Tijuca, na Rua Hadock Lobo¹¹.

O final da década de 1960 foi uma fase de endurecimento do regime militar, e, por isso mesmo, os estudantes buscavam espaços alternativos onde pudessem manifestar suas ideologias. A liberdade de expressão estava cerceada pela ditadura. Lélia resistia à sua maneira aqueles duros tempos. Segundo seu amigo Januário Garcia, a parceria entre ambos se iniciou quando eram vizinhos. Ela tinha como hábito reunir um grupo de estudantes em sua casa para discutir a filosofia existencialista. Com isso, seus principais expoentes — Simone de Beauvoir, Sartre, Althusser — eram lidos e refletidos por todos/as¹².

No início dos anos 1970, Lélia e Vicente se mudaram para o bairro do Cosme Velho. Rubens ficou com a mãe biológica e passava os finais de semana com Lélia. Nessa década, inicia-se a consolidação da líder intelectual e ativista que influenciará os rumos dos movimentos feministas e negros do Brasil.

¹¹ Entrevista concedida por Eliane de Almeida à Antonia Ceva, em 17 de outubro de 2011, no Rio de Janeiro/RJ, para o Projeto Memória — Lélia Gonzalez: O feminismo negro no palco da história.

¹² Entrevista concedida por Januário Garcia à Schuma Schumacher e Antonia Ceva, em 28 de setembro de 2011, no Rio de Janeiro/RJ, para o Projeto Memória — Lélia Gonzalez: O feminismo negro no palco da história.

Capa do livro *Compêndio Moderno de Filosofia*, de Denis Huisman e André Vergez, Tradução do francês para o português, a Editora Freitas Bastos, 1º Volume *A ação*, 1966 | Acervo REDEH

Capa do livro *Curso Moderno de Filosofia*, de Denis Huisman e André Vergez, Tradução de Lélia Gonzalez do francês para o português, Editora Freitas Bastos, 1965 | Acervo REDEH



Ditadura militar, manifestação estudantil, 1968 | Arquivo / CPDOC/IB



Atentado militar contra o Teatro Opinião, 1968 | Agência O Globo

Em busca de si mesma...

Com coragem e integridade para se expor, Lélia relata o difícil processo de construção de sua identidade racial, sobretudo num contexto em que a negritude padecia, e ainda padece, de toda sorte de interdições e rejeições e o embranquecimento se colocava, e se coloca, como imposição estética ou estratégia de defesa para evitar a discriminação. Conta-nos Lélia: *Eu tive oportunidade de estudar, (...) e passei por aquele processo que eu chamo de lavagem cerebral dado pelo discurso pedagógico brasileiro, porque na medida em que eu aprofundava meus conhecimentos, eu rejeitava cada vez mais a minha condição de negra*¹³.

Essa capacidade de Lélia falar, na primeira pessoa, sobre as dores e a rejeição social que o racismo provocava tinha um efeito libertador para as mulheres negras. Facilitava a compreensão sobre a influência de uma ideologia perversa sobre seus corpos e mentes, que valorizava esteticamente a brancura e estigmatizava a negritude e todas as características que lhe são próprias: *Não quero dizer que eu não passei por isso, porque eu usava peruca, esticava cabelo, gostava de me vestir como uma lady (...) Desnecessário dizer que a divisão interna da mulher negra na universidade é tão grande que no momento em que você se choca com a realidade de uma ideologia preconceituosa e discriminadora que aí está, a sua cabeça dá uma dançada incrível (...). A partir daí fui transar o meu povo mesmo, ou seja, fui transar o candomblé, macumba, essas coisas que eu achava que eram primitivas*¹⁴.

¹³ e ¹⁴ GONZALEZ, Lélia. Lélia fala de Lélia. Revista Estudos Feministas. Rio de Janeiro, n. 2, 2. sem. 1994, p. 383-386



Lélia Gonzalez

Entrevista Lélia Gonzalez, Revista AUF, 1985 | Acervo Lélia Gonzalez



INTERVIEW MIT LÉLIA DE ALMEIDA GONZALEZ

Aktivistin und Mitbegründerin der Vereinten Negerbewegung gegen Rassendiskriminierung Brasiliens (MNU), Mitbegründerin der Schwarzen Frauenbewegung Brasiliens, Mitglied des Frauenkollektivs N'Zinga in Rio de Janeiro, Gründungsmitglied der brasilianischen Arbeiterpartei (PT).

Lélia ist Universitätslehrerin und hat neben zahlreichen Aufsätzen und Artikeln "Lugar de Negro" veröffentlicht (gemeinsam mit Carlos Hasenbalg, Rio de Janeiro 1982).

F.: Politisches Bewußtsein hat seinen Ausgang meistens an entscheidenden Punkten der eigenen Geschichte, wie war das bei Dir?

LÉLIA: Das trifft bei mir auch zu. Ich habe eine richtige Gehirnwäsche durchlaufen. Das ging im Kindergarten los und reichte hinein bis in die Universitätszeit. Mein Vater war Arbeiter, meine Mutter Indianerin, sie hatten 18 Kinder, ich war das vorletzte. Wie alle Eltern, so wollten auch sie, daß es ihre Kinder einmal besser haben, und das hieß für sie Integration, Assimilation sage ich heute. Aber bei Schwarzen ist die Hautfarbe auch die Grenze der Assimilation. Jedenfalls schickten sie mich in den Kindergarten, in die Grundschule, auch zur Universität. Das Studium wäre ohne die Hilfe meiner Geschwister nicht möglich gewesen. Ein Bruder hat auch studiert und mußte sich und dann auch mir das Studium durch den für Schwarze in Brasilien "erlaubten und gutheißenen" Weg über den Fußball finanzieren.

tiert. Sie dachten, wir würden in einer Art Konkubinate zusammenleben. Sexuelle Beziehungen von jungen weißen Männern zu schwarzen Frauen sind kein Problem, weil der junge weiße Mann nachher ein Mädchen aus einer "Familie" heiratet. Als seine Familie feststellen mußte, daß wir tatsächlich verheiratet sind, wurde sie mir gegenüber total feindselig, warf mir sogar Unmoral vor. Mein Mann hat dann alle Beziehungen zu seiner Familie abgebrochen. Jetzt sah ich mich erstmals gezwungen, über meine Hautfarbe nachzudenken. Es war eine Tortur. Du kannst Dir gar nicht vorstellen, was es bedeutet, Haßgefühle einer weißmachenden Ideologie in einem schwarzen Körper zu transportieren.

Mein Mann starb leider sehr früh, auch ein brasilianisches Schicksal, danach habe ich wieder geheiratet. Mein zweiter Mann stammte aus einer Mischehe von schwarz und weiß. Dieser Mann war offensichtlich schwarz, schon in seiner Hautfarbe, wurde aber im

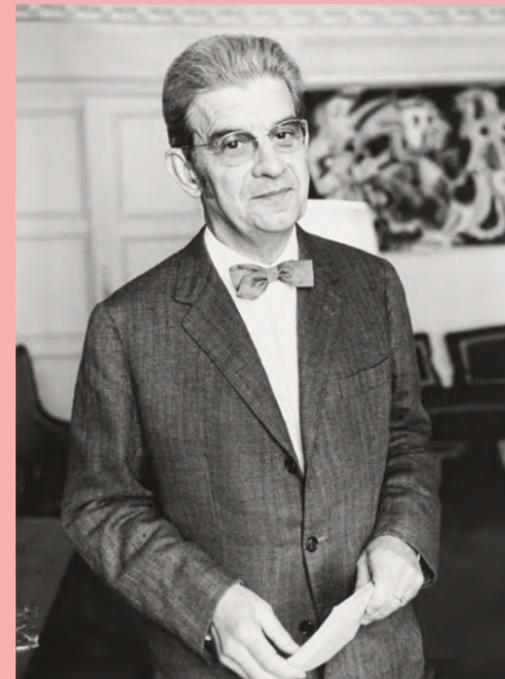


Lélia Gonzalez, África, 1979 | Acervo Lélia Gonzalez



Acima: Lélia Gonzalez, Bahia, 1981 | Acervo Lélia Gonzalez

Ao lado: Lélia Gonzalez, caricatura de Mario Floricio, 1979 | Mario Floricio/Acervo Lélia Gonzalez



Discípula de Lacan. Um "encontro" com Lacan e consigo mesma, Lélia tornou-se uma apaixonada pela psicanálise de Jacques Lacan | BOTTI/Gamma-Rapho via Getty Images

Oxum, divindade de matriz africana, Cartão Postal, 1979 | Acervo Lélia Gonzalez

O encontro com a psicanálise lacaniana e o candomblé, religião de matriz africana, representou a reconciliação de Lélia com suas origens, ancestralidade e com sua condição de mulher negra. Segundo seu massagista e amigo Luiz Dias: *Ela era muito curiosa, queria explicações para tudo. Parece que ela tinha uma inquietação interior. Ela tinha força mediúnica, estabelecia contato com "energias que a gente não vê". Nessa época, ela estava metida com essa história de regressão*¹⁵.

Seu filho Rubens Rufino relatou que a regressão era uma forma de compreender melhor sobre vidas passadas. Lélia buscava respostas para suas indagações, aflições e contradições, por isso lia sobre tudo: Allan Kardec, candomblé, astrologia. Sua inquietação inclinou-a à espiritualidade¹⁶.

Revelava-se, assim, outro lado da grandeza de Lélia Gonzalez, o de colaborar, com sua própria experiência, para desconstruir o imaginário sobre os negros considerados "bem sucedidos", frequentemente utilizados pela mídia para referendar e justificar o mito da democracia racial, na medida em que são apresentados como pessoas sem qualquer vestígio de terem enfrentado situações de racismo, ou se, vez por outra, se defrontaram com situações desse tipo, não foram afetadas.

15 Entrevista concedida por José Luiz Fernandes Dias à Schuma Schumacher, em 13 de outubro de 2011, no Rio de Janeiro/RJ, para o Projeto Memória — Lélia Gonzalez: O feminismo negro no palco da história.

16 Entrevista concedida por Rubens Rufino à Schuma Schumacher e Antonia Ceva, em 20 de outubro de 2011, em Brasília/DF, para o Projeto Memória — Lélia Gonzalez: O feminismo negro no palco da história.

Ao lado: Entrevista Lélia Gonzalez, Jornal *The Brasilians*, New York, EUA, 1984 | Acervo Lélia Gonzalez

O Racismo no Brasil é Profundamente Disfarçado

40 a 50 por cento da população brasileira é negra



Todos os exemplos oferecidos a uma criança negra são brancos. Vendo os comerciais da nossa televisão você pensa que está na Escandinávia, os modelos são brancos. O negro é festejado como jogador de futebol ou como sambista.

THE BRASILIANS: Há ou não há racismo no nosso país?

LELIA: O racismo no Brasil é profundamente disfarçado. Na divisão racial e sexual do trabalho a mulher negra sofre as duas discriminações. Vejam bem, as duas, e isso é conduzido historicamente, de forma muito sutil, disfarçadamente... assim tem sido... no campo, nos trabalhos muito importantes e fundamentais da economia nacional você encontra a mulher como um tódo — e a negra — sendo discriminada na escala social. Na vida urbana lá está a mulher doméstica — e a negra — no segundo ou terceiro escalão dessa vida. A mulher negra trabalha sem garantias, não tem carteira assinada — uma conquista já aceita pela nossa legislação trabalhista — não tem seus direitos de trabalhadora assegurados.

THE BRASILIANS: Nesses anos todos devem ter ocorrido mudanças, são básicas?

LELIA: A população negra brasileira, se encontra numa situação que não é muito diferente de há 90 anos atrás, pois as formas de dominação e exploração não acabaram com a falsa abolição, mas simplesmente se modificaram. Continuamos marginalizados na sociedade brasileira que nos discrimina, esmaga e empurra ao desemprego, subemprego, à marginalidade, negando-nos o direito à educação, à saúde e à moradia decente.

THE BRASILIANS: Desemprego, subemprego, marginalização, tudo isso atinge o brasileiro, em geral.

LELIA: É verdade que a crise espreme a todos. Só que com crise ou sem crise o negro está sempre numa escala inferior, padece dos males maiores, carrega uma carga pesada.

THE BRASILIANS: A luta do negro tem forma organizada, estruturada, ou continua meio na base do folclórico/musical/artístico?

LELIA: A luta do negro brasileiro vem desde que começou a escravidão. Não é de agora. Há mais de quatrocentos anos, quando se iniciava o processo de escravização no Brasil, começava também a reação dos negros. Os Quilombos dos Palmares, formados em 1595, foram os maiores e os que mais tempo duraram,

chegando a abrigar mais de 25,000 quilombolas — negros na sua maioria — mas também brancos e índios, que durante mais de cem anos estiveram em luta permanente pela sua liberdade e pela libertação de todos os oprimidos. O mais fiel a esses princípios de luta foi Zumbi, que não permitiu em nenhum momento qualquer tipo de acordo que significasse a continuidade da escravidão, que golpeasse as conquistas alcançadas pelos quilombolas, que limitasse a independência de Palmares. No dia 20 de novembro de 1695, Zumbi foi assassinado, juntamente com 20 companheiros, pelo bandeirante Domingos Jorge Velho que é apresentado como "herói" pela "história", na verdade ele foi um assassino de índios e negros. Continuando o processo de libertação do povo negro brasileiro, foi criado o Movimento Negro Unificado contra a discriminação racial, em 1978. Hoje esse movimento chega a Minas Gerais, Bahia, Espírito Santo, além do Rio e São Paulo e tem como objetivos básicos a denúncia permanente a todo o ato de discriminação racial, mobilizando e organizando a população negra. O dia 20 de novembro — morte de Zumbi — é o grande símbolo de nossa luta de libertação e o chamamos de Dia Nacional da Consciência Negra. Com apoio da Candido Mendes Universidade do Rio de Janeiro conseguimos levar à cabo o Primeiro Encontro Nacional das Entidades Afro-Brasileiras com delegações do centro, norte e nordeste. E reivindicamos entre outros pontos básicos uma justa, democrática e social divisão do trabalho (sem racismo), uma paridade na renda do trabalhador negro e da mulher negra com os demais segmentos da nossa sociedade e o fim ao racismo e às milhares discriminações existentes.

THE BRASILIANS: Sabemos que tanto aqui, como no Brasil, o negro lidera as manifestações artísticas, criando movimentos, e marcando a presença de uma cultura forte, histórica. Dos artistas negros, quais

verificamos que o mestiço, o homem e a mulher — aqueles que nós chamamos de côr brasileira — pode perfeitamente aumentar aquele total. O negro está localizado, em numero maior, na Bahia, Maranhão, Pernambuco, Sergipe, Minas e Rio de Janeiro.

THE BRASILIANS: E o Lugar de Negro, o livro que você escreveu com Carlos Hasenbalg?

LELIA: Estou satisfeita com os resultados. Nessa minha viagem, ele foi lançado nos Estados Unidos. Em Lugar de Negro abordamos o racismo no Brasil de duas dimensões — quase nunca examinadas em obras desse genero — combinamos o enfoque histórico com o estatístico da "democracia racial", um mito evidentemente, e o surgimento dos movimentos de consciência negra. Aproveitei para mencionar, nesta ocasião, o jornal o *Mulherio*, publicado em São Paulo e que tem dado uma grande contribuição ao movimento da mulher, em geral.

THE BRASILIANS: Qual é a população negra do Brasil e onde ela se concentra?

LELIA: O Brasil é um país culturalmente negro. Quem afirmar no Brasil — quase tódo — que não tem negro entre seus antepassados, ou que não tem sangue de negro, está equivocado, ou desconhece a nossa história e o nosso crescimento como Nação e como Gente. Estimamos a população negra no Brasil entre 40 a 50 por cento da população divulgada pelas estatísticas oficiais, se colocarmos num ótica mais correta, real,

os que tem uma atuação permanente, aberta?

LELIA: São muitos e muitos outros estão chegando, se abrindo, participando. A consciência negra cresce e se amplia pelo Brasil todo. Pela primeira vez temos no Congresso Nacional representantes da população negra, de forma consciente e não apenas política regional: Abdias Nascimento, e Aguinaldo Timoteo. Já temos um negro na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. Eu também sou Suplente da Câmara Federal e nas próximas eleições a representação negra será triplicada em todos os estados onde o nosso Movimento mobiliza a consciência negra.

No campo artístico temos excelentes companheiros, temos uma juventude participante... Não poderia deixar de citar aqui o Martinho da Vila quem vem tendo uma posição permanente, coerente, séria, em todos os aspectos. Sua própria obra musical é toda voltada para dar um sentido à nossa luta que engloba todos os desprotegidos da nossa sociedade. A música é o grande alimento das massas brasileiras, e, portanto, ela deve transmitir além de alegorias, sonhos e esperanças, mensagens da nossa vida diária, da nossa luta. Também devo falar de Zézé Mota, grande companheira, cantora, artista e que está fazendo o papel de Danda no filme *Quilombo*. Zézé é uma figura de destaque no nosso movimento. Tony Tornado, quem tem dedicado grande parte do seu tempo de profissional a causa do artista e do profissional negro...

THE BRASILIANS: E que tal essa ideia: o *The Brasilians* dará todo apoio à Primeira Semana Negra do Brasil nos Estados Unidos. Digamos em maio, por volta do 13 de maio, data símbolo. Conferências, filmes, podemos até lançar na ocasião o filme do Cacá Diegues — *Quilombo* — o Martinho da Vila, a Zeze Mota, etc. Podemos além do musical, artístico, mostrar as conquistas do movimento negro brasileiro aqui, num país, que tem uma história e uma população negra das mais importantes do mundo. Concorda?

LELIA: Claro. Achamos a ideia formidável. E a levarei para o Movimento, para as cátedras das Universidades, para os nossos mais expressivos representantes. Precisamos de todo apoio, pois seria uma Semana do Negro, mas estaríamos, no seu conjunto, promovendo a cultura, o idioma (o Português falado no Brasil é o mais africanizado do mundo), a música e estaríamos criando um laço de união entre as duas mais importantes populações negras do continente. Fico sensibilizada por ver essa demonstração espontânea de solidariedade.

LELIA: O racismo no Brasil é profundamente disfarçado. Na divisão racial e sexual do trabalho a mulher negra sofre as duas discriminações. Vejam bem, as duas, e isso é conduzido historicamente, de forma muito sutil, disfarçadamente... assim tem sido... no campo, nos trabalhos muito importantes e fundamentais da economia nacional você encontra a mulher como um tódo — e a negra — sendo discriminada na escala social. Na vida urbana lá está a mulher doméstica — e a negra — no segundo ou terceiro escalão dessa vida. A mulher negra trabalha sem garantias, não tem carteira assinada — uma conquista já aceita pela nossa legislação trabalhista — não tem seus direitos de trabalhadora assegurados.



Lélia Gonzalez, década de 1980 | Acervo Lélia Gonzalez

Desconstrução do branqueamento

O discurso de Lélia causava um efeito pedagógico em um contexto de exaltação da “democracia racial” que, ao reiterar sistematicamente a ausência de racismo e preconceito no Brasil, trazia como subtexto a mensagem de que as dificuldades enfrentadas pelos negros seriam de sua própria responsabilidade, se deviam às suas próprias características, ou à sua “natural” inferioridade como sustenta o pensamento racista! A esses jogos característicos do racismo “à brasileira”, Lélia Gonzalez jamais se prestou!

Para uma mulher negra, era uma experiência cártica estar diante de Lélia Gonzalez e ouvir aquela mulher que era capaz de escutar a nossa própria mente e nosso coração e vocalizar, sem medo, todas as angústias e sequelas produzidas pelo racismo. Se uma mulher negra, intelectual poderosa como aquela, podia dizer todas aquelas coisas sem pejo, então todas poderiam! Mais ainda, ao tornar público seu processo pessoal de desconstrução do branqueamento que o racismo impunha, Lélia arrastava consigo legiões de mulheres negras que, como ela, haviam assumido suas cabeleiras *black*, usavam roupas coloridas que valorizavam a negritude e aceitavam as suas características físicas e sua peculiar expressão de sexualidade¹⁷.

Por volta de 1981, Lélia sofreu um acidente de carro ao retornar do evento de inauguração da Rua Nelson Mandela, no bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro, em homenagem ao líder negro sul africano. A lesão causada pelo acidente levou Lélia a usar uma faixa na testa, para esconder a cicatriz. Esse novo acessório — que ela nunca mais abandonou — ditou uma tendência de moda e um estilo peculiar de Lélia, que combinava com suas roupas coloridas e exuberantes.



Astoria - março 1988
Foto Luiz Duailibe Valdo Costa e Angelo Sá (ALG) | Acervo Lélia Gonzalez

¹⁷ Entrevista concedida por Sueli Carneiro à Schuma Schumacher, em dezembro de 2011, no Rio de Janeiro/RJ, para o Projeto Memória — Lélia Gonzalez: O feminismo negro no palco da história.



Entrevista Lélia Gonzalez, Jornal Auê, Rio de Janeiro, 1981 | Acervo Lélia Gonzalez



— Qual foi o motivo desse Congresso na Dinamarca?

LG — Foi para fazer um balanço das atividades da década da mulher, que se iniciou em 1975.

— A que conclusão vocês chegaram?

LG — Concluímos que não houve grandes avanços. Discutimos temas como o desenvolvimento, a paz e a igualdade, mas percebemos que todo o terreno conquistado foi em consequência de uma iniciativa das mulheres, não por parte governamental. Somos nós, mulheres, que precisamos tomar uma iniciativa para mudar a situação.

— Como começou a conscientização da sua luta feminista?

LG — Através do casamento. Sou negra e casei com um homem branco. A mulher negra sofre uma discriminação

tríplice: social, racial e sexual. A questão racial está ligada diretamente ao feminismo e a mulher negra é o setor mais oprimido da sociedade. Basta lembrar que a distância salarial entre brancos e negros é maior do que entre homens e mulheres. Quando, em anúncios de jornais, surgem expressões tais como “boa aparência”, o significado é que não se apresentem candidatas negras.

— Qual a importância que você vê em toda essa luta?

LG — A militância é importante para despertar a conscientização e permitir a crítica. Na maioria das vezes, tanto a mulher quanto o negro internalizam a própria desigualdade. Os casos de violência para com a mulher e os negros ocorrem em consequência de um racis-

mo e machismo desenfreado. A lei facilita essa violência criando artifícios para inocular o opressor.

— Além de professora, qual o outro tipo de trabalho que você desenvolve?

LG — Sou membro da Comissão Executiva Nacional do Movimento Negro Unificado. Desenvolvo um trabalho prático como militante negra. Tenho escrito também muitos trabalhos publicados em outros países e que pretendo reunir num livro.

— Além do livro, que outros projetos tem em mente?

LG — Fui convidada para pesquisar por um ano sobre mulher negra nos Estados Unidos e vou pra lá.

— O que é ser feminista?

LG — É tomar consciência da sua condição de mulher.

2

FEMINISMO E ANTIRRACISMO - AS AMERICANAS



III Conferência Mundial sobre a Mulher, Nairobi, Quênia, 1985 | Acervo Lélia Gonzalez

A revolução cultural e sexual promovida pelos movimentos feministas na Europa e nos EUA, a partir da década de 1960, desafiará as mulheres brasileiras a reinterpretá-los à luz das características de nossa sociedade. Assim, contaminado por essas transformações, um importante conjunto de mulheres, do qual Lélia foi peça fundamental, empreendeu a revitalização do movimento feminista.

Sob o slogan, “Diferentes, mas não Desiguais”, travaram-se mundialmente lutas concretas em prol da construção de uma sociedade igualitária para as mulheres. Pressionada por vários grupos e lideranças mundiais, a Organização das Nações Unidas (ONU) instituiu o ano de 1975 como o Ano Internacional da Mulher e os anos de 1975 a 1985 como a Década da Mulher, em todo o mundo.

A necessidade de transformar o papel feminino difundiu-se nos mais variados países, independentemente do grau de seu desenvolvimento. No entanto, Lélia salientava que o Movimento Feminista encontrava-se: *preocupado, ora com a exploração de classe, ora com uma postura eminentemente antissexista, e faltou-lhe o entendimento da questão racial, pelo menos nos idos de 1970. Não queremos dizer, com isso, que tal incompreensão não perdure até os dias atuais*¹.

Os escritores Schumacher e Vital Brazil (2007) atentaram para o fato de que, na época, o movimento feminista estava centrado no enfoque de um gênero branco e ocidental. Não se mostrava hábil, o suficiente, para superar as próprias assimetrias que atingiam as mulheres, em especial as afrodescendentes.

Isso seria, ainda, determinante para a posição de classe das mulheres negras na sociedade brasileira. A urgência de elaborar uma agenda política específica motivou essas mulheres a criarem suas próprias organizações. Para o emergente Movimento Feminista, da década de 1970, esse posicionamento tinha o potencial de introduzir o divisionismo dentro de um grupo que lutava para se afirmar na sociedade. Porém, a questão racial não estava contemplada na pauta de discussões.

Sobre isso, a ministra da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) Luiza Bairros comenta que Lélia via o feminismo como um movimento de mulheres brancas, onde ela era a criadora de caso. Isso porque, no interior do movimento, havia um discurso estabelecido com relação às mulheres negras, um estereótipo: *as mulheres negras são agressivas, são criadoras de caso, não dá pra gente dialogar com elas etc.*².

Essa verbalização pública, por uma mulher negra, dos agravos produzidos pelo racismo sobre suas irmãs de cor, contrariava a narrativa consagrada em nossa sociedade brasileira. O discurso da democracia racial negava a existência de racismo no Brasil. E, por fim, o próprio Movimento Negro foi confrontado por essa posição de Lélia. Para ela, os companheiros de luta, embora com uma consciência muito avançada sobre as questões de raça e classe, reproduziam todas as práticas sexistas da sociedade brasileira, no que dizia respeito às especificidades das mulheres negras, suas companheiras de militância³.

Na verdade, essa constatação dolorosa acabou por levar as mulheres negras a se organizarem separadamente. Em consonância com essa visão, Lélia irá criar em 1978, no interior do MNU (Movimento Negro Unificado), o Centro de Lutas Luiza Mahin. Sobre isso, afirmava que a referência a Luiza Mahin⁴ era sintomática.

1 GONZALEZ, Lélia. Mulher negra e participação. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS, 1983.

2 BAIRROS, Luiza. Lembrando Lélia Gonzalez. Afro-Ásia, Salvador, n. 23, 2000. Seção Homenagem. Disponível em: <<http://www.afroasia.ufba.br/edicao.php?codEd=37>>. Acesso em: 12 jul. 2011

3 GONZALEZ, Lélia. O movimento negro na última década. In: HASENBALG, Carlos. *Lugar de Negro*. v. 3. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero LTDA, 1982.

4 A historiografia brasileira não conseguiu desvendar a origem de Luiza Mahin, não se sabe se veio da África, ou se nasceu em Salvador. No entanto, ela pertencia à nação nagô-jeje, da etnia Mahi, e dizia ter sido uma princesa na África. O que sabemos ao certo é que foi uma das lideranças femininas da “Revolta dos Malês”, em 1835, ocorrida no Estado da Bahia. Mãe de Luís Gama – poeta e um dos maiores abolicionistas do Brasil.



III Conferência Mundial sobre a Mulher, Encerramento da Década da Mulher, Nairobi, Quênia, 1985 | Acervo Lélia Gonzalez

*Ela repousava no fato de que, de início, as exigências do movimento negro nos pareciam muito mais importantes do que aquelas que nos diziam respeito enquanto mulheres; ou seja, a consciência racial se impunha com mais força que a sexual. Mas era a própria prática dentro do movimento negro que nos remetia à questão da discriminação sexual*⁵. (Lélia Gonzalez)

Disso decorre que os primeiros grupos organizados de mulheres negras surgiram exatamente no bojo do Movimento Negro (MN). Segundo Lélia: (...) *isto é plenamente compreensível, uma vez que é no MN que se tem a oportunidade de desenvolver toda uma consciência ideológica e política a respeito do racismo e de suas práticas, assim como do modo como a questão racial se articula com aquela da exploração de classes. Daí a compreensão de que a exploração sexual da mulher passa também a ser um componente de grande importância para o entendimento das relações de opressão e dominação em nossa sociedade*⁶.

Assim, o compromisso das mulheres negras com a transformação social era visto por Lélia como prioridade, pois como: *amefricanas, sabemos bem o quanto trazemos em nós a marca da exploração econômica e da subordinação racial e sexual. Por isso mesmo trazemos conosco a marca da libertação de todos e de todas*⁷.

5 e 6 GONZALEZ, Lélia. Mulher negra e participação. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS, 1983.

7 Texto “Lembrando Lélia Gonzalez”, de Luiza Bairros, disponível em: www.afrosia.ufba.br/pdf/afrosia_n23_p347.pdf.

A mulher negra é o grande foco das desigualdades sociais e sexuais existentes na sociedade brasileira. É nela que se concentram esses dois tipos de desigualdade, sem contar com a desigualdade de classes. O que percebemos é que, na nossa sociedade, as classificações sociais, raciais e sexuais fazem da mulher negra um objeto dos mais sérios estereótipos

Lélia Gonzalez

(em depoimento a "Cultne DOC - Pt. 1")



Na defesa de tais posições, Lélia Gonzalez trouxe à discussão os efeitos perversos que o patriarcalismo associado ao racismo produz sobre as mulheres negras: níveis mais amplos de exclusão social que mantêm as mulheres negras, em sua maioria, entre os extratos sociais que padecem de pobreza extrema; número maior de chefia de famílias; e rejeição estética especialmente no mercado de trabalho.

Ou seja, desde Lélia Gonzalez, se compreende que ser mulher e negra é ocupar um lugar peculiar na sociedade brasileira, recortado por múltiplas injunções que se potencializam para dificultar sua inserção social. No entanto, Lélia nos aponta que esse lugar peculiar pode determinar uma ótica original capaz de apreender ângulos, nuances e especificidades da sociedade. Isso porque a mulher negra pertence a um determinado gênero, a uma racialidade identificada e a uma classe social específica, situação que lhe permite esse olhar diferenciado e privilegiado sobre o seu lugar na sociedade.



Lélia Gonzalez, Ladeira dos Guararapes, Cosme Velho, Rio de Janeiro, década de 1980 | Acervo JG/Foto Januário Garcia



Veio de Minas, ainda menina que gostava de brincar, de correr pelos espaços amplos e livres da fazenda do interior. Veio com a mãe e os irmãos. Seu pai? Ficou por lá mesmo, com a esposa legal e os filhos idem. Rio de Janeiro, cidade grande onde a gente pode ganhar dinheiro e viver bem. Assim dissera sua mãe, cansada de trabalhar na fazenda e cansada daquele homem que lhe fizera três filhos, mas que nunca vivera com ela na mesma casa. Mas como chamar de casa aquilo onde moravam? Se era de sopapo, de pau a pique, de chão de terra batida, de telhado de sapê? No Rio eles teriam uma casa de verdade, pois ninguém ali tinha medo de trabalho; as crianças já estavam acostumadas ao trabalho na roça.

Além disso, a menina já estava com dez anos, ficando mocinha. Muito trabalhadeira, sabe? Daquele tamaninho, ela trepava num banquinho pra mexer doce naqueles taxos grandes, na cozinha da fazenda. Desde cedo já sabia lavar, passar, cozinhar e varrer o terreiro que nem um brinco. Tinha lá suas manias de correr que nem uma cabritinha no meio das outras; coisa de criança, né? Escola não. Era muito longe, quase meio dia de viagem a pé; e mesmo o trabalho na roça, na cozinha da fazenda, as miudezas pra fazer em casa não deixavam não. Se a gente tem saúde pra trabalhar, não precisa de mais nada. Deus ajuda a gente. De vez em quando chegava uma carta da prima, contando tanta coisa bonita do Rio que dava vontade de conhecer, de viver, de ter casa de verdade...

Foram morar numa favela que disseram que tinha sido um quilombo. A vista lá de cima é linda. Dá pra ver o mar, o Cristo, as casas grá-finas das madames lá de baixo e também quando o camburão vem pra dar uma blitz no morro. Primeiro a gente fica com medo, mas depois se acostuma. Quê que se pode fazer, né? Triste foi quando boate aquele troteiro e mataram o filho da vizinha ali de cima. Só tinha dezoito anos. Custaram pra levar pro necrotério e ele ficou ali, caído, uma porção de meses em cima. Marginal, sabe? Coitada da mãe, tanto sacrifício pra nada. A irmã dela, que mora naquele barraco perto do barranco, o marido está preso há uns cinco anos e tem mais uns dez pela frente. A coitada dá um duro danado pra sustentar os filhos. Trabalha de cozinheira num botequim lá perto da Central, carteira assinada e tudo. O emprego é bom porque sempre dá pra trazer umas coisinhas pras crianças comerem.

E a prima, muito animada, ia contando como era a vida ali. Parecia conhecer todo mundo. Trabalhava de arrumadeira numa das mansões do bairro aristocrático em que se situa a favela. Tinha quatro filhos e o marido trabalhava como sergente de pedreiro numa obra também próxima. Graças a ela, os recém-chegados conseguiram trabalho sem maiores dificuldades. A mãe como passageira, um dos meninos com o marido da prima, o outro como entregador numa lojinha de ferragens e a menina como babá.

Quase tão criança quanto as crianças de quem cuidava, seu primeiro emprego foi uma aventura deliciosa. A madame era muito boa e suas crianças tão alegres que dava gosto brincar com elas. Não era nem tomar conta. Dar banho, comida na boca, lavar e passar umas pecinhas era a coisa mais fácil do mundo, perto do trabalho na fazenda. Além disso, agora morava numa casa tão bonita que nem tinha saudade das correrias, das frutas tiradas do pé das mangueiras, jabo-tabeiras, romaneiras da fazenda. É certo que, uma vez por mês, tinha folga pra visitar a família. Mas o barraco de madeira, com chão de terra batida, nem dava pra se sentir incomodada com ele, pois sua casa era outra e a alegria de rever a mãe e os irmãos compensava o desconforto. Se só

Mulher negra: um retrato

voltaria ali no mês seguinte, por que se aborrecer? Mas um dia, tempos depois, teve de voltar pra valer. Tinha treze anos já e se tornara demasiado saudável e atraente para os olhos do irmão mais moço da madame, que tentou agarrá-la. Quando a viu assustada, chorando e contando o ocorrido, a patroa olhou-a desconfiada, pegou suas roupas e a devolveu à mãe. Não conseguia entender porque a madame ficara tão zangada com ela. Que foi que fizera demais para ser chamada de asanhada? Ah, essas madames são mesmo complicadas...

O novo emprego era muito bom porque muito próximo de casa. O trabalho de arrumadeira dava tempo até para assistir a novela das oito na televisão bonita que o doutor comprara para os empregados da casa. Aos sábados eram as festas ou os bailes junto com as colegas. E a vida corria gostosa que nem o riacho no qual se banhava lá na fazenda. Ficou melhor ainda quando, naquele baile em Niterói, conheceu aquele moço de terno branco e que dançava tão bem. O namoro começou naquele dia mesmo. O problema era a mãe dele, sabe? Tinha um salão de alisar cabelos lá por lados de Realengo. Ela se achava dona do filho e dizia que ele tinha de ajudar em casa, que era muito moço pra se amarrear com a primeira que aparecesse.

Nem chegaram a se casar: ela se perdeu com ele. Sua mãe e seus irmãos encararam com naturalidade o crescimento daquele ventre jovem e bonito. A criança nasceu e o pai a registrou de boa vontade. Mas o mesmo não aconteceu quando o segundo filho nasceu, pois ele se enrabixara por outra, com queia fora morar, deixando-a com a responsabilidade total das duas crianças. Mas a gente nunca está sozinha se tem família que apoia e se tem bons patrões. Eles eram tão bons pras crianças que nem valia a pena pensar que nunca se ofereciam pra assinar carteira. Também, de que adiantaria? Ela nem sabia ler. Como é que iria reclamar de alguém pra assinar uma carteira que ela nem sabia como ou onde tirar?

Mas criança muda tanto a vida da gente, né? O tempo dos bailes e das festas assim como veio, se foi. A gente muda tanto que começa a pensar no futuro, a ficar preocupada com uma porção de coisas. Não conseguia entender porque a mãe e os irmãos passaram a beber daquele jeito. O mais velho, que tinha até se casado direitinho com uma moça muito boa e trabalhadeira, seu ordenado mal dava pra beber tanto. Está certo que ele nunca conseguiu emprego melhor do que em obra, mas a mulher trabalhava, ajudava ele pra sustentar a casa. A mulher acabou se cansando de tanto ir buscar ele na biroca lá de baixo, caindo de porre. Foi embora de vez. Ai ele deixou de comer, pra beber o tempo todo. Ainda se lembra do dia em que, já doente, ele foi tomar aquela injeção na farmácia do seu Antônio. Teimou em beber depois da injeção tomada. Deu complicação e ele mal teve tempo de chegar em casa pra morrer. Tão moço ainda...

Graças a Deus que o mais novo não tinha se enrabixado por ninguém, pois estava no mesmo caminho do outro. A mãe, passava um bom tempo sem tomar uma gota, mas de vez em quando dava o seu desconto e sumia por uma semana. Lá pra casa da irmã, naquela favela que fica mais pra cima daqui. Nessas horas a vizinha do barraco do lado quebrava o galho, tomando conta das crianças enquanto ela ia por trabalho. Agora as crianças já eram três. O pai da última é um rapaz que trabalha de gari. Responsável, deu seu nome não só para o seu filho como também para a outra criança que, até então, não tinha sido registrada. Viver junto rão dá não, sabe? A gente briga que nem cão e gato por causa da mãe da gente. A mãe dele parece até com a mãe do outro.

É pior até. Faz tudo que pode pra ver a gente separado. Parece que o filho é só dela. Minha mãe, também, vive implicando com ele. Às vezes a gente fica um tempão sem se falar, sabe? É muito ciumento. Principalmente quando bebe. Ai a gente briga e fica sem se falar.

Graças a Deus não é igual ao marido daquela prima que é mãe de oito filhos. Quando ele toma suas canas, bate nela pra valer. Às vezes sobra até pras crianças. A sorte dela é que o filho mais velho, aquele pequeninho (nem parece ter doze

anos), já está trabalhando de entregador na farmácia. Meio expediente, sabe? De manhã ele vai pra escola e de tarde trabalha na farmácia; nas férias é que ele trabalha o dia inteiro. É muito caprichoso, sabe? Guardou do seu ordenadinho durante o ano inteiro e quando começaram as aulas ele comprou uniforme, caderno e lápis pros irmãos menores. Dá gosto de ver. A menina que vem abaixo dele, cuida da casa que nem gente grande. Lava, passa, cozinha, cuida dos irmãos menores e ainda vai pra escola. Está um pouco atrasadinha, pois não sai do segundo ano; mas também quem é que aguenta? Esse negócio de escola puxa muito pela cabeça da gente.

A minha mais velha também não gosta muito não. A professora vive reclamando que ela não presta atenção, que faz bagunça e que não vai passar. Disse até que vai mandar ela pra (como é que se diz mesmo?) psicóloga, que ela tem problemas. Mas burra ela não é não, sabe? Ninguém enganava ela no troco quando vai comprar as coisas pra casa. Pode ser é preguiçosa, isso sim. Tanto que não quis saber de aprender a música de natal que a professora ensinou e ficou de bagunça perturbando a aula. Agora, pede pra ela cantar o samba do bloco daqui do morro que ela canta direitinho a primeira e a segunda parte. Se o samba que é grande ela aprendeu logo, como é que não ia aprender uma musiquinha desse tamaninho? Só de preguiça, né? E olha que não é por falta da gente ensinar em casa.

A gente que é pobre tem de estudar pra ver se melhora de vida. A gente vê pelos filhos dos patrões da gente. Todo mundo estuda e vira doutor. Por que então a gente não ia querer que os filhos da gente estudem? Ao menos o primário completo, né? Ai já dá pra conseguir um empreguinho melhor, ganhar o salário, carteira assinada e até fazer o ginásio depois. Tem muita gente que estuda de noite e trabalha de dia. Aqui mesmo no morro, tem muita gente que faz isso. Eu até que tentei também. Mas não deu não. Já estou muito velha pra aprender essas coisas de escola; vou fazer vinte e sete anos. Criança é que tem cabeça fresca pra isso.

Acorda cedinho todos os dias. Põe a lata na fila da bica, adianta o almoço, prepara o café, acordada as crianças, lava a roupa mais pesada e desce pra ir pro emprego. Antes, deixa as crianças na escola. Quando é preciso levar as crianças ao médico, acordada de madrugada. Se a gente chega no posto às sete, a fila já está enorme, a gente pega número alto e só é atendida lá pro meio-dia. Então tem que ir bem cedo, né? E olha que aquela gente lá já não trata a gente muito direito não, sabe? Trata que nem cachorro. Só porque a gente é preto e pobre. Noutro dia, levei a minha mais nova lá porque estava tossindo muito, com febre e sem querer comer. A doutora nem pôs a mão nela pra examinar. Ficou de longe, perguntando uma porção de coisas e sem tocar na criança. Fiquei com tanta raiva que disse pra ela

que minha filha não era leprosa não. Será que a gente tem culpa de ter nascido assim?

Até aqui no morro a gente vê dessas coisas. Noutro dia meu garoto saiu no braço com o filho da dona Maricota. Coisa de criança que briga agora pra estar brincando depois. Mas ela tomou as dores do filho e veio reclamar dizendo que não gostava de preto por causa disso. Disse pra ela que quando precisasse de uma caneca de açúcar ou de uns dentinhos de alho, que não viesse pedir emprestado em casa de preto não. Que quando ela precisa, a gente é vizinha pra lá vizinha pra cá; que quando não precisa mais a gente vira negra suja, piranha e por aí fora. A sorte dela foi que o marido chegou e puxou ela pra casa. Numa hora dessas a gente pode perder a cabeça, né?

E ficou ali pensando no irmão que ficara desempregado há um ano, passado a viver de biscoitos e bebendo cada vez mais; na mãe idosa que de tarde tomava conta das crianças quando voltavam da escola, enquanto ela estava no emprego; na patroa bonita e cheirosa indo pra faculdade no carro novinho que o marido lhe derá; no barraco com uma parede caída desde a última chuva e em como arranjar dinheiro pra comprar umas madeiras naquela demolição lá de baixo.

E ainda chamam a gente de orgulhosa só porque a gente traz os filhos limpinhos, não vive por aí mostrando os dentes pra qualquer um e não pede nada a ninguém. Só porque a gente vive do trabalho da gente, sem homem pra ajudar nem nada e tendo que sustentar mãe e três filhos. Só porque a gente se dá com um vizinho ou outro, afora os parentes, chamam a gente de besta. Só porque a gente não se mete na casa dos outros pra bisbilhotar. Só porque a gente não fuma e nem bebe, a gente é orgulhosa? Como é que a gente pode ir pros ensaios do bloco se a gente sem não cansada do trabalho e nem lembra mais o que é dançar? Ainda mais agora, com aquela quadra fora do morro, cheta de gente bacana que nunca soube o que é vida de favela, pra que é que a gente vai lá? As crianças bem que gostam, mas são crianças. Pra elas tudo é motivo de brinquedo. Mas a gente que tem responsabilidade de cuidar delas, do futuro delas, da escola, da casa, da comida e da saúde delas, a gente não pode ficar aí igual quando a gente era mocinha.

E, sentada na porta do barraco, continuou mergulhada naqueles pensamentos, perguntando pelo por que de tantas coisas. Quem a visse de longe talvez se perguntasse sobre o que aquela figura trágica lembraria. E a resposta não era difícil de ser encontrada: a mulher-sentada-na-porta-do-barraco era a própria Solidão.

Lélia Gonzalez

Um time completo de marginais

Queda de Braço

Uma antologia de contistas mal comportados, danados, lampiônicos, satânicos, bêbados, travessos e nem um pouco deslumbrados, organizada por Glaucio Matoso e Nilto Maciel.

Cr\$ 120,00

Pedidos pelo Reembolso Postal à Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. Caixa Postal 41031, Rio de Janeiro — RJ



Evento SECNEB - Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil, Cachoeira, Bahia, 1981 | Acervo Lélia Gonzalez
Lélia Gonzalez. Artigo Mulher negra: um retrato, Jornal Lâmpião da Esquina, Rio de Janeiro, 1979 | Acervo Lélia Gonzalez

Essa visão impulsionará a mobilização e a organização das mulheres negras. Quando um grupo de mulheres se reuniu na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), no ano de 1975, para comemorar o Ano Internacional da Mulher, designado pela ONU, lá estavam as mulheres negras denunciando a exploração e a opressão a que eram submetidas⁸.

Essa presença tornou-se recorrente, em eventos posteriores, fortalecendo as agendas políticas desse segmento.

Lélia apontou, ainda, as formas particulares de violência, abuso e assédio sexual que os estigmas e estereótipos raciais produziam sobre as mulheres negras desde os tempos coloniais. Em uma de suas falas mais cruas sobre esse processo de atribuição de uma sexualidade estigmatizada às mulheres negras, Lélia denunciava a maneira pela qual a iniciação sexual dos homens brancos se dava pela apropriação sexual das escravizadas negras, submetidas ao poder patriarcal colonial. Tratava-se de um momento histórico, no qual as mulheres brancas se achavam confinadas no espaço doméstico e sua sexualidade estava sob o absoluto controle do poder masculino e só podia ser exercida para fins de reprodução, conforme as rígidas regras da moralidade da época que, "naturalmente", só se aplicavam às mulheres brancas.

Esse comportamento masculino em relação às mulheres negras irá se reproduzir, no período pós-abolição, no impune assédio sexual às trabalhadoras domésticas, sendo perceptível também na forma estereotipada de representar as mulheres negras como mulatas.

8 GONZALEZ, Lélia. Afro-Ásia. Salvador, n. 23, 2000. Seção Homenagem. Disponível em: <<http://www.afroasia.ufba.br/edicao.php?codEd=37>>. Acesso em: 12 jul. 2011.

“Como se explica esse ‘esquecimento’ por parte do feminismo? A resposta, na nossa opinião, está no que alguns cientistas sociais caracterizam como racismo por omissão e cujas raízes, dizemos nós, se encontram em uma visão de mundo eurocêntrica e neocolonialista da realidade”

Lélia Gonzalez



Lélia Gonzalez, Coretta Scott King, e Benedita da Silva, década de 1980 | Acervo Lélia Gonzalez



Lélia Gonzalez. III Congresso Afro-Brasileiro. Recife, Pernambuco, 1982 | *Acervo Lélia Gonzalez*

Analisando as reflexões de Lélia sobre o imaginário corrente na sociedade em relação às mulheres negras, o pesquisador Alex Ratts aponta que: *Lélia Gonzalez identifica que as mulheres negras no espaço público em geral e do entretenimento, em especial no âmbito carnavalesco, eram vistas como mulatas. Figura que permeia o imaginário colonial escravista brasileiro, se reconstituindo no período republicano em que floresce o mito da democracia racial (...)?*

Ratts percebe que, em Lélia, o engendramento da mulata e da doméstica se fez a partir da figura de mucama. E, pelo visto, não é por acaso que, no [dicionário] Aurélio, a outra função da mucama está entre parênteses [amásia escrava]. Deve ser ocultada, recalcada, tirada de cena. Mas isso não significa que não esteja aí, com sua malemolência perturbadora. E o momento privilegiado em que sua presença se torna manifesta é justamente o da exaltação mítica da mulata nesse entre parênteses que é o Carnaval. Quanto à doméstica, ela nada mais é do que a mucama permitida, a da prestação de bens e serviços, ou seja, o burro de carga que carrega sua família e a dos outros nas costas. Daí, ela ser o lado oposto da exaltação; porque está no cotidiano (...). Como se pode observar, a autora divisa uma imagem no espaço público e outra no espaço privado, mas apreende que ambas se prolongam de um âmbito para o outro assim como as imagens referidas de mulata e doméstica.

9 RATTTS, Alex. Comunicação apresentada no XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Salvador, 07 à 10 de agosto, 2011

Duplo pertencimento

Lélia Gonzalez participava de dois movimentos sociais: o movimento feminista e o movimento negro, entre os quais ela atuava como mediadora, partilhando perspectivas e reivindicações, bem como uma história de violências e opressões. Esse duplo pertencimento fazia com que seu feminismo incorporasse, sempre, a sensibilização e parceria dos homens no processo de emancipação das mulheres, ao contrário do que era corrente na época, sobretudo para a construção de relações mais igualitárias na vida privada. Por isso para Lélia: *A questão da sexualidade tem que ser discutida num nível mais amplo e não no nível do orgasmo, pura e simplesmente. Estou propondo um orgasmo muito maior, um prazer e uma felicidade muito maiores. [...] Precisamos assumir uma posição mais equilibrada em termos dessa relação homem/mulher, por que eu não sou mulher sozinha, eu sou mulher com um homem, e é nessa relação que eu vou afirmar a minha "mulheridade", numa relação de troca com o homem, se não a gente dança. E esses valores da cultura africana estão lá esquecidos no inconsciente da gente, e têm muito a contribuir no sentido do equilíbrio da relação homem/mulher*¹⁰.

10 MNU Jornal, [S.I.], n. 19, maio/jul. 1991. Entrevista. p. 08-09



III Conferência Mundial sobre a Mulher. Lélia e outras militantes. Encerramento da Década da Mulher, Nairobi, Quênia, 1985 | *Acervo Lélia Gonzalez*

E a trabalhadora negra, cumé que fica?

Lélia estudou as condições históricas de inserção das mulheres no mundo do trabalho e chamou a atenção para a manutenção, do passado até o presente, de ocupações majoritariamente exercidas pelas mulheres negras. Identificou essa situação com a ideologia racista que impõe a essas mulheres a subalternidade social como destino.

A condição das mulheres negras como trabalhadoras domésticas será objeto de um artigo de Lélia intitulado provocativamente "E a trabalhadora negra, cumé que fica?": *Nossa situação atual não é muito diferente daquela vivida por nossas antepassadas: afinal, a trabalhadora rural de hoje não difere muito da "escrava do eito" de ontem; a empregada doméstica não é muito diferente da 'mucama' de ontem; o mesmo poderia dizer-se da vendedora ambulante, da "joaninha", da servente ou da trocadora de ônibus de hoje, e "escrava de ganho" de ontem*¹¹.

A luta pela regulamentação do trabalho doméstico havia iniciado na década de 1940, por um grupo de mulheres integrantes do Teatro Experimental do Negro. A legislação trabalhista, recém-criada no governo Getúlio Vargas, não assegurava os mesmos direitos às trabalhadoras domésticas. Com isso, o Conselho Nacional das Mulheres Negras, presidido pela jornalista Maria do Nascimento, fundou a Associação das Empregadas Domésticas. No entanto, somente na década de 1970, essa classe foi contemplada com algumas garantias.

¹¹ GONZALEZ, Lélia. E a trabalhadora negra, cumé que fica? *Mulherio*, São Paulo,



A presidente da Associação das Empregadas Domésticas expõe o plano de trabalho da instituição

INCLUSÃO DAS DOMÉSTICAS NO QUADRO DOS TRABALHADORES

Férias, Aposentadoria e Instrução, Primeiras Reivindicações — Uma Associação Para Promover a Congregação da Classe

Todos os direitos que as leis trabalhistas asseguram para os trabalhadores em geral terão sua aplicação defendida para as empregadas domésticas, através da recém-criada Associação das Empregadas Domésticas, criada por iniciativa do Conselho das Mulheres Negras,

Integrante do Teatro Experimental do Negro. Preside a Associação a sra. Maria do Nascimento e já se estão organizando dois serviços de assistência: o jurídico, entregue à advogada Gulomar de Matos e o cultural, que iniciou suas atividades abrindo inscrições para um curso de alfabetização.

50

Inclusão das Domésticas no Quadro de Trabalhadores. In. *Diário Carioca*, 27 de agosto de 1950 | Acervo Abdias Nascimento, Ipeafro.



Lélia Gonzalez e outras lideranças. Dia Nacional da Consciência Negra, Serra da Barriga, Alagoas, 1981. Na foto Abdias do Nascimento faz um discurso em homenagem às guerreiras e guerreiros de Palmares | Acervo JG/Foto Januário Garcia



Lélia Gonzalez. Dia Nacional da Consciência Negra, Serra da Barriga, Alagoas, 1981. Na foto Abdias do Nascimento – num ato simbólico – beija a terra de Palmares | Acervo JG/Foto Januário Garcia

Por um Feminismo Afrolatinoamericano

Lélia não se limitou à crítica do movimento feminista branco. Ela também se deteve naquilo que considerava desvios do emergente feminismo negro, pois não representava a trajetória das mulheres negras das classes populares, não traduzia suas necessidades prioritárias e nem dialogava com suas expressões culturais próprias.

Para equacionar essas contradições, ela apontava que as amefricanas, as mulheres da diáspora africana na América Latina e no Brasil, teriam resistência ao feminismo por não se verem nele representadas e por seu discurso lhes parecer algo distante de suas experiências e de seus cotidianos. Segundo Lélia: *Herdeiras de outra cultura ancestral, cuja dinâmica histórica revela a diferença pelo viés das desigualdades raciais, elas, de certa forma, sabem mais de mulheridade do que de feminidade, de mulherismo do que de feminismo. Sem contar que sabem mais de solidariedade do que de competição, de coletivismo do que de individualismo*¹².

Com essa posição, Lélia irá confrontar o feminismo latinoamericano no artigo Por um Feminismo Afrolatinoamericano: (...) *apesar de suas contribuições fundamentais para a discussão da discriminação por orientação sexual, não aconteceu o mesmo com outros tipos de discriminação, tão grave como aquela sofrida pela mulher: a de caráter racial*¹³.

Ainda nesse artigo, destaca a dívida histórica que o feminismo tem com a luta dos direitos civis na América liderada por Martin Luther King, sabedora que, desse processo, as mulheres brancas norte-americanas foram grandemente beneficiadas. Para ela, as importantes contribuições do movimento dos direitos civis, nos Estados Unidos, impulsionaram a mobilização do movimento feminista norte-americano e do orgulho gay, dentre outros.

12 RATTs, Alex. As amefricanas: Mulheres negras e feminismo na trajetória de Lélia Gonzalez. In: FAZENDO GÊNERO 9, DIÁSPORA, DESLOCAMENTOS, 2010, Florianópolis. Anais eletrônicos... Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero - UFSC, 2010. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/site/anaiscomplementares>

13 GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afrolatinoamericano. In: *Revista ISIS Internacional*, Santiago, n. 9, jun. 1988.

Situação inversa a da sociedade brasileira, na qual a ascensão do movimento feminista motivou a criação de outros grupos de resistência, tais como: grupos de mulheres negras, grupos de mulheres negras lésbicas, grupos LGBT, dentre outros¹⁴.

Nesse processo de deslocamento de uma concepção eurocêntrica do feminismo latino americano, Lélia delineia uma proposta de “outro”, o afrolatinoamericano, tomando como paradigma a figura histórica e heróica de Nanny, guerreira e mãe de seu povo na Jamaica, que constitui-se, como Zumbi, entre nós, num dos pilares da amefricanidade¹⁵.

À Nanny corresponderiam, na história brasileira, mulheres negras “esquecidas” por longo tempo por nossa historiografia como Dandara, Aqualtune, Maria Felipe, Luiza Mahin entre tantas que começam a adquirir visibilidade graças ao esforço, sobretudo, de ativistas, feministas e pesquisadoras.

O Projeto Memorial Zumbi, do qual Lélia fazia parte, realizou um ato solene na Serra da Barriga, Alagoas, em homenagem a Zumbi e a todas as guerreiras quilombolas que lutaram heroicamente contra a escravidão. Nesse evento, Abdias do Nascimento, liderança negra, beijou o chão de Palmares num gesto simbólico.

Lélia identificou nessas personagens históricas traços comuns que simbolizam as estratégias utilizadas pelas mulheres negras, no contexto colonial, em defesa de suas comunidades, de seus valores culturais e tradições. Em distintos momentos, ela destacou a figura da mãe preta como aquela que melhor representa a resistência negra contra a escravidão. Dessa perspectiva, Lélia cunhará a categoria de amefricanidade.

É nessa matriz histórica, segundo Lélia, que as amefricanas devem buscar inspiração para construir sua concepção feminista, pois há nela um patrimônio libertário que deveria ser recriado e atualizado constantemente pelas mulheres negras em suas lutas por emancipação e reconhecimento no presente.

14 GONZALEZ, Lélia. Amefricanidade: Nanny. *Humanidades*, Brasília, ano 5, n. 17, p. 23-25, 1988.

15 GONZALEZ, Lélia. Amefricanidade: Nanny. *Humanidades*, Brasília, ano 5, n. 17, 1988. p. 23-25

Para além de seu caráter geográfico, amefricanidade designa todo um processo histórico de intensa dinâmica cultural (resistência, acomodação, reinterpretação, criação de novas formas) referenciada em modelos africanos e remete à construção de toda uma identidade étnica.

Lélia Gonzalez, *Revista Humanidades*: p. 23

De acordo com o pesquisador Alex Ratts (2010), esse conceito ‘mulherismo’ é uma tradução livre de Lélia Gonzalez para o termo ‘womanism’ criado pela escritora afro americana Alice Walker, conhecida por sua obra “A cor púrpura”. WALKER, Alice. *The color purple*. United States: Harcourt Brace Jovanovich, 1982.



capa: Elisa von Randow

Organizado por Flávia Rios e Márcia Lima, “Por um Feminismo Afro-Latino-Americano” (2020) compila em um só volume uma ampla visão da obra desta pensadora. Os textos foram produzidos durante um período efervescente que abarca quase duas décadas de história, de 1979 a 1994, refletindo os anseios democráticos do Brasil e de outros países da América Latina e do Caribe¹.

1 GONZALEZ, Lélia. *Por um Feminismo Afro-latino-americano*. RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (Orgs.). Editora: ZAHAR, Rio de Janeiro, 2020.



Charge Crítica à Lei do Ventre Livre (DIABO A QUATRO, 1878 | Arquivo Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano)



Lélia Gonzales. Dia Nacional da Consciência Negra, Serra da Barriga, Alagoas, 1981 | Arquivo JG/Foto Januário Garcia

Ao lado: Lélia Gonzales. Artigo "Mulher negra, essa quilombola", Jornal Folha de São Paulo, São Paulo, 1981 | Arquivo Folha de São Paulo

Mulher negra, essa quilombola

Lélia Gonzales

De repente, o grande público toma conhecimento da importância do 20 de Novembro para nós, negros deste País. Justamente porque a morte de Zumbi transfigura-se no ato, que, por excelência, aponta para a vida. Ao morrer, Zumbi continuou vivo, permanecendo na consciência de seu povo e também na dos opositores desse povo.

PALMARES, SOCIEDADE ALTERNATIVA

No primeiro caso, transformou-se no símbolo da resistência e da luta por uma sociedade alternativa, onde negros, índios e brancos fossem considerados a partir daquilo que os torna iguais: sua humanidade, e organizados a partir dos critérios democráticos com a justa distribuição dos frutos de seu trabalho. E não há dúvida de que Palmares foi a primeira tentativa de criação dessa sociedade igualitária, onde existiu uma efetiva democracia racial. Por aí se pode compreender porque os movimentos negros do período pós-abolição tiveram nela e em Zumbi a garantia histórica e simbólica de suas reivindicações. E não foi por outra razão, que, em 1978, em memorável assembléia realizada em Salvador, o Movimento Negro Unificado estabeleceu o 20 de novembro como o Dia Nacional da Consciência Negra.

No segundo caso, ele personificou a ameaça da perda de privilégios de raça e classe, sempre presente e perigosa para o dominador. Não é por acaso que Zumbi se encontra no imaginário popular nordestino, caracterizado como um malvado demônio noturno que rouba crianças mal comportadas (o que, aliás, não deixa de ser uma bandeira)

O PAPEL DA MULHER NEGRA

Mas cabe aqui uma pergunta: onde é que a mulher negra entra nesse papo? Será que vamos falar de Dandara ou de Luísa Mahim? Não, especialmente. Mas enquanto quilombolas, não há dúvida. É claro que, aqui, o termo está sendo tomado num sentido mais amplo, metafórico mesmo. A mulher negra tem sido uma quilombola exatamente porque, graças a ela, podemos dizer que a identidade cultural brasileira passa necessariamente pelo negro. E, numa primeira aproximação, podemos afirmar que ela só tem a ver com os dois tipos de permanência de Zumbi na cabeça da moçada. Tentemos explicar.

Enquanto escrava, ela foi dirigida para diferentes tipos de trabalho, que iam desde aquele no campo (plantação de cana, de café etc) até o trabalho doméstico. No primeiro caso, enquanto escrava do eito, ela estimulou os companheiros para a revolta, a fuga e a formação de quilombos. Enquanto habitante destes últimos, ela participou, como em Palmares, das lutas contra as expedições militares destinadas à sua destruição, nunca deixando de educar seus filhos dentro do espírito antiescravista, anticolonialista e anti-racista.

Em termos de trabalho doméstico, vamos encontrá-la na função de mucama e/ou ama de leite. Nessas circunstâncias, ela mantém um contato direto com seus senhores, assim como com tudo aquilo que tal contato implicava (desde a violência sexual e os castigos, até a reprodução da ideologia senhorial). Mas foi justamente a partir daí que ela fez a cabeça do dominador, sobretudo, ao exercer a função materna enquanto "mãe preta".

RESISTÊNCIA PASSIVA

De acordo com opiniões meio apressadas, a "mãe preta" representaria o tipo acabado da negra acomodada, que passivamente aceitou a escravidão e a ela correspondeu da maneira mais cristã, oferecendo a face ao inimigo. Acho que não dá para aceitar isso como verdadeiro, sobretudo quando se leva em conta que sua realidade foi vivida com muita dor e humilhação. E justamente por isso, não se

pode deixar de considerar que a "mãe preta", também desenvolveu as suas formas de resistência: a resistência passiva, cuja dinâmica deve ser encarada com mais profundidade.

Papo vai, papo vem, ela foi criando uma espécie de "romance familiar", cuja importância foi fundamental na formação dos valores e das crenças do nosso povo. Conscientemente ou não, ela passou para o brasileiro branco as categorias das culturas negro-africanas de que era representante. Foi por aí que ela africanizou o português falado no Brasil (transformando-o em "pretuguês" e, conseqüentemente, a cultura brasileira. E, no caso nordestino, foi contando história pro "sinhozinho" que ela transou o Zumbi enquanto figura ameaçadora de crianças malcriadas. Pois é...

A situação da mulher negra hoje, não é muito diferente de seu passado de escravidão. Enquanto negra e mulher, é objeto de dois tipos de desigualdades que fazem dela o setor mais inferiorizado da sociedade brasileira. Enquanto trabalhadora, continua a desempenhar as funções modernizadas da escrava do eito, da mesma mãe e companheira, continua aí, sozinha, a batalhar o sustento dos filhos, enquanto o companheiro, objeto da violência policial, está morto ou na prisão, ou então desempregado e vítima do alcoolismo. Mas seu espírito de quilombola não a deixa sobrar.

MARLI MULHER

Acordar cedo, pegar água na bica, deixar as coisas adelantadas para que a filha mais velha termine, trabalhar nas casas de madames ou como servente no supermercado. Voltar à noite, lavar umas "roupinhas", acordar mais cedo no dia seguinte pra enfrentar a fila no posto de saúde, porque uma das crianças está doente, etc, etc... Nada disso a faz esmorecer. Em matéria de dupla função, estratégias de sobrevivência e coisas que tais, ela é escolástica. E, muitas vezes, pensamos em Marli Soares, ela sempre dá um jeito de ir ao samba pra exercer sua ludicidade e com todo o direito. Corte um carnaval como ninguém e adora desfilar na avenida. E não deixa de ir ao terreiro ou ao centro, porque põe fé nos orixás ou nos gulas. Pode ter medo de barata mas de polícia não. E se a isto se acrescenta um mínimo de consciência política, a gente sabe no que vai dar.

Por aí dá pra entender porque o primeiro passo que a mulher negra dá, em termos de conscientização, tem a ver com a luta contra o racismo, posto que não só ela, mas seus filhos, irmãos, parentes, companheiro, amigos e conhecidos dele são vítimas. Depois é que ela "saca" o lance do sexismo. Sua participação nos movimentos negros foi e tem sido cada vez mais intensa, da maior significação. Quando a gente anda por este Brasil agora e conhece os movimentos negros regionais, uma coisa se evidencia com a maior clareza: a presença crescente, e muitas vezes majoritária do mulherio. E, ainda mais, dá pra perceber que as lideranças desses movimentos, em muitos casos, é dela, mulher negra. O que não é de espantar, pois, enquanto setor mais explorado e oprimido, e consciente disso, ela vê muitas coisas do sistema não só na sua estratégia de exploração dos trabalhadores, mas enquanto organização racista e sexista. Conseqüentemente, sua luta se dá em três frentes, e quanto mais desenvolve sua prática em termos de movimento, mais sua lucidez e sua sensibilidade se enriquecem. De repente, ela acaba tendo um jogo de cintura muito maior do que acreditava possuir.

HERDEIRA DOS QUILOMBOLAS

Nesse sentido, ela é a grande herdeira dos quilombolas, como Dandara e Luísa Mahim, de Tia Ciata e Mãe Senhora, mas

sobretudo da grande massa anônima que na casa grande ou na senzala, no eito ou nos quilombos, no candombê ou na umbanda, nos ranchos ou nos afóxes, garantiu a sobrevivência de todo um povo, enquanto raça e cultura.

Aqui nas Alagoas, um grupo de mulheres negras de diferentes Estados, representantes ou não de movimentos negros, preparou-se para subir a Serra da Barriga, onde se situava a capital de Palmares, o Mocambo do Macaco. O projeto do Memorial Zumbi, do qual fazemos parte, realizou um ato solene, uma homenagem a

Zumbi, no 20 de novembro. Enquanto isso, no resto do País, uma série de eventos estavam acontecendo neste Dia Nacional da Consciência Negra, promovidos pelos movimentos negros. E lá, no alto da Serra, durante a solenidade, ficamos pensando naquelas palmarinas, que preferiram matar os próprios filhos e se suicidarem em seguida, para não se deixarem escravizar.

Lélia Gonzales é antropóloga e militante do movimento negro.



Há muita coisa ainda a recalcar ó linda mucama negra, carne perdida...



...noite estancada, rosa trigueira, maga primeira. ("Anélia negra", Jorge de Lima).

Representantes negros discutem o MNU.

A consciência negra e a comunidade

A questão crucial é como articular a luta em torno de um programa identificado com as necessidades concretas e imediatas dos negros brasileiros.

Entrevistas a Hamilton Cardoso

O grande momento dos "magos" políticos do regime deu-se quando concluíram que a tradição autoritária da sociedade brasileira poderia impor-se facilmente à diversidade política e ideológica. Conseguiram, assim, estabelecer a mais completa confusão nas oposições, criando um caminho indefinido diante das redefinições políticas dos "democratizantes" do regime. Agilidade política tornou-se a palavra de ordem, desmascarando um elemento essencial, mas até então apenas implícito na articulação dos grupos políticos da sociedade: a sua vocação para o poder. Esta, talvez, seja uma das razões de certa inércia atual das mobilizações anti-raciais dos negros.

ERROS NECESSARIOS

José Adão de Oliveira, membro da Executiva Nacional do Movimento Negro Unificado parece valer-se dessa análise para explicar certas características atuais do movimento negro. Ele admite a existência de crise política na organização dos movimentos, mas ressalta a existência "do desenvolvimento da consciência negra, muitas vezes, vinculada ao desenvolvimento de uma nova consciência sindical na sociedade brasileira". Para ele, a questão é "como articular um programa comum e

objetivo identificado com as necessidades concretas e imediatas da comunidade negra, para, a partir daí, organizá-la em sua luta contra a discriminação racial e por melhores condições de vida".

Quem tende a concordar com ele é a reverenda Adigali da Silva, pós-graduada em Comunicações no Instituto Metodista de Rudge Ramos, para quem "falta um projeto político que permita ao movimento negro superar a sua primeira fase de juventude, onde cometeu erros, através de uma política vanguardista que o desgastou em alguns setores da comunidade e mesmo da sociedade como um todo". Erros necessários, no entanto, "porque o movimento Negro, especialmente o Movimento Negro Unificado, conseguiu causar um impacto muito grande na sociedade, atingindo não apenas os negros mas até as instituições" como aquela a que ela pertence — a Igreja Metodista, onde alguns negros "criados no mundo dos brancos e para o mundo dos brancos, começaram a se perceber como negros de uma Igreja branca". E debatem as suas contradições dentro dela.

CONQUISTAS

"Legitimar a luta contra o racismo foi a grande conquista do Movimento Negro"

3

VALORIZANDO A CULTURA
PARA ENFRENTAR O
RACISMO E O SEXISMO



Uma leve distensão do regime militar, no final dos anos 1970, consolidou a possibilidade e esperança de redemocratização da sociedade. Com isso, os movimentos de resistência social ressurgiram com ideais de democracia e cidadania. Nessa efervescência, emergiram novos grupos de militantes negros, outros se estruturaram e, assim, várias entidades de combate ao racismo despontaram na sociedade brasileira.

No Rio de Janeiro, já ocorria o encontro permanente da massa de negros anônimos através do movimento *soul*, que ficou conhecido como *Black Rio*, uma mistura de *funk*, *samba* e *jazz*.

O ator Tony Tornado, recém chegado de uma temporada nos Estados Unidos, se apresentou no V Festival Internacional da Canção, com o Trio Ternura, e trouxe toda uma estética da resistência negra norte-americana. Arrancou gritos da platéia presente, interpretando a canção BR-3 e fazendo passos do cantor negro James Brown.

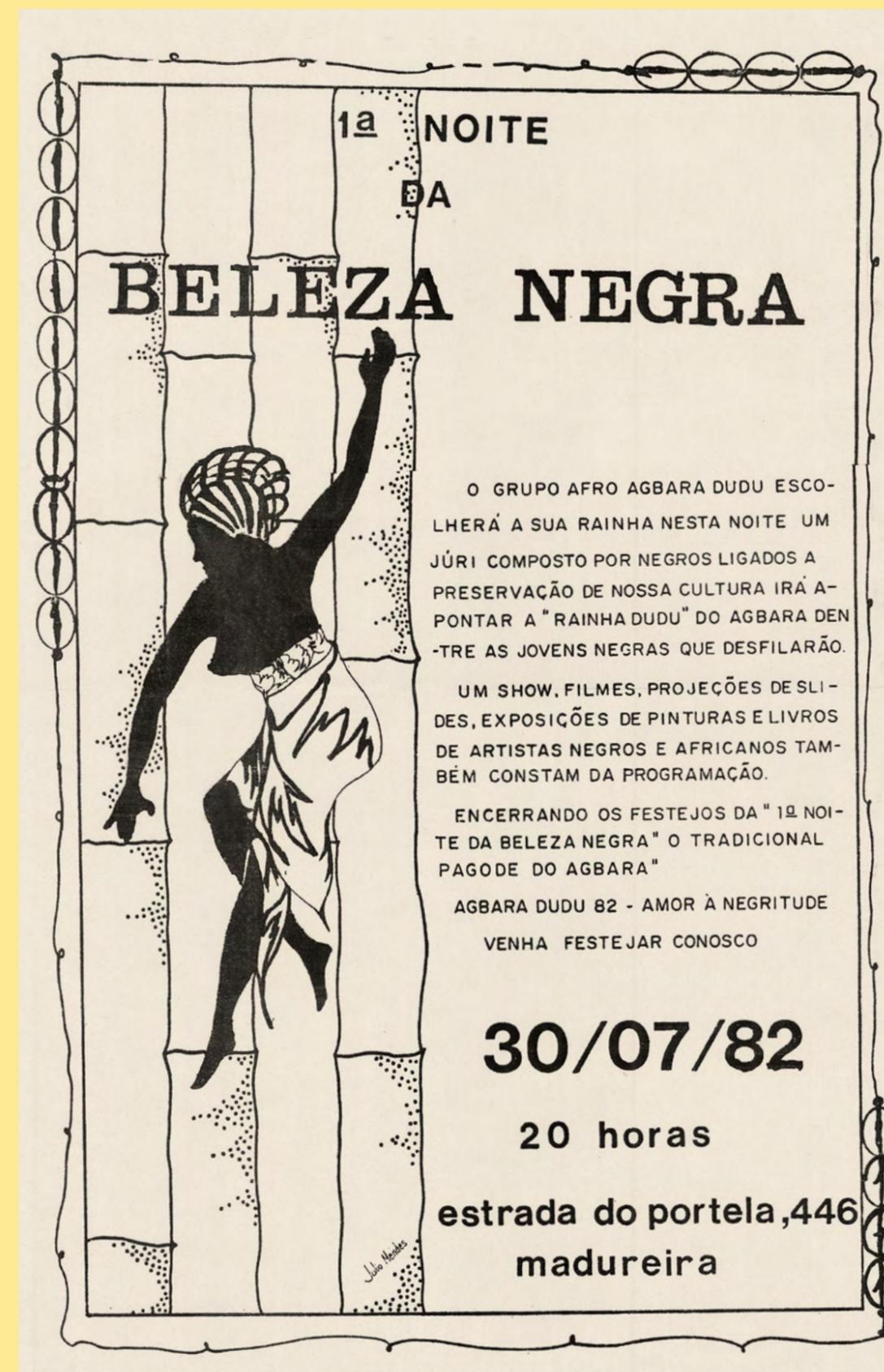
A jornalista Lena Frias (1944 - 2004), uma das maiores divulgadoras da cultura popular brasileira, na época, do *Jornal do Brasil*, escreveu diversas reportagens sobre esse fenômeno que trouxe, além da música, uma estética muito marcante: cabelo *Black Power* e roupas coloridas¹. Na concepção de Lélia, esse movimento significava a comunidade negra jovem resistindo aos mecanismos de exclusão que o sistema lhe impunha. Para ela, a cultura devia ser pensada como um elemento de conscientização política.

Os fenômenos do *Black Rio*, do *Black São Paulo* e da Noite da Beleza Negra, em Salvador, para além de uma valorização estética, representaram um momento de conscientização política e valorização de uma identidade negra. O sentido de pertencimento étnico fortalecia um movimento negro que estava ressurgindo.

Nesse período, o regime militar controlava a vida política, social e cultural do país. No entanto, a censura imposta pelo Ato Institucional nº 5 não intimidou a organização de festivais, congressos e a criação de centros de pesquisas. Outros espaços estratégicos eram planejados para discutir os rumos do país.

No ano de 1974, Lélia participou das Semanas Afro-Brasileiras, entre os dias 30 de maio a 23 de junho, no Rio de Janeiro, promovidas pelo Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA) e pela Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil (SECNEB) de Salvador, com a colaboração do Museu de Arte Moderna.

¹ FRIAS, Lena. O orgulho (importado) de ser negro no Brasil. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 jul. 1976. Caderno B, p. 4-6.



Folder da 1ª Noite da Beleza Negra, Grupo Afro Agbara Dudu, Rio de Janeiro, 1982 | Acervo Lélia Gonzalez

*Lélia nos ajudou a entender melhor o racismo como uma ideologia de dominação social que fomenta políticas discriminatórias e racistas*¹.

Januário Garcia

¹ Entrevista concedida por Januário Garcia à Schuma Schumacher e Antonia Ceva, em 28 de setembro de 2011, no Rio de Janeiro/RJ, para o Projeto Memória — Lélia Gonzalez: O feminismo negro no palco da história.



Reportagem JB | Foto: Almir Veiga/CDPDOC-JB



Tony Tornado e Trio Ternura cantando no V Festival Internacional da Canção, 1970 | Foto Adhemar Veneziano/ Editora Abril



Selo no contracapa do disco
Black Power, Only Soul, lançado pela
Tapacac Gravacoes, com o aviso
limited edition

O ORGULHO
(IMPORTADO)
DE SER NEGRO
NO BRASIL

CADERNO

B

BLACK RIO

Lena Frias □ Fotos de Almir Veiga

Uma cidade de cultura própria desenvolve-se dentro do Rio. Uma cidade que cresce e assume características muito específicas. Cidade que o Rio, de modo geral, desconhece ou ignora. Ou porque o Rio só sabe reconhecer os uniformes e os clichês, as gírias e os modismos da Zona Sul; ou porque prefere ignorar ou minimizar essa cidade absolutamente singular e destacada, classificando-a no arquivo descompromissado do modismo; ou porque considera mais prudente ignorá-la na sua inquietante realidade. A essa população que não tem samba e feijoadas entre as suas manifestações cotidianas e folclóricas. Embora possa até gostar de samba e de feijoadas como qualquer estrangeiro gosta. Uma população cujos olhos e cujos interesses voltam-se para modelos nada brasileiros. População que forma uma cidade móvel, cujo centro se desloca permanentemente — ora está em Colégio, onde fica o clube Coteginho, considerado um dos primeiros templos do soul, ora em Irajá, ora em Marechal Hermes ou em Rocha Miranda, ora em Nilópolis ou na Pavuna. Cujos pontos de encontro e de decisão são as calçadas do Grande Rio, em Madureira ou no Calçadão, em Caxias; em Vilar dos Teles ou na Rua Sete de Setembro, no Centro do Rio. Uma cidade cujos habitantes se intitulam a si mesmos de blacks ou de browns; cujo hino é uma canção de James Brown ou uma música dos Blackbyrds; cuja bíblia é Wattstax, a contrapartida negra de Woodstock; cuja linguagem incorporou palavras como brother e white; cuja bandeira traz estampada a figura de James Brown ou de Ruff Thomas, de Marva Whitney ou Lin Collins; cujo lema é I am somebody; cujo modelo é o negro americano, cujos gestos copiam, embora sobre a cópia já se criem originalidades. Uma população que não bebe nem usa drogas, que evita cuidadosamente conflitos e que se reúne nos finais de semana em bailes por todo o Grande Rio. E o soul power, fenômeno sociológico dos mais instigantes já registrados no país. Um fenômeno que ninguém, até agora, sabe explicar exatamente como começou. Sabe-se apenas que reúne muitos pretos e raros brancos (estes, se frequentam habitualmente os bailes, são sempre pessoas de classe social modesta). "A gente bota uns óculos escuros, um chapélio, um paletó diferente, lascarado atrás, um termo branco e uma gravatinha borboleta, um casaco até o pé. Fica chamando atenção. E como a gente gosta. Calça tem que ser de boca estreita, na cintura, nada de calcinha de cocota. Domingo, o ônibus que eu pego na Presidente Vargas pra ir ao baile no Grajati só tem black. A gente já se conhece." Hélio de Oliveira, de 22 anos, é contínuo e mora em Jacarepaguá. "O pessoal lá de casa gosta do samba, mas eu, sinceramente, não me amarro não." Ele é uma figura típica do soul, como também o é José Alberto Carneiro, de 19 anos, mecânico, morador em Coelho da Rocha e frequentador do soul music do clube Apolo (capacidade para 1 mil 500 pessoas), próximo à sua casa. José Alberto tem as suas mágoas: "Poxa, eles implicam com tudo que a gente faz. Até com o nome da equipe. Black Power, a que eu mais gosto, eles implicam. Se fosse white power eles achavam tudo certo." O soul é uma espécie de sensibilizador



Um ar de Harlem nos muros de Brás de Pina (Zona Norte do Rio), cobertos de slogans (em inglês) e de avisos das alegres equipes do soul power

ou de catalizador do fenômeno. Soul hoje, no Grande Rio, é um sinônimo de negro, como rock é sinônimo de branco. Por que você dança soul? "Eu não sei explicar. É meu. É black. Vem do sangue e do coração" — essa a resposta mais comum recolhida entre os dançarinos, em sua maioria, jovens entre 14 e 20 e poucos anos. Não estou vendo brancos por aqui, qual é a razão disso? "Não sei, você vai a baile de roqueiro e não vê preto".

"O soul black está um movimento fantástico, entusiasma-se o discotecário Ademir Lemos, branco, produtor do primeiro elêpe do Equipe Soul Grand Prix (que entra com o nome e ganha um cruzeiro com elêpe editado. As faixas são selecionadas de elêpes americanos). "Um movimento fantástico, a ponto de reunir 10, 15 mil pessoas num baile, como eu estou cansado de ver. Um regêlo desse, só à base de discos, é uma loucura. De chegar a vender Cr\$ 200 mil de bilheteria por baile como eu estou cansado de ver. Uma renda que um jogo, se não tiver Vasco ou Flamengo, não atinge". Quando se toca a canção soul power, de James Brown, quase um hino, a expressão soul power é repetida

rítmicamente pelo público de ginásios lotados num sussurro, num murmúrio, num ruído surdo e homogêneo. Isso apesar de James Brown estar um pouco desgastado pela repetição excessiva de suas canções nas festas, ao longo de três anos (desde 1973). Os bailes já alcançaram as quadras das escolas de sambas. Na Portela realizam-se um encontro de blacks, ano passado. No Império Serrano os bailes já estão praticamente incorporados ao calendário. Começam também a abrir-se caminhos para o show business. Monsieur Lima, discotecário e empresário de bailes tem um programa de televisão que, a cada sábado, puxa mais para o soul, inclusive apresentando grupos de dançarinos. E Nirtó já pensa no assunto em termos de espetáculo: "Nos temos idéia de construir uma casa noturna de espetáculos de soul. Tem concertos de rock por aí, tem o Teresa Raquel com rock. Soul ainda não houve. Mas nós estamos caminhando para lá. "E estão mesmo: dia 20 de agosto chega ao Rio o conjunto negro Archie Bell & The Drells, ligado a The Sound of Philadelphia, grupo negro americano, cujo representante, Elton Douglas III esteve no Brasil, onde deixou, como intermediários, a empresa

para a primeira apresentação de Archie Bell & The Drells, que ainda não se sabe exatamente onde se dará, mas que deve ser no Mourisco. Em quase todas as festas soul há serietes, prêmios: sapatões, camisetas, boinas, pequenas quantias em dinheiro entre os melhores dançarinos. Desta vez, a premiação será instigada: o black mais parecido com Isaac Hayes, um dos papas atuais do soul ganhará de presente uma caderneta de poupança. Ainda para aquecer, o 2º Grande Rio, hoje, no Olaria Atlético Clube, onde estará reunida a gang do soul, segundo os dizeres dos volantes distribuídos em bailes: Dynamic, Big Boy, Boot Power, Tom Tornado, Monsieur Lima, Soul Grand Prix e Ademir Disco Show. E o lançamento de mais um elêpe: desta vez é a Equipe Dynamic Soul que entra no mercado.

A reportagem sobre os negros adeptos do soul está nas páginas 4, 5 e 6





Lélia Gonzalez na reunião da Diretoria do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras, IPCN – 1986/7 | Acervo JG/Foto Januário Garcia

O bom pretuguês!!!!

“É engraçado como eles gozam a gente quando a gente diz que é Framengo. Chamam a gente de ignorante dizendo que a gente fala errado. E de repente ignoram que a presença desse R no lugar do L nada mais é que a marca linguística de um idioma africano, no qual o L inexistente. Afinal, quem que é o ignorante? Ao mesmo tempo acham o maior barato a fala dita brasileira, que corta os erres dos infinitivos verbais, que condensa você em cê, o está em tá e por aí afora. Não sacam que tão falando pretuguês. E por falar em pretuguês, é importante ressaltar que o objeto parcial por excelência da cultura brasileira é a bunda (esse termo provém do quimbundo que, por sua vez, e juntamente com o ambundo, provém de um tronco linguístico bantu que “casualmente” se chama bunda). E dizem que significante não marca ... Marca bobeira quem pensa assim. De repente bunda é língua, é linguagem, é sentido e é coisa. De repente é desbundante perceber que o discurso da consciência, o discurso do poder dominante, quer fazer a gente acreditar que a gente é tudo brasileiro, e de ascendência europeia, muito civilizado, etc. e tal. Só que na hora de mostrar o que eles chamam de “coisas nossas”, é um tal de falar de samba, tutu, maracatu, frevo, candomblé, umbanda, escola de samba e por aí afora.”

**Texto Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira, apresentado na Reunião do Grupo de Trabalho “Temas e Problemas da População Negra no Brasil”, IV Encontro Anual da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 29 a 31 de outubro de 1980.*



Lélia Gonzalez e o compositor e intérprete Paulinho da Viola | Acervo Lélia Gonzalez



Lélia Gonzalez, Cachoeira, Bahia, 1981 | Acervo Lélia Gonzalez

O evento viabilizou o encontro de pessoas de diferentes partes do país, interessadas na articulação de um movimento negro nacional. O que estava em pauta era a conjuntura política, a situação da população negra e a necessidade de ação política organizada por parte dos negros e das negras.

A partir dessas reuniões, elaborou-se um material informativo e educativo sobre a questão racial no Brasil, a discriminação e a história da África. Formava-se ali o embrião de um movimento negro com expressão nacional.

Nessa ocasião, além de sua militância, Lélia iniciou o mestrado na Escola de Comunicação da UFRJ, mas não chegou a concluir. Politicamente, ela participava da fundação do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN), do qual integrou a Assessoria Política.

Muitas línguas em uma só... o pretuguês

A questão cultural se fazia presente no discurso de Lélia Gonzalez, como fator de extrema importância para construção de uma consciência política. A cultura brasileira para ela era eminentemente negra e de raízes africanas e sua compreensão estava na leitura de autores africanos. Para ela, o Brasil falava o “pretuguês”, em função da forte influência de línguas africanas na nossa formação histórico-cultural.

Os membros do IPCN denunciavam como os meios de comunicação de massa se apropriavam, exploravam e deformavam a cultura negra. E tornavam pública a forma como a população negra era submetida à colonização racial e cultural, através das normas e valores europeus, bem como a política institucional de negação do racismo edificada pelo Estado brasileiro e apoiada no slogan da “democracia racial”.

O IPCN foi fundado em 08 de junho de 1975 por um dos grupos dissidentes que frequentavam o Teatro Opinião, em Copacabana/RJ, com a finalidade de estudar, pesquisar, denunciar e combater o racismo e todo e qualquer tipo de discriminação racial, representado em suas mais variadas formas.

Um dos posicionamentos expressivos de Lélia sobre esse tema foi a carta por ela enviada ao apresentador de TV Abelardo Barbosa, “Chacrinha”, a propósito de uma entrevista concedida por ele à Cidinha Campos, da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, por ocasião do dia 21 de março — Dia Internacional contra a Discriminação Racial, instituído pela ONU. Lélia escreveu nessa carta:

Quanto ao Chacrinha, ele pôs os pingos nos “is” ou, se quiser, o preto no branco. Da maneira mais incisiva e decidida, afirmou a existência concreta da discriminação no Brasil, especificamente no campo de suas atividades profissionais. E declarou que nas emissoras de televisão onde trabalhou anteriormente (Globo e Tupi), programas de auditório como o seu sofriam uma série de restrições: proibia-se que as câmeras focalizassem diretamente o auditório, para que os negros não fossem mostrados. Proibidos os “closes” dos/as negros/as componentes desse público fiel que, na sua humilde espontaneidade, procura ver de perto os seus ídolos e lhes prestar suas homenagens. Os negros ou negras só poderiam ser focalizados de passagem ou de costas. E Chacrinha continuou denunciando o absurdo de tais restrições, uma vez que o Brasil é um país de negros; e, com suas metáforas incríveis, ele afirmava: “Eu sou negro, nós todos somos negros e até mesmo essas louras ou morenas que vemos por aí, também são negras”. Foram as declarações mais vigorosas e contundentes que ouvimos naquele 21 de março. Axé pra você, Velho Guerreiro, que, nas suas supostas loucuras tem apontado para muitas verdades que as autoridades governamentais, os políticos “progressistas” e os intelectuais idem, não têm a honestidade de assumir².

Em 1975, um grupo de compositores, sambistas e pessoas ligadas ao samba, sob a liderança de Antônio Candeia Filho, fundava o Grêmio Recreativo de Arte Negra e Escola de Samba Quilombo. A agremiação tinha como objetivo primeiro tornar-se um centro de resistência e resgate da cultura negra brasileira, procurando enfatizar a sua importância e contribuição na nossa formação, bem como discutir e reconstruir uma identidade cultural afro-brasileira capaz de garantir suas tradições e memória, enquanto legado dos primeiros africanos que foram trazidos para o Brasil³.

2 GONZALEZ, Lélia. Carta a chacrinha. 4Shared. Disponível em: <http://www.4shared.com/get/MOalZkOO/Carta_a_Chacrinha.html>. Acesso em: 10 maio 2011.

3 SILVA, Francisco Ernesto da. Candeia e a Escola de Samba Quilombo: a crítica ao processo de branqueamento das manifestações culturais afrobrasileiras. Guarulhos: Universidade Guarulhos, 2008.

Algo que deixou Lélia bastante orgulhosa foi a sua influência indireta sobre a escolha do enredo para o carnaval de 1979. Sentiu-se envaidecida porque seu nome estava ao lado de intelectuais como Arthur Ramos, Nina Rodrigues, Edson Carneiro e Alípio Goulart. Além disso, ela exaltava o samba e estava sempre presente nas quadras e nas rodas de partido-alto, com grandes compositores e intérpretes, como Paulinho da Viola, Clementina de Jesus e outros.

Candeia, então presidente do Grêmio, baseado no que havia lido e ouvido de Lélia e de outros teóricos das relações raciais, escolheu o tema Noventa anos de Abolição para o enredo daquele ano. Nesse momento, ela percebeu a responsabilidade de seu trabalho junto à comunidade negra. O episódio abaixo descrito ilustra bem a ressonância que a atuação de Lélia provocava.

Não dá para esquecer aquela tarde ensolarada em que a gente se mandou pra Coelho Neto, pra levar um papo com Candeia sobre a participação do Quilombo no Ato Público. Papo vai, papo vem, ele nos presenteou com o folheto do enredo para o próximo carnaval: Noventa Anos de Abolição, escrito por Candeia. Digo que fiquei emocionada e lisonjeada de ter meu nome ao lado daqueles “cobras”; afinal, só escrevi um artiguinho aqui, outro acolá, fiz algumas conferências, provoquei algumas reflexões, mas isso não significava tanto. Ele retrucou, dizendo que sabia muito bem do trabalho que eu vinha realizando “por aí” e que isso era tão importante quanto os livros dos “cobras”⁴.

Candeia faleceu em 16 de novembro de 1978. No entanto, Lélia assumiu a responsabilidade de discutir com os membros da Ala dos Compositores o enredo que ele escrevera. Nei Lopes e Wilson Moreira tiveram o seu samba-enredo escolhido como o melhor, dentre outros muito bons. E num trecho do samba eles homenageiam o saudoso Candeia: “E os quilombolas de hoje em dia /São Candeia que nos alumia”⁵.

4, 6 GONZALEZ, Lélia. O movimento negro na última década. In: GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. *Lugar de Negro*. v. 3. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero LTDA, 1982

A MAIS DRAMÁTICA DESCRIÇÃO DE ESCRAVOS NO BRASIL É DADA POR CASTRO ALVES, EM SEU POEMA NAVIO NEGREIROS; EIS ALGUNS TRECHOS:

*“Era um sonho dantesco . . . o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho,
em Sangue a se banhar.
Tinir de ferros . . . estalar de açoites . . .
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar . . .*

*E ri-se a orquestra irônica, estridente . . .
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais . . .
Se o velho arqueja, se no chão resvala
Ouvem-se os gritos . . . o chicote estala.
E voam mais e mais . . .*

*Preso nos elos de uma só cadeia,
A multidão cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enloquece,
Outro, que de martírios, embrutece,
Cantando geme e ri!*

*No entanto o capitão manda e manobra,
E após fitando o céu que se desdobra
Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
“Vibrai riço o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar . . .”*

*E ri-se a orquestra irônica, estridente . . .
E da ronda fantástica serpente
Faz doudas espirais . . .
Qual um sonho dantesco as sombras voam!
Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
E ri-se Satanás!*

3

*Auri verde pendão da minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra
E as promessas divinas da esperança . . .
Tu que, da liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança,
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!*

*Fatalidade atroz que a mente esmaga!
Extingue nesta hora o brigue imundo
O trilho que Colombo abriu as vagas,
Como um íris no pélago profundo!
Mas é infâmia demais! . . . Da etérea plaga
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!
Andrada! arranca esse pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta dos teus mares! ”.*



GRAN Escola de Samba Quilombo

1888 a 1978

APRESENTA TEMA ENREDO PARA O CARNAVAL

90 Anos de Abolição

Escrito por Candeia baseado nas publicações de Edson Carneiro, Lelia Gonzales, Nina Rodrigues, Arthur Ramos (As Culturas Negras no Novo Mundo) Alipio Goulart (Da Palmatória ao Patíbulo)

AGRADECIMENTO:

A todos que colaboraram para realização deste trabalho os meus sinceros agradecimentos aos meus familiares, Clovis Scarpino e ao CEBA de São Gonçalo Professora Dulce

NOTA - Pesquisa realizada na Biblioteca Estadual do Rio de Janeiro e no Inst. Estadual do Livro da Secretaria de Est. de Educação e Cultura. (Niterói)

Os Documentos da Escravidão
Mostra Histórica Fluminense,

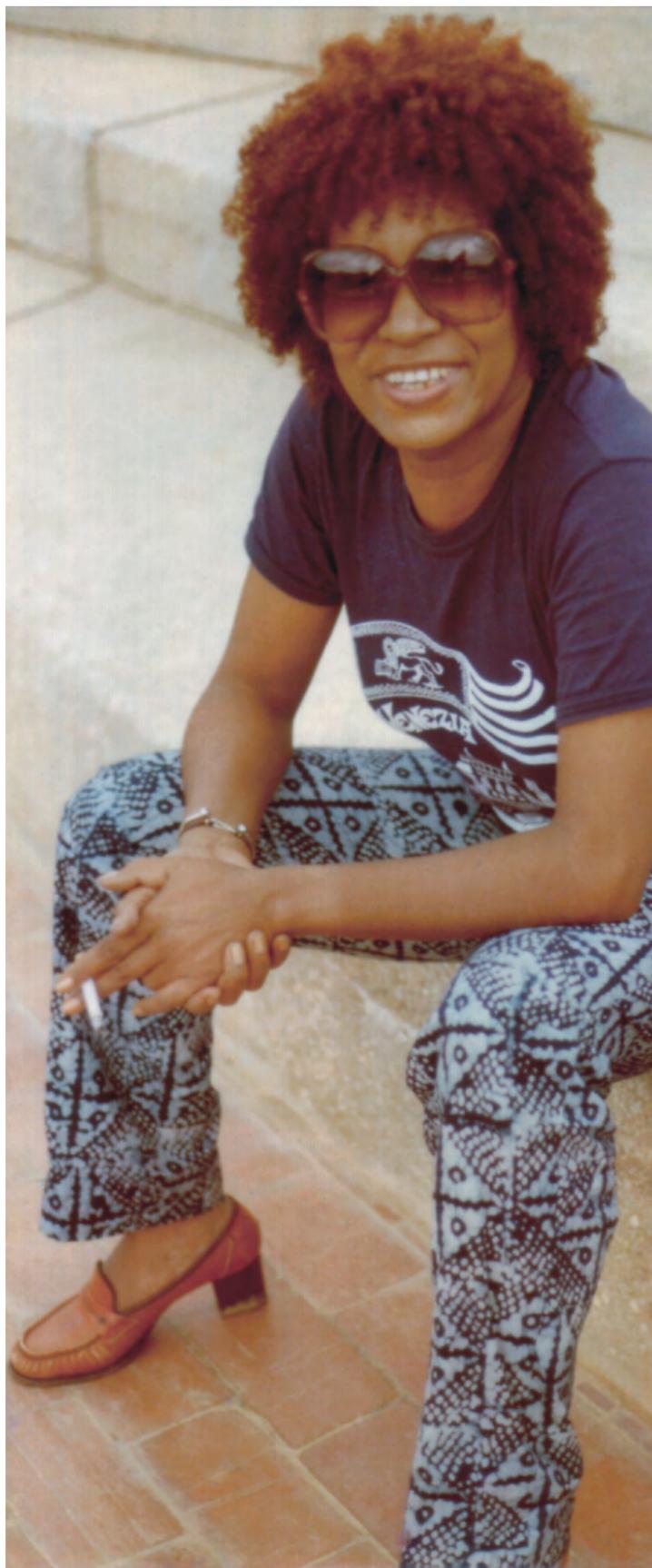
CANDEIA

Noventa anos de abolição

(Nei Lopes e Wilson Moreira)

Hoje a festa é nossa
Não temos muito para oferecer
Mas os atabaques vão dobrando
Com toda a alegria de viver.
Festa no Quilombo Noventa anos de abolição
Todo mundo unido pelo amor
Não importa a cor
Vale o coração.
Nossa festa hoje é homenagem
À luta contra as injustiças raciais
Que vem de séculos passados
E chega até os dias atuais.
Reverenciamos a memória
Desses bravos que fizeram nossa história:
Zumbi, Licutan e Alumā
Zundu, Luís Sanin e Dandaró.
E os quilombolas de hoje em dia
'São Candeia' que nos alumia
E hoje nesta festa
Noventa anos de Abolição
Quilombo vem mostrar que a igualdade
O negro vai moldar com a própria mão
E em luta pelo seu lugar ao sol
Não é só bom de samba e futebol.

Lélia Gonzalez pela primeira vez na África, Dakar, Senegal, 1979 | Acervo Lélia Gonzalez



Luiza Bairros, socióloga, feminista e ex-Ministra da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial - SEPPIR, em 2011. Faleceu em 12 de julho de 2016. | Foto: Elói Correia/Acervo SECOM



Sueli Carneiro, filósofa, feminista e cofundadora do coletivo Mulheres Negras de São Paulo, e do Geledés - Instituto da Mulher Negra | Foto: Rauf Taule/Acervo REDEH



Thereza Santos, escritora, atriz, dramaturga, professora e ativista antirracista liderou a fundação do Coletivo de Mulheres Negras, em 1982, e foi a primeira negra a integrar a equipe do Conselho Estadual da Condição Feminina de São Paulo. Aos 82 anos, em 19 de dezembro de 2012 faleceu. | Coleção Particular



Maria Beatriz Nascimento (1942-1995), Sergipana, historiadora e militante. Foi cofundadora do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras - IPCN - Rio de Janeiro. Estudiosa da temática dos quilombos, na década de 1980, publicou diversos artigos em periódicos e jornais de grande circulação do país | Foto: Elisa Larkin Nascimento/ Acervo Lélia Gonzalez



Reunindo artistas, como Zezé Mota, e intelectuais engajados a Escola de Artes Visuais tornou-se um dos maiores espaços político cultural da Cidade Maravilhosa, na década de 1970

| Foto: Zezé Motta (sem data) - Acervo Lélia Gonzalez

Fazendo arte

Esse ano de 1978 foi um “divisor de águas” na trajetória de Lélia. Nessa ocasião, os contatos entre Rio de Janeiro e São Paulo, em termos de articulação do movimento negro, se fortalecem. As atividades desenvolvidas pelo IPCN serviam como canal para essa movimentação política e de conexão e interlocução entre as diferentes iniciativas que estavam surgindo.

A questão fundamental da discussão girava em torno da criação de um movimento negro de caráter nacional. E foi assim que começaram a ser lançadas, realmente, as bases do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, o MNUCDR. Junto com Abdias do Nascimento, Luiza Bairos, Maria Beatriz Nascimento, Thereza Santos, Nilza Iraci e outras lideranças estávamos engajados nessas discussões para criar estratégias de combate ao racismo. A criação do MNUCDR, que iria acontecer em 7 de julho de 1978, como veremos adiante, era uma delas.

Cultura negra na Escola de Artes Visuais

Lélia, no bojo desse cenário de mobilização política, foi muito coerente em valer-se da sua função de professora de antropologia na Escola de Artes Visuais (EAV) no Parque Laje, para iniciar, institucionalmente, via Estado, no Rio de Janeiro, o primeiro curso de Cultura Negra no Brasil (1976 a 1978).

Para ela, esse curso objetivava reinterpretar a história do Brasil sob a ótica do negro, uma vez que a história oficial havia infantilizado e subalternizado sua presença na nossa sociedade. Com isso, a participação dos/as africanos/as escravizados/as na construção do nosso patrimônio seria visibilizada, assim como suas estratégias de resistência ao sistema: levantes, irmandades, insurreições, religiosidade, dentre outras que não estavam introduzidas nos materiais didáticos⁶.

Esse processo de infantilização do negro seria objeto de um dos bordões criados por ela. Lélia foi contemplada na série Heróis de todo Mundo⁷, um projeto da Cor da Cultura (2010), realizado pelo Canal Futura, Petrobras, Centro de Informação e Documentação do Artista Negro (Cidan), TV Globo e Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR).

Tive a honra de ser convidada para ser a intérprete de Lélia Gonzalez. No vídeo que a homenageava, repeti uma de suas frases que representava de maneira sintética o desrespeito no tratamento dado a pessoas negras que vai da infantilização, passa por vezes pela animalização ou coisificação sempre resultando na redução da individualidade dos negros ou em sua desumanização. Disse Lélia: negro tem que ter nome e sobrenome, senão os brancos arranjam um apelido ao gosto deles⁸.

Com essa formulação sintética, Lélia denunciava esse processo em que pessoas do grupo racialmente dominante se referem ou se dirigem a pessoas negras, utilizando expressões já corriqueiras em nosso cotidiano como: neguinho, pivete, moleque, crioulo, negão, negona.

Com essas preocupações, o curso sobre Cultura Negra no Brasil visava desenvolver um trabalho de revisão crítica sobre o lugar, o protagonismo e a importância do negro na africanização da cultura brasileira. Para tanto, Lélia atribuiu à Mãe Preta a responsabilidade de introduzir valores e códigos dos povos africanos⁹.

Conscientemente ou não, Lélia, oralmente, passava para o brasileiro branco as categorias das culturas negro-africanas de que era representante. *Foi por aí que ela africanizou o português falado no Brasil (transformando-o em "pretuguês") e, conseqüentemente, a cultura brasileira¹⁰.*

6 GONZALEZ, Lélia. A presença negra na cultura brasileira. *Jornal Mensal de Artes*, Rio de Janeiro, n. 37, mar. 1977.

7 Disponível em: <http://www.acordacultura.org.br/herois/episodio/leliagonzalez>. Acesso em: 02 set. 2012

8 Entrevista concedida por Sueli Carneiro à Schuma Schumaheer, em dezembro de 2011, no Rio de Janeiro/RJ, para o Projeto Memória — Lélia Gonzalez: O feminismo negro no palco da história.

9 GONZALEZ, Lélia. Lélia fala de Lélia. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, n. 2, 2. sem. 1994. p. 383-386

10 ENTRE VISTAS. *Revista do CAEL*, Rio de Janeiro, n. 0, ano 1, ago. 1983. p. 7-20

Descendo do pedestal teórico

Aprofundando ideias sobre a cultura brasileira, Lélia permaneceu na Escola de Artes Visuais (EAV) reunindo artistas e intelectuais progressistas, cuja produção implicava uma visão crítica da realidade brasileira. A EAV tomou-se o maior espaço cultural do Rio de Janeiro, naquele período.

A atriz Zezé Motta foi aluna de Lélia no curso sobre Cultura Negra no Brasil e, a partir de então, desmistificou muitas questões. De acordo com a atriz: *Eu não sabia nada sobre Candomblé, tinha medo até de passar na entrada de um terreiro. Quando saí pelo mundo para divulgar Xica da Silva, as pessoas me perguntavam sobre cultura negra e eu não sabia nada. Então fiz um curso com a antropóloga Lélia Gonzalez e dele fazia parte assistir a um ritual de Candomblé. Já havia uma suspeita de que eu era filha de Oxum. No dia em que fomos assistir ao ritual, era justamente uma festa para Oxum. Adorei, achei lindo e descobri que era mesmo filha dela. De lá para cá eu, sempre que vou à Bahia, vou ao terreiro de Mãe Estela, o Ilê, Axé Opó Afonjá. Todo final de ano, faço um descarrego e de vez em quando jogo búzios. Toda vez que entro em cena, peço licença à Oxum para viver uma filha de Iemanjá e peço a Deus que meu trabalho resulte em algo bom. Durante muito tempo, e ainda acontece, as pessoas acharam que Candomblé e Umbanda eram religião de gente ignorante. Espero sinceramente que a Mãe Ricardina possa ajudar a quebrar esse preconceito*¹¹.

Para Lélia, a formação cultural brasileira não poderia deixar de considerar o tripé que lhe deu origem, e que, portanto, era o seu suporte: a cultura africana, indígena e européia. Entretanto, afirmava que: *enfrentamos o problema de as manifestações dos negros e dos indígenas serem classificadas como “folclore” e colocadas em museus de curiosidade, de coisas exóticas*¹².

Lélia pôde trabalhar com aquilo que ela considerava como cultura, ou seja: *o conjunto de manifestações simbólicas através das quais os sujeitos sociais expressam suas relações com a natureza e entre si*¹³. Assim, constava de seu programa de curso de Cultura Negra no Brasil:

¹¹ Entrevista de Zezé Motta para a Revista *Raça Brasil*, 2001.

¹² ENTREVISTAS. Revista do CAEL, Rio de Janeiro, n. 0, ano 1, ago. 1983. p. 7-20

¹³ GONZALEZ, Lélia. Prefácio. In: MACIEL, Clóvis. et al. *Cadernos Negros Poesia 5*. São Paulo: Grupo Quilomb hoje, São Paulo, 1982. p. 3-6



- 1 O problema da unicidade de uma cultura negra.
- 2 A religião enquanto simbolismo cultural dominante (candomblé, umbanda).
- 3 O negro na literatura.
- 4 Expressividade negra e artes plásticas.
- 5 Samba, carnaval e futebol ou os fardos da cor.
- 6 Contrastes e confrontos.

O objetivo era analisar as instituições e os valores culturais negros, assim como sua presença na formação cultural brasileira. Esse curso fez Lélia perceber que a sua militância não poderia ficar restrita a uma sala de aula. E também, que a sua linguagem acadêmica mais a afastava do público do seu curso (trabalhadores, professores de uma turma noturna) do que a aproximava, conforme disseram seus alunos. Era necessário que “descesse do pedestal teórico” para se fazer compreender pelas massas. Provavelmente, é a partir dessa experiência que decorre a sua opção por radicalizar uma forma de expressão que se tornou a sua marca registrada: rejeitar todo tipo de academicismo ou pedantismo intelectual para se comunicar.

Ao contrário, sua escolha centrou-se em uma forma de expressão que, sem perder densidade teórica e analítica, pudesse aproximá-la das populações negras de diferentes extrações sociais e níveis de escolaridade. Essa atitude lhe permitiu um trânsito raro entre as elites intelectuais e as massas populares que ela encantou igualmente com seu carisma natural e retórica original, que agregava tanto os elementos de uma reflexão profunda, quanto uma linguagem recheada de elementos populares, que tornava o seu pensamento acessível a todos.

Essa mediação de Lélia traduz a razão pela qual influenciou movimentos sociais e jovens intelectuais empenhados na produção de saberes que não ficassem restritos e confinados às bibliotecas.

Durante três anos seguidos (1976-1978), no mês de novembro, Lélia e a sua equipe realizavam um evento cultural na EVA, voltado para a visibilidade da produção cultural do/a negro/a, reunindo as mais diversas expressões do mundo das artes plásticas, grupos de dança e de poesia, exibição de filmes, seminários, lançamentos de livros, espetáculos de música etc.



A CULTURA NEGRA NO BRASIL

Profa. Lélia de Almeida Gonzalez

1. O problema da unicidade de uma cultura negra.
2. A religião enquanto simbolismo cultural dominante:
 - a) Candomblé
 - b) Umbanda
3. O negro na literatura
4. Expressividade negra e artes plásticas
5. Samba, carnaval e futebol ou os fardos da cor
6. Contrastes e confrontos

BIBLIOGRAFIA:

- BASTIDE, Roger - As religiões africanas no Brasil, 2vol.,
Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, S.P., 1971
- Estudos afro-brasileiros, Ed. Perspectiva, S.P., 1973
- CARNEIRO, Edson - Ladinos e crioulos, Ed. Civilização Brasileira, Rio,
1964.
- FEUSER, Wilfried - Aspectos da literatura do mundo negro, C.E. Afro-
Orientais da U.F. da Bahia, 1969
- IANNI, Octávio - As metamorfoses do escravo, Difusão Européia do Li-
vro, S.P., 1962
- RABASSA, Gregory - O negro na ficção brasileira, Edições Tempo Bra-
sileiro, Rio, 1965
- SANTOS, J.H. - Os nagô e a morte, Ed. Vozes, Petrópolis, 1975

4

MNU – MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO





Ao lado e acima: Marcha Contra a Farsa da Abolição. Central do Brasil, Rio de Janeiro, 1988 | Acervo JG/Foto Januário Garcia

A FRENTE NEGRA BRASILEIRA foi fundada em 16 de setembro de 1931, tornou-se partido político em 1936 e durou até o ano seguinte. Foi uma das mais importantes entidades de afrodescendentes na primeira metade do século XX, nos campos social, político e educacional.

Com a fundação do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação e o Racismo (MNUCDR), em 1978, no ano seguinte rebatizado de Movimento Negro Unificado (MNU), primeira organização negra a alcançar abrangência nacional, depois da Frente Negra Brasileira, o Brasil conhece Lélia Gonzalez.

Segundo ela: *eu gostaria de colocar aqui que eu pertencço ao Movimento Negro Unificado, que estamos aí numa batalha violenta no sentido de conquista de um espaço para o negro na realidade brasileira*¹.

Na sua avaliação, o dia 07 de julho de 1978 representava: *Um marco histórico muito importante para nós, na medida em que se constituiu em ponto de convergência para a manifestação, em praça pública, de todo um clima de contestação às práticas racistas, assim como da determinação de levar adiante a Organização política dos negros. Ora, esse clima e essa determinação já haviam pintado em diferentes pontos do país, como já dissemos. Faltava esse 7 de Julho, garantia simbólica de um movimento negro de caráter nacional*².

Sobre o evento de fundação do MNU, detalhava Lélia: (...) *E estávamos todos lá, nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo. Muita ativi-*

*dade (distribuição da carta aberta à população, colocação de cartazes, faixas etc.), muita alegria, muita emoção. As moções de apoio chegavam e eram lidas com voz forte e segura. A multidão aplaudia. Como aplaudia os discursos que se sucediam. Graças às mensagens de solidariedade de grupos, organizações, entidades negras e brancas, de São Paulo e do Brasil; graças às falações que iam fundo em suas denúncias; graças àquela multidão ali presente (cerca de duas mil pessoas), negra na maioria (mas muitos brancos também); graças a todo um espírito de luta plurissecular de um povo, a emoção tomava conta da gente, causando uma espécie de vertigem. E um sentimento fundo tomou conta de cada um, quando ouvimos a leitura, a duas mil vezes, da Carta Aberta à População*³.

Para Lélia, o evento foi memorável e histórico. A fundação do MNU, porém, não agradava a gregos e troianos indiscriminadamente. E Lélia percebia que, além dos conservadores, havia por parte das esquerdas em geral, uma tentativa de reduzir a questão do negro a uma questão meramente econômico-social, ou seja, a uma questão de classe.

*Na medida em que se liquida o problema de classes, na medida em que entramos numa sociedade socialista, o problema da discriminação racial é resolvido. A meu ver esse problema é muito mais antigo que o próprio sistema capitalista e está de tal maneira arraigado na cuca das pessoas, que não é uma mudança de um sistema para outro que vai determinar o desaparecimento da discriminação racial. [...] E todas as tentativas que esse povo efetuou no sentido de denúncia e de conquista dos seus direitos, enquanto cidadãos brasileiros, foram, de um modo geral, recebidos com indiferença ou então rechaçados como racistas às avessas, quer dizer, a gente passa por um processo de racismo violentíssimo, e quando a gente denuncia isso, somos chamados de racistas às avessas. As chamadas correntes progressistas brasileiras, elas minimizam da forma mais incrível as nossas reivindicações*⁴.

1, 2, 3, 4 GONZALEZ, Lélia. O movimento negro na última década. In. GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. Lugar de Negro. v. 3. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero LTDA, 1982.



Lélia Gonzalez. Rio de Janeiro, novembro de 1977 | Foto: Alberto Jacob/Agência O Globo

Na avaliação de Lélia:

As atividades do MNU no seu primeiro ano de existência ocorreram em diferentes níveis. Desde a denúncia dos casos de violência policial – que nos levou a defender a tese, junto ao Comitê Brasileiro pela Anistia, em seus dois congressos de 1978 e 1979, de que o negro brasileiro também é prisioneiro político, na medida em que é colocado sob suspeita e preso pelo simples fato de ser negro –, passando pelas manifestações em praça pública; o enterro simbólico da Lei Afonso Arinos, em São Paulo; realização de atos públicos e passeatas, por ocasião do 20 de Novembro, em diferentes capitais do país etc., ao trabalho de conscientização junto à comunidade negra. Seu trabalho de denúncia do racismo e da violência policial acabou por sensibilizar determinados setores da sociedade, tanto num sentido positivo quanto negativo⁵.

Ressalta ela que:

o advento do MNU consistiu no mais importante salto qualitativo nas lutas da comunidade negra brasileira, na década de setenta. (...) Seu Programa de Ação e sua Carta de Princípios inspiraram a criação de diversas entidades e grupos negros em vários pontos do País⁶.

5, 6 GONZALEZ, Lélia. O movimento negro na última década. In: GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. Lugar de negro, v.03. Rio de Janeiro: Marco Zero LTDA, 1982.

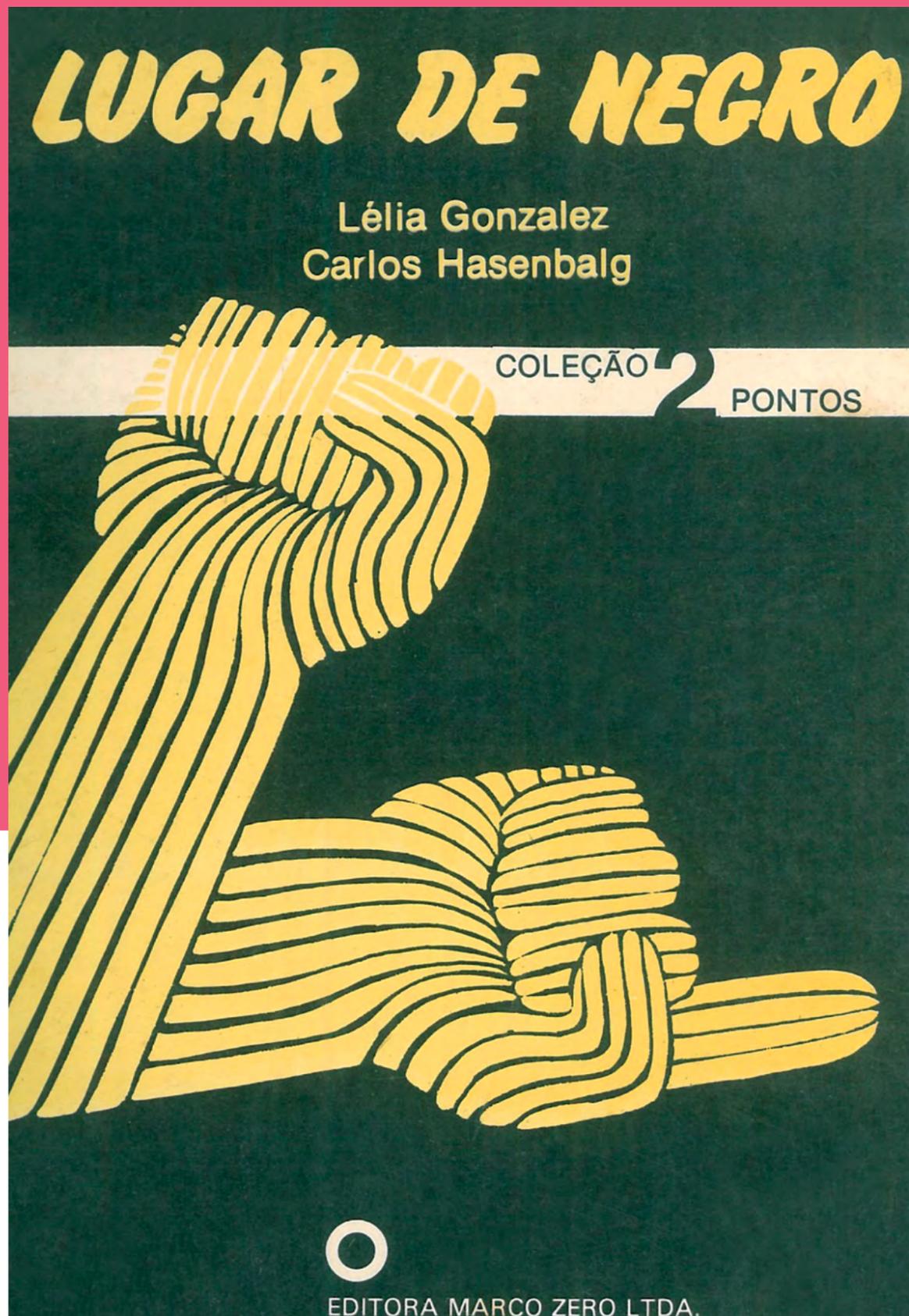
Motivada por todo esse momento de crescimento e avanço da luta racial, Lélia circulava pelos espaços de diferentes universidades e faculdades do Rio de Janeiro e fora do estado também, realizando palestras e conferências, espaços de poder simbólico-intelectual que sempre foram muito bem ocupados por Lélia de Almeida Gonzalez.

A historiadora Raquel Barreto, em sua dissertação de mestrado, destacou um fato curioso. No período em que o movimento negro se institucionalizava, as autoridades brasileiras se preocupavam com o alcance dessa mobilização. Os conflitos raciais que ocorriam nos Estados Unidos assombravam as forças oficiais do Brasil. Talvez, por isso, o nome de Lélia, e de outras lideranças, tenha sido incluído nos arquivos do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), em atividades antirracistas e não específicas contra a ditadura militar⁷.

7 BARRETO, Raquel de Andrade. Enegrecendo o feminismo ou feminizando a raça: narrativas de libertação em Ângela Davis e Lélia Gonzalez. 2005. 128 f. Dissertação. (Mestrado em História Social da Cultura)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.



Ação do Movimento Negro Unificado (MNU). Zumbi está vivo – Ato público na Cinelândia, Rio de Janeiro, 1983 | Acervo JG/Foto Januário Garcia



Ao lado e acima: Lélia Gonzalez e Carlos Hasenbalg. *Lugar de Negro*, 1982 | Acervo Lélia Gonzalez



Lugar de Negro

A intensa dedicação de Lélia Gonzalez à questão racial encontrará ainda outra forma de expressão no registro que ela nos deixou sobre o movimento negro contemporâneo. Em 1982, Lélia publica o livro *Lugar de Negro*, em parceria com o sociólogo Carlos Hasenbalg. Ambos faziam parte de uma intelectualidade que buscava outras perspectivas de análise para os estudos sobre o negro na sociedade brasileira. Por isso mesmo, a publicação tornou-se uma obra de referência, situando-se num momento de revisão crítica da historiografia sobre o tema.

Lugar de Negro é uma obra dividida em três capítulos. O primeiro, de autoria de Lélia Gonzalez, discute o movimento negro na última década, registrando a trajetória da resistência negra em seu combate ao racismo e suas repercussões negativas sobre as condições de vida da população negra. De certa forma, nesse livro, Lélia Gonzalez faz uma espécie de balanço crítico de um processo do qual ela foi uma das principais protagonistas e sinaliza os desafios persistentes para o fortalecimento da organização política dos negros brasileiros para alavancar a efetiva igualdade de direitos e oportunidades na sociedade.

Ela era muito querida na Europa e na África. Sempre quando voltava de uma viagem, me mostrava fotos e as matérias jornalísticas que saíam sobre ela no local onde tinha ido fazer uma palestra, participar de seminários etc...

Luiz Fernandes Dias



5

ROMPENDO FRONTEIRAS:
DO BRASIL PARA O MUNDO

Séminaire : "UN AUTRE DEVELOPPEMENT AVEC LES FEMMES"
Seminar : "ANOTHER DEVELOPMENT WITH WOMEN "

Dakar, 21 - 26 Juin 1982,

LA FEMME NOIRE

ET L'INCONSCIENT CULTUREL BRÉSILIEN ,

Lélia GONZALEZ,
Brésil

- Association des Femmes Africaines pour la recherche sur le Développement
(AFARD)

et

- Dag Hammarskjöld Foundation

Women, Blacks Assume New Role In Brazil's Politics

RIO DE JANEIRO—Lélia Gonzalez concedes that her campaign this year for the Brazilian federal congress, organized and launched from the study table of her cluttered apartment, might be somewhat quixotic.

But Gonzalez, a 45-year-old anthropology professor, argues that the very fact that she is a candidate for congress in Brazil is a near revolutionary achievement. In a country whose military-ruled government is dominated by white males, Gonzalez is running not only as an outspoken feminist but also as a black and is seeking support from homosexual rights advocates.

"A barrier has been broken," she said recently. "A few years ago, no one would have believed that a candidate like me could exist."

With the broadest and most open Brazilian elections in 18 years of authoritarian rule scheduled for November, Gonzalez's campaign is only one indication of how Brazil's long disadvantaged minorities, including women, blacks, Indians and homosexuals, are beginning to take an active role in politics for the first time in the country's history.

Although activists in these social movements say their influence still lags well behind that of similar groups in the United States and Western Europe, not all of this year's candidates and groups face odds as difficult as Gonzalez. Broad political fronts have formed for both feminist and black candidates in the congressional and state government elections, and several major political parties have adopted feminist and black issues in their platforms. According to 1980 census statistics, 44 percent of the Brazilian population is black, Indian or racially mixed.

The government of President Joao Figueiredo, which is facing a stiff challenge from the opposition, has meanwhile begun responding to the political pressure of the new groups.

Government officials added a provision to the law of political parties last year requiring each party to have a women's commission, and more women and blacks have appeared on the tickets of the government's Social Democratic Party.

As the campaign heated up this month, Figueiredo also named Brazil's first woman Cabinet member, an education specialist who quickly announced that she was a feminist.

Perhaps the most dramatic development is the emergence of black rights activists in a country that 10 years ago prided itself as being a "racial democracy" where discrimination against blacks simply did not exist.

"There is more discrimination against blacks in Brazil than there is against blacks in the United States," said Carlos Alberto Medeiros, a black journalist and founder of the Brazil-Africa Exchange Society. "But 15 years ago no one acknowledged that it was a problem."

Now, black activists can point to extensive studies and statistics to persuade those who doubt charges of unequal status.

The growth of the social movements is directly linked by their leaders to the gradual expansion of political freedoms under the Brazilian military.

It is only this year that black and feminist candidates have actively worked to move into the political parties and support their own platforms and candidates.

The movements have met with substantial resistance within Brazil's traditional political ranks. At the first opposition party gathering attended by Rio de Janeiro's feminist groups this year, for example, their banner, reading "Our bodies belong to us," was altered by male party leaders to read, "Our bodies belong to you."

Both black and women's leaders have also faced resistance from more conservative black and women's leaders and from many Brazilian leftists, who argue that their issues should not be separated from the larger theme of inequality among Brazil's rich and poor classes.

-Jackson Diehl

COMUNICAÇÃO APRESENTADA NO ENCONTRO "LA DONNA, LA COMUNICAZIONE
E LO SVILUPPO IN AMERICA LATINA"
(Roma, 13-18 de Junho de 1983)

A MULHER NEGRA NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSAS:
CAUSAS E EFEITOS

BENEDITA DA SILVA
E
LÉLIA GONZALEZ

1. CAUSAS: "DEMOCRACIA RACIAL" E BRANQUEAMENTO

A NOÇÃO DE DEMOCRACIA RACIAL FOI DESENVOLVIDA POR GILBERTO FREYRE, NA DÉCADA DE 1930, E CONSTITUI A VISÃO PÚBLICA E OFICIAL DA IDENTIDADE DO NEGRO. "SEGUNDO ELA, O NEGRO É UM CIDADÃO COMO OUTRO QUALQUER E QUE, ENQUANTO NEGRO, NÃO ESTÁ SUJEITO À PRECONCEITOS E DISCRIMINAÇÕES. E SE ALGUÉM, UM ESTRANGEIRO, POR EXEMPLO, PERGUNTAR A UM BRASILEIRO MÉDIO SOBRE A EXISTÊNCIA DO RACISMO EM NOSSO PAÍS, ELE REPRODUZIRÁ O DISCURSO OFICIAL DIZENDO QUE RACISMO É COM OS ESTADOS UNIDOS, QUE BRANCOS E NEGROS CONVIVEM MUITO BEM E QUE A MAIOR PROVA DE QUE O BRASIL NÃO É UM PAÍS RACISTA ESTÁ NO FATO DE PELÉ SER O BRASILEIRO MAIS CONHECIDO NO MUNDO ETC, ETC. E AS IMAGENS DO CARNAVAL E DO FUTEBOL BRASILEIROS SÓ FAZEM REFORÇAR TAIS AFIRMAÇÕES.

TODAVIA, SE ESSE MESMO ALGUÉM ATENTAR PARA CERTOS DETALHES, VERIFICARÁ QUE AS COISAS NÃO SÃO BEM ASSIM. CONSTATARÁ QUE, APESAR DOS DADOS CENSITÁRIOS INDICAREM QUE OS NEGROS (OFICIALMENTE PRETOS E PARDOS) CONSTITUEM 44% DE UMA POPULAÇÃO DE 120 MILHÕES, A IMPRESSÃO QUE SE TEM É DE QUE TAL PERCENTAGEM DEVE SER MAIOR. MAS PARA ISSO TERÁ QUE VISITAR AS FAVELAS E OS BAIRROS PERIFÉRICOS DOS GRANDES CENTROS URBANOS, POSTO QUE É ALI ONDE ELAS VIVEM. SE FICAR RESTRITO NOS BAIRROS BURGUESES OU DE CLASSE MÉDIA, PODERÁ NÃO OS VER, EXCETO COMO TRABALHADORES MANUAIS NA LIMPEZA URBANA, NA PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS DOMÉSTICOS OU NA CONSTRUÇÃO CIVIL; NEGROS E NEGRAS NÃO SÃO VISTOS TRABALHANDO EM BANCOS, NOS RESTAURANTES, NAS COMPANHIAS AÉREAS, NAS BUTIQUES DE LUXO OU EM OUTRAS PROFISSÕES QUE EXIGEM CONTATO DIRETO COM O GRANDE PÚBLICO. SE NOSSO VISITANTE HIPOTÉTICO OBSERVAR MELHOR,

Os pensamentos negros de Lélia Gonzalez e Benedita da Silva, em Roma, Itália, 1983

| Acervo Lélia Gonzalez

A repercussão de seu protagonismo, no plano nacional, a tornara presença obrigatória nos espaços de debate e formulação de políticas voltadas para a promoção da igualdade de gênero também em nível internacional. Lélia, a essa altura, já era uma voz respeitada pela militância dos movimentos negro e feminista, ecoando pelos quatro cantos do mundo.

Em maio de 1979, Lélia iniciava as primeiras incursões fora do Brasil para denunciar o racismo brasileiro, a opressão da mulher negra de modo particular, bem como a sua concepção de feminismo decorrente do reconhecimento dessas problemáticas. Nesse período, ela começou uma intensa articulação com lideranças negras internacionais, dentre elas: Carlos Moore, Angela Davies, Dorothy Heigts, Aimé Césaire.

Ao lado: Denunciando, para além das fronteiras nacionais, a situação da mulher negra na sociedade brasileira. Dakar, Senegal, 1982 | Acervo Lélia Gonzalez

Reportagem sobre Lélia Gonzalez publicada em jornal estrangeiro | Acervo Lélia Gonzalez



Lélia Gonzalez e o amigo cubano Calos Moore. Dakar, Senegal, 1979
| *Acervo Lélia Gonzalez*

Seu primeiro encontro com o cubano Carlos Moore foi no Senegal, África, através de amigos comuns. Moore estava no exílio, desde o ano de 1963, na companhia de sua esposa Shawna e Kimathi, filho do casal. Quando conheceram Lélia, tornaram-se grandes parceiros e a acolheram em sua residência. Ambos tinham discussões calorosas sobre o marxismo, Lacan, mas, segundo Moore, a questão racial, para Lélia, era predominante.

A partir de então, Lélia marcou presença em diversos encontros, seminários, congressos, seja como convidada especial e/ou palestrante:

- **Racism and its effects in Brazilian society. Women's Conference on Human Rights and Mission**, Veneza (Itália) e Genebra (Suíça), 1979. (Racismo e seus efeitos na sociedade brasileira. Conferência de Mulheres sobre Direitos Humanos e Missão).
- **Vice-Presidente do I Seminário "Woman under Apartheid"**, promovido pela Ligue des Femmes du Quebec e pela ONU, Montreal/Canadá, 1980. (A Mulher sob o regime do Apartheid). Relatora na Conferência Alternativa da Meia Década da Mulher, promovida pelas ONGs, Copenhagem, 1980.
- **Participação no Seminário Un autre developpement avec Les Femmes**, promovido pela Association des Femmes Africaines pour La Recherche et le Développement, Dakar/Senegal, 1982. (Um outro modelo de desenvolvimento com as Mulheres).
- **Convidada Especial para o Symposium in Support of the Struggle of the Namibian People for Self-Determination and Independence**, promovido pelo United Council for Namibia (ONU), San José/Costa Rica, 1983. (Simpósio em Apoio à Luta do Povo da Namíbia por sua Autodeterminação e Independência).



Lélia Gonzalez e a amiga Shawna. Dakar, Senegal, 1979 | *Acervo Lélia Gonzalez*

Lélia Gonzalez. 'Cultura, etnicidade e trabalho'. Comunicação apresentada no 8º Encontro Nacional da Latin American Studies Association Pittsburgh, Estados Unidos, abril de 1979 |

Acervo Lélia Gonzalez

Lélia Gonzalez. 'Brazilian support to the Namibian Cause'. Comunicação apresentada no Symposium in Support of the Namibian Cause in Latin America, San José, 1983 | *Acervo Lélia Gonzalez*

CULTURA, ETNICIDADE E TRABALHO: EFEITOS LINGUÍSTICOS E POLÍTICOS DA EXPLORAÇÃO DA MULHER

por
LÉLIA GONZALEZ
(Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - Brasil)

Comunicação apresentada no Oitavo Encontro Nacional da LATIN AMERICAN STUDIES ASSOCIATION.

Pittsburgh, April 5-7 1979.

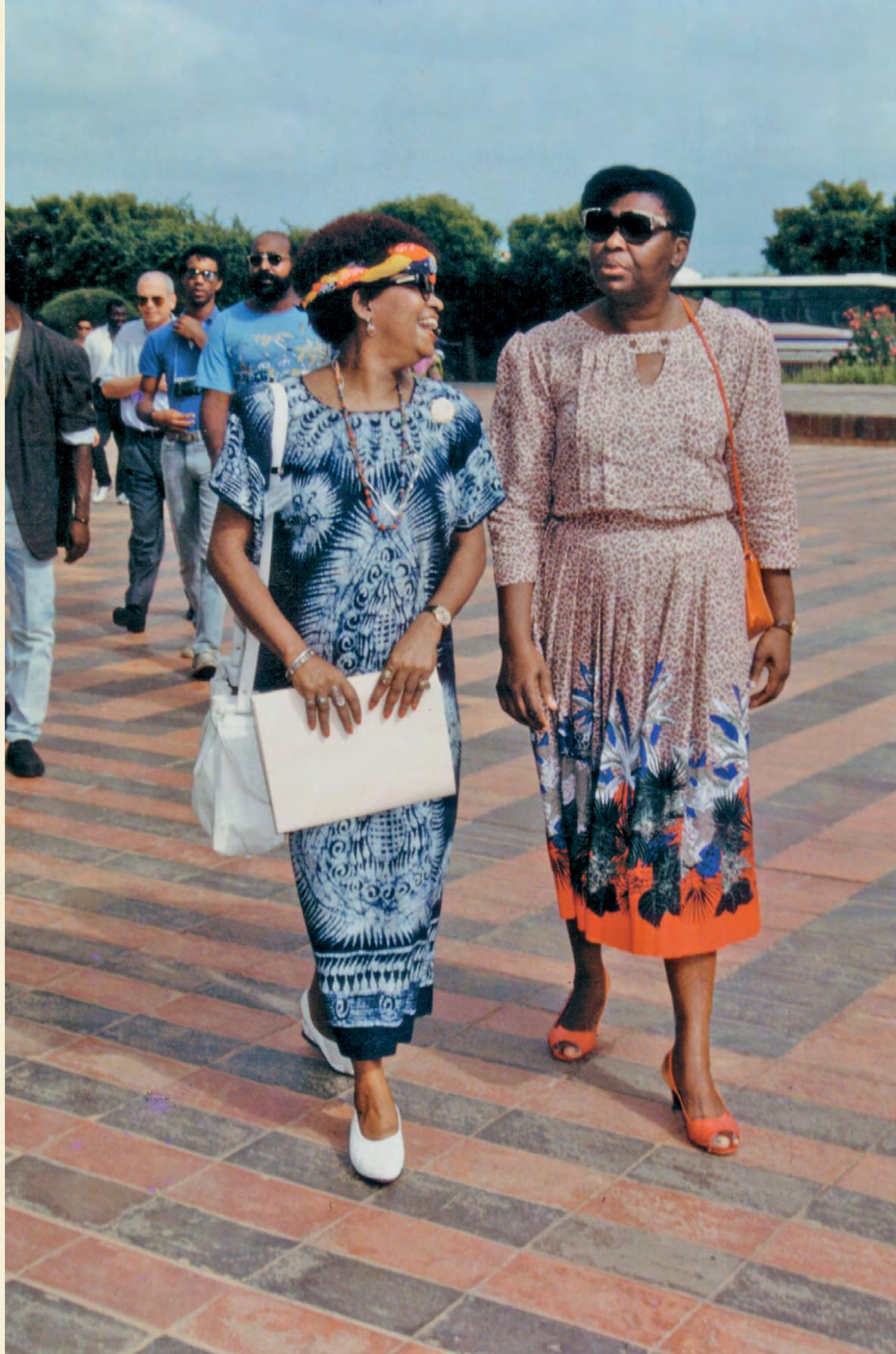
BRAZILIAN SUPPORT TO THE NAMIBIAN CAUSE: DIFFICULTIES AND POSSIBILITIES

by

Lélia Gonzalez

(Coletivo Nzinga de Mulheres Negras and Instituto de Pesquisas das Culturas Negras - Rio de Janeiro)

Paper presented at the Symposium in Support of the Namibian Cause in Latin America, sponsored by the United Nations Council for Namibia (San José, 16-19 August, 1983)



Lélia Gonzalez e Benedita da Silva. Dakar, Senegal, 1986 | *Acervo Lélia Gonzalez*



Lélia Gonzalez no Symposium in Support of the Namibian Cause in Latin America. San José, Costa Rica, 1983 | *Acervo Lélia Gonzalez*



Lélia Gonzalez no Symposium in Support of the Namibian Cause in Latin America. San José, Costa Rica, 1983 | *Acervo Lélia Gonzalez*

Em nível nacional, reconhecimentos oficiais reforçam a importância de Lélia na luta antirracista e antissexista. Não foi à toa que no dia 1º de fevereiro de 1982, coincidentemente data de seu aniversário, recebeu um diploma do Conselho Nacional de Mulheres do Brasil por ser uma das “Dez Mulheres do Ano de 1981”, que muito trabalharam pela integração da mulher no processo de desenvolvimento sócio-político-econômico do país.

No ano seguinte, fundou em parceria com Pedrina de Deus, Jurema Batista, Elizabeth Viana, Ana Garcia, Rosália Lemos, dentre outras, o Nzinga – Coletivo de Mulheres Negras, na Associação do Morro dos Cabritos, em Copacabana, RJ, do qual participou até 1985. A escolha do nome foi uma homenagem à africana Nzinga, guerreira e estrategista na luta contra o colonizador.

Com uma bolsa concedida pela Fundação Ford — para execução do projeto “Mulher Negra: proposta de articulação entre raça, classe e sexo”, em co-autoria com Tereza Cristina Araújo Costa — viajou para os Estados Unidos, em 1984.

Na cidade de Baltimore, já no Seminário organizado pelo African-American Women’s Political Caucus, Lélia dialogou e se articulou com lideranças femininas do movimento negro norte-americano como Angela Davis, Annie Chambers, Queen Mother Moore e Miss Helena B. Moore.



Seminário 1985 & Beyond. Baltimore, Estados Unidos, com Angela Davies, 1984 | Acervo Lélia Gonzalez

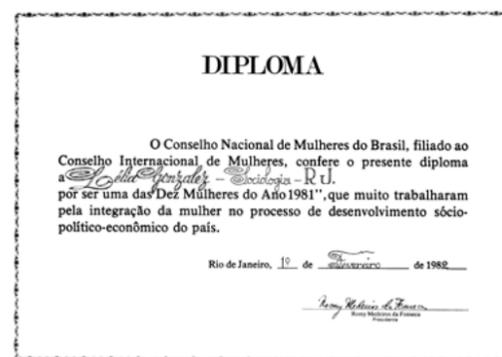
Estas duas últimas, segundo ela, verdadeiros arquivos vivos da história do Movimento Negro Americano. Recebeu delas o maior estímulo em face do trabalho no Brasil. Em seu relatório¹ de pesquisa após a viagem, entregue à Fundação Ford, Lélia expressou todo o seu encantamento com essa viagem e com a popularidade de Angela Davis.

[...] Constatei que a popularidade de Angela Davis entre aquelas mulheres de classe média afro-americana é enorme, apesar de sua conhecida militância comunista. Mas, ao ouvi-la falar, compreendi, talvez, que essa questão se torna absolutamente secundária: a força e a competência de sua articulação segura, aliadas ao brilhantismo com que expõe suas idéias transfiguram-na de tal maneira que a platéia fica como que eletrizada, suspensa no fio de suas palavras. E todo aquele arrebatamento que observei e também vivenciei remete-nos a algo que nos é muito caro: a força da dignidade da mulher negra. E aquela mulher franzina, que se agiganta no momento em que fala, passava isso para todas nós; esse orgulho de nós mesmas, essa perseverança na resistência, essa autoconfiança em termos do nosso papel. Naquela manhã de 10 de agosto, sentiamo-nos felizes e fortes por sermos mulheres negras...²

1, 2 GONZALEZ, Lélia. Mulher Negra: uma proposta de articulação entre raça, classe e sexo. [S.L.: s.n.], 1984. Relatório. Acervo Lélia Gonzalez.



Lélia Gonzalez com suas/seus alunas/os da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, 1980 | Acervo Lélia Gonzalez



Lélia Gonzalez. Diploma Uma das Dez Mulheres do Ano de 1981, concedido pelo Conselho Nacional de Mulheres do Brasil – 1º de fevereiro de 1982 | Acervo Lélia Gonzalez

Lélia dominava o francês, inglês e espanhol. Com essa proficiência, dialogava com estudiosos e ativistas internacionais. Quando não tinha a oportunidade de interagir, pessoalmente, ela o fazia por correspondência. Assim foi com o historiador norte-americano Thomas Skidmore.

Não existiam fronteiras para ela. Nessas viagens pelo mundo afora, tentou angariar recursos financeiros, junto a órgãos internacionais, para execução da agenda política do grupo Nzinga, recém criado por mulheres negras brasileiras. Ela conhecia de perto as dificuldades encontradas, por essas militantes, para colocar em prática seus projetos.

Em Nairobi, África, participou da III Conferência Mundial sobre a Mulher, evento de encerramento da Década da Mulher 1975-1985, o qual reuniu feministas do mundo todo. Em solo africano, Lélia aproveitou para visitar comunidades rurais locais. Para ela, conhecer profundamente as matrizes – religiosas, culturais, históricas – africanas era fundamental para o conhecimento de nossa cultura: “africanizada”. Além disso, ela incentivava a leitura de Aimé Césaire, Agostinho Neto, Amílcar Cabral e outros escritores africanos.

O mundo estava conhecendo Lélia Gonzalez. Se viva fosse, atualmente, ela seria considerada uma cidadã cosmopolita, ou seja, uma cidadã do mundo e conhecedora de diversas culturas e línguas. No entanto, seu foco de luta estava no Brasil: a mulher negra. Para além do compromisso pessoal, o empenho de Lélia era voltado para um coletivo do qual ela também fazia parte.

Na capital da Itália, ela foi convidada para integrar o Conselho Diretor da Society for International Development/SID, no qual atuou durante um ano. Aqui no Brasil, Lélia tornou-se professora do Departamento de Sociologia e Política da PUC-Rio e Diretora do Planetário da Gávea.



Abaixo: Lélia Gonzalez e Benedita da Silva. III Conferência Mundial sobre a Mulher – Encerramento da Década da Mulher, Nairobi, Quênia, 1985 | Acervo Lélia Gonzalez



Lélia Gonzalez visitando uma comunidade rural. III Conferência Mundial sobre a Mulher – Encerramento da Década da Mulher, Nairobi, Quênia, 1985 | *Acervo Lélia Gonzalez*

Entre uma atividade e outra, Lélia arrumava as malas e viajava para onde a convidavam. Em 1987, ela participou do Festival Pan-Africano de Artes e Cultura/FESPAC, em Dakar, África. Abdias do Nascimento integrou o Comitê Dirigente Internacional do Festival. A ideologia pan-africanista estava em evidência, desde o início do século XX, na voz do americano W. Du Bois e tinha como propósito a criação de uma “unidade africana”.

Lélia sempre defendeu a descolonização dos países africanos e afirmava que o Brasil deveria romper relações diplomáticas com países que mantinham políticas racistas. Nessa ocasião, o sul africano Nelson Mandela — um ícone da luta contra o apartheid em seu país — estava preso e sua libertação era um assunto que fazia parte das agendas políticas dos movimentos negros, desde a década de 1970.

Em Miami, EUA, Lélia participou da Conferência da Negritude, onde conheceu um dos maiores expoentes do movimento, o martinicano Aimé Césaire. Na verdade, o movimento da negritude foi idealizado fora da África, provavelmente nos Estados Unidos. No entanto, em Paris, na década de 1930, um grupo de estudantes negros — Aimé Césaire (Martinica), criador da palavra negritude, Léon Damas (Guiana Francesa) e Léopold Sédar Senghor (Senegal) — foi responsável pela divulgação do movimento com a publicação da revista *L'étudiant Noir* (O Estudante Negro).

No final da década de 1980, as viagens para o exterior começaram a diminuir, enquanto no cenário nacional Lélia estava em plena atuação no Conselho Deliberativo do Memorial Zumbi, no Conselho Nacional dos Direitos da Mulher e no Conselho Internacional do Memorial Gorée, África.



MULHER NEGRA: UMA PROPOSTA DE ARTICULAÇÃO ENTRE RAÇA, CLASSE E SEXO

PARTE I - Mulher Negra: Família e Força de Trabalho
(análise de dados secundários)

Elaborado por: *Tereza Cristina N. Araújo Costa*
e *Lucia Elena Garcia de Oliveira*

PARTE II - Mulher Negra: Articulações Ideológicas
(análise de entrevistas)

Elaborado por: *Lélia Gonzalez*

Lélia Gonzalez e Aimé Césaire, um dos maiores expoentes do movimento da negritude. Conference on negritude, ethnicity and afro-cultures in the Americas, Miami, EUA, 1987 | *Acervo Lélia Gonzalez*

Lélia Gonzalez, "Mulher negra: uma proposta de articulação entre raça, classe e sexo". Relatório de Pesquisa entregue à Fundação Ford, 1984 | *Acervo Lélia Gonzalez*



Nelson Mandela, líder sul africano na luta contra o apartheid | Corbis



Lélia Gonzalez | Acervo JG/Foto: Januário Garcia



Lélia Gonzalez. Folder da campanha de Lélia para Deputada Estadual pelo PDT, 1986 | Acervo JG/Foto: Januário Garcia

6

LÉLIA GONZALEZ
TOMANDO PARTIDO...



Lélia Gonzalez. Em campanha eleitoral para Deputada Federal pelo PT. No Centro do Rio de Janeiro, 1982 | *Acervo JG/Foto Januário Garcia*

O início da década de 1980 marcou uma nova inflexão na trajetória política de Lélia Gonzalez. É o momento de seu envolvimento com a política partidária. O contexto é de uma década marcada por grandes (re) ordenamentos políticos.

Com o fim do bipartidarismo, novas alianças políticas começaram a surgir. A Arena (Aliança Renovadora Nacional), partido que sustentava o regime militar, foi rebatizada de PDS (Partido Democrático Social), depois PFL (Partido da Frente Liberal) e depois DEM (Democratas). O MDB (Movimento Democrático Brasileiro), partido de oposição ao regime, foi rebatizado de PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro).

Outras alianças políticas foram se consolidando e com isso a formação de novos partidos como o PT (Partido dos Trabalhadores) e o PDT (Partido Democrático Trabalhista). Em meio a essa efervescência política, social e cultural, os movimentos de resistência social ganharam força e visibilidade.



Lélia Gonzalez. Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. Reunião do PT, 1981 | *Acervo Lélia Gonzalez*

Em 1981, Lélia já militava no Partido dos Trabalhadores, fazendo da luta contra o racismo sua plataforma política e assumindo sua identidade de mulher negra com posições ideológicas de esquerda. Acreditava que esse era o espaço onde a possibilidade de emancipação dos negros e a tão almejada igualdade encontrariam um terreno fértil.

A decepção não tardou a chegar. Logo, vivenciou as dificuldades, e a resistência, que o partido tinha em colocar na pauta e na ação o enfrentamento à questão racial. Persistia tanto no pensamento da esquerda brasileira, como no da direita, a ideia de “democracia racial”, a qual encobria as assimetrias sociais e o racismo arraigado em nossa sociedade.

Lélia não se furtou à necessidade de influir nesse campo, por mais contraditória e inóspita que tal tarefa se mostrasse. Sobre esse envolvimento nos dá testemunho Luiza Bairros: *as cautelas de Lélia em relação à cooptação não fizeram dela uma militante avessa à participação em setores políticos fora do movimento negro. Pelo contrário, ela temia que sucumbíssemos às tentativas do sistema de nos "guetizar"*¹.

¹ BAIRROS, Luiza. Lembrando Lélia Gonzalez. Afro-Ásia. Salvador, n 23, 2000. Seção Homenagens. Disponível em: <<http://www.afroasia.ufba.br/edicao.php?codEd=37>>. Acesso em: 12 jul. 2011.



Assim, no Partido dos Trabalhadores (PT), ela militou entre 1981 e 1985, integrando o Diretório Nacional do partido por três anos. Foi candidata à deputada federal, em 1982, mas não conseguiu se eleger e ocupou a primeira suplência da bancada.

Sua campanha para deputada federal intitulada “Maiorias Silenciadas” — e não silenciosas — baseou-se na agenda dos movimentos negros e de mulheres. O ponto chave eram os sujeitos dos novos movimentos sociais surgidos no Brasil, por ocasião da redemocratização: as mulheres, os negros e os homossexuais. O ponto de união entre os três grupos era a questão da discriminação e do preconceito, forte bandeira de luta nos três movimentos, apesar das especificidades de cada um.

Para ela, a prática da discriminação não se restringia à população negra, mas também a outras “minorias”, como as mulheres, os índios, os homossexuais, que estavam buscando espaços de poder para pautar suas demandas. Essas questões não eram contempladas dentro do partido. Com isso, essas incompatibilidades ideológicas motivaram a saída de Lélia do PT².

2 BARRETO, Raquel de Andrade. Enegrecendo o feminismo ou feminizando a raça: narrativas de libertação em Ângela Davis e Lélia Gonzalez. 2005. 128 f. Dissertação. (Mestrado em História)



Acima e ao lado: Lélia Gonzalez. Em campanha eleitoral para Deputada Federal pelo PT. Centro, Rio de Janeiro, 1982 | Acervo JG/Foto Januário Garcia



Lélia Gonzalez e Abdias do Nascimento. Em campanha eleitoral para Deputada Federal pelo PT
| Acervo JG/Foto Januário Garcia



Rose Marie Muraro e Lélia Gonzalez em campanha eleitoral para Deputada Federal, pelo PT. Rio de Janeiro, 1982 | Acervo JG/Foto Januário Garcia



Lélia Gonzalez com o filho Rubens. Em campanha eleitoral para Deputada Federal pelo PT. No Centro do Rio de Janeiro, 1982 | Acervo JG/Foto Januário Garcia

Deixando o partido...

Em artigo publicado na *Folha de S. Paulo*, em 1983, ela criticou duramente o programa televisivo elaborado pelo PT, que foi apresentado em rede nacional. Entre os dez temas abordados pelo partido, não mencionaram a situação dos afro-descendentes. Lélia considerou esta atitude “racismo por omissão”, um dos aspectos da ideologia do branqueamento.

Por outro lado, Lélia chamou a atenção para o fato de que nem todos os seus companheiros de partido eram descomprometidos com o racismo, por isso mesmo, deveriam tratá-los com mais seriedade, levando em conta todas as suas implicações na sociedade: desigualdade, inferiorização, marginalização etc. Concluiu destacando que: *o ato falho com relação ao negro e que marcou a apresentação do PT pareceu-me de extrema gravidade não só porque alguns dos oradores que ali estiveram possuem nítida ascendência negra, mas porque se falou de um sonho; um sonho que se pretende igualitário, democrático etc., mas exclusivo e excludente. Um sonho ‘europeizantemente’ europeu. E isso é muito grave, companheiros. Afinal, a questão do racismo está intimamente ligada à suposta superioridade cultural. De quem? Ora... Crioléu, mulherio, indiada deste país: se cuida, moçada...*³

Em 10 de novembro de 1985, encaminha ao Presidente do Partido, Lula, carta na qual expõe os motivos para a solicitação de afastamento.

Caro companheiro. Pelo fato de discordar das práticas desenvolvidas pelo PT/RJ (expostas em carta dirigida ao companheiro Lula, datada de 07/11/85), sobretudo no que diz respeito ao estreitamento de espaços para uma política voltada as chamadas minorias, peço meu desligamento do PT, declarando ao mesmo tempo, que estou encaminhando minha filiação ao PDT, onde acredito poder melhor trabalhar em termos de implementação da política supracitada. Declaro, por outro lado, que não é sem dificuldades que tomo esta decisão. Afinal, foi graças ao PT (às suas propostas) que me decidi a entrar na vida político-partidária, acreditando na possibilidade de inovação dentro da mesma. Disso, não poderei me esquecer; embora sabendo que os caminhos são tortuosos e que a luta não pode deixar de continuar junto com e em favor dos explorados, oprimidos, discriminados. Com respeito de sempre, as saudações cordiais de quem sempre buscou estar nas lutas dos discriminados.

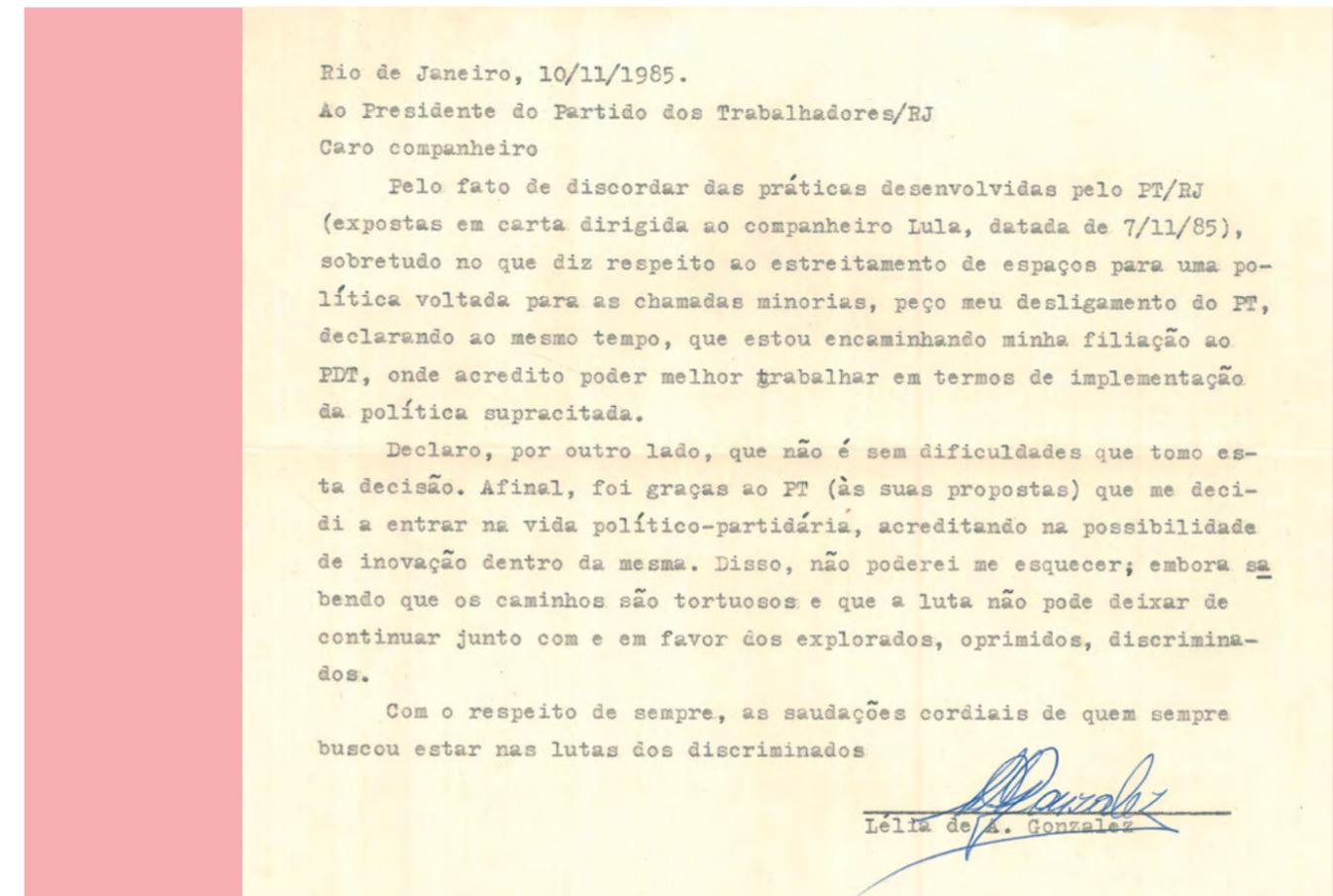
Lélia de A. Gonzalez

Em 1986, convidada por Abdias do Nascimento, Lélia se candidata a deputada estadual pelo PDT, elegendo-se primeira suplente. Sobre a filiação de Lélia ao partido liderado por Leonel Brizola, a pesquisadora Elisa Larkin relata que: (...) *o PDT foi o primeiro partido a assumir como prioridade programática a questão racial e, mais do que isso, por insistência também do Abdias e do grupo que o acompanhava evidentemente, mas ele era o grande porta voz (...). Eu acredito que quando Lélia sai do PT e vai para o PDT é por causa disso, porque ela está optando pelo partido que melhor definiu e agiu sobre a questão racial na sua ação política*⁴.

Em sua plataforma eleitoral, mais uma vez, assumiu o compromisso político com a mulher negra e com a descolonização da cultura. Em seu folder de campanha elaborou um texto denominado Odara Dudu = Beleza Negra, no qual enalteceu o Bloco Afro-Ilê Aiyê, Salvador, e o Agbara Dudu, Rio de Janeiro.

³ GONZALEZ, Lélia. Racismo por omissão. In: *Folha de São Paulo*, Caderno Opinião, 13 de agosto de 1983, p. 03.

⁴ Entrevista concedida por Elisa Larkin Nascimento à Rosana Chagas em 14 de outubro de 2011, no Rio de Janeiro/RJ, para o Projeto Memória — Lélia Gonzalez: O feminismo negro no palco da história.



Lélia Gonzalez. Carta Oficial de desligamento do PT, 1985 | Acervo Lélia Gonzalez

Para além da festividade, essas entidades desenvolviam atividades didático educativas e concursos de estética, como forma de valorizar, resgatar e afirmar uma identidade negra. Segundo Lélia, essas atividades faziam com que a nossa etnia tomasse consciência do seu papel de sujeito de sua própria história e de sua importância na construção não só deste país, como nas de muitos outros das Américas⁵.

Portanto, a opção de Lélia pela política partidária e participação nos processos eleitorais ligava-se às suas preocupações em tornar público o debate em torno da questão racial no Brasil, e fazer avançar a agenda de promoção da igualdade racial. Estava convencida de que seria no campo político da esquerda que a militância negra encontraria as melhores condições para pautar as suas reivindicações.

Após uma exaustiva campanha eleitoral, e nem tão exitosa, Lélia foi empossada Diretora do Planetário da Gávea e assume o posto no dia 27 de agosto. Nesse mesmo ano, em tributo à cultura popular brasileira, publicou o livro *Festas Populares no Brasil*. Com essa obra, composta por imagens de conhecidos fotógrafos do folclore brasileiro, recebeu um prêmio na categoria “Os mais belos livros do mundo” na Feira de Leipzig na Alemanha, em 12 de março de 1989.

A iconografia da obra, que trata das principais festas populares brasileiras, é comentada por Lélia Gonzalez, que neste período dava aulas de Folclore Brasileiro no Departamento de Artes da PUC-Rio.

⁵ Folder da Campanha de Lélia no PDT localizado no Acervo Lélia Gonzalez durante a pesquisa de campo realizada no mês de agosto de 2011, no terreiro Ilê Oxum Apará, Itaguaí.

ODARA DUDU = BELEZA NEGRA

Um dos modos mais eficazes de domesticação, utilizados pelas classes dominantes brancas tem sido o de estabelecer uma relação direta do termo negro com tudo aquilo que é mau, indesejável, feio, sujo, minúsculo, maldito etc. Quem de nós já não está cansado de ouvir a expressão "os anos negros da ditadura"? Ou, então, como diz o poeta famoso, numa música não menos famosa que "á coisa aqui tá preta"? Os exemplos nesse sentido são tantos, que não vale a pena reproduzi-los; nós, negras e negros, os conhecemos de sobra.

Mas o aspecto que nos interessa aqui, é o do modo estético ocidental (branco) que nos foi imposto como superior ideal a ser atingido. Por isto mesmo, nós, negras e negros, éramos sempre vistos como o oposto daquele modelo, através do reforço pejorativo das nossas características físicas: cabelo ruim, nariz chato ou fofinho, beijos ao invés de lábios, tu do isco reunido na expressão "feições grossas ou grossas". E quantos de nós se deixaram enganar por tudo isso, acreditando realmente que ser negro é ser feio, inferior, mais próximo do macaco do que do homem (branco, naturalmente). E a ideologia do branqueamento estético destilou o seu veneno mortal não apenas no interior da comunidade negra, mas no flegamento da nossa própria história. De repente, a raíza Gladiadora (que era negra), aparece nos filmes de Hollywood sob a imagem de Elizabeth Taylor; e, bem nos dias de hoje, a televisão brasileira imprime em nossas mentes a imagem de uma Dona Beija (cujo pai foi um escravo forro e, portanto, negro) quase loira e de olhos claros...

MAS A VOLTA POR CIMA FOI DADA PELOS NEGROS AMERICANOS, AO AFIRMAREM, NOS ANOS SEXTENTA, QUE "BLACK IS BEAUTIFUL" ("NEGREO É BELLO"). NO BRASIL, O BLOCO "AFRO ILE AITÊ", DE SALVADOR, INICIOU O PROCESSO DE SUBVERSAO CULTURAL QUE RESCATA, DENTRE OUTROS, OS VA

LORES ESTÉTICOS DA AFRO-BRASILIDADE. E A "NOITE DA BELEZA NEGRA" FOI ASSUMIDA POR OUTROS BLOCOS - AFRO E APOXÊS DA BAHIA, ASSIM COMO DE OUTROS ESTADOS. NO RIO DE JANEIRO, COIBE AO AGBARA BUDU A REPRESENTAÇÃO DO ORGULHO CULTURAL E DA CRIATIVIDADE ESTÉTICA À COMUNIDADE NEGRA. PESSOALMENTE, TIVE A HONRA DE PERTENCER AO CORPO DE JURADOS DA "NOITE DA BELEZA NEGRA" TANTO DO ILE AITÊ, QUANTO DO AGBARA BUDU, ESSAS DUAS ENTIDADES PIONEIRAS. PIONEIRAS NO SENTIDO DE DEMONSTRAREM QUE CULTURA É POLÍTICA COM O "P" MAIÚSCULO, NA MEDIDA EM QUE, DA MANEIRA MAIS DIDÁTICA E PRAZEIROSA, FAZEM COM QUE A NOSSA ETNIA TO ME CONSCIÊNCIA DO SEU PAPEL DE SUJEITO DE SUA PRÓPRIA HISTÓRIA E DE SUA IMPORTÂNCIA NA CONSTRUÇÃO NÃO SÓ DESTE PAÍS, COMO NAS DE MUITOS OUTROS DAS AMÉRICAS.

COMO A "NOITE DA BELEZA NEGRA" REFERE-SE, ESPECIALMENTE, À VALORIZAÇÃO DA MULHER NEGRA, EU NÃO PODERIA DEIXAR DE LEMBRAR, AQUI, O TRABALHO DE ALGUMAS COMPANHEIRAS QUE, INDIVIDUAL E SACRIFICADAMENTE, NOS ANOS SETENTA (ISTO É, DA DITADURA), IAN DE CASA EM CASA FAZER NÃO SÓ O CABELO, COMO A CABEÇA DE MUITAS MULHERES NEGRAS (A GRANDE MAIORIA DELAS MAIS PRECUPADAS COM A MODA AFRO DO QUE COM A OPRRESSÃO E EXPLORAÇÃO DA SUA COMUNIDADE). SEU TRABALHO DE MELITÂNCIA ANÔNIMA NÃO PODE SER MINIMIZADO NUM MOMENTO COMO ESTE, PORQUE, À SUA MANEIRA, ANTECIPARAM O TRABALHO DE MUITAS ENTIDADES DO MOVIMENTO NEGREO, E ELAS TAMBÉM - DAI, SIMONE, ELIANE, VERA DE ODOM E MUITAS OUTRAS - CABEM O NOSSO RESPEITO E A NOSSA HOMENAGEM PELO MUITO QUE FIZERAM, E AINDA FAZEM, PARA COLOCAR A CULTURA NEGRA NO MESMO NÍVEL QUE AS OUTRAS.



LÉLIA GONZALEZ
Deputada Estadual
PDT/86

Racismo por omissão

LÉLIA GONZALEZ

O Programa do Partido dos Trabalhadores, ao qual pertencemos, levado ao ar em cadeia nacional de televisão, no dia 5/8 passado, decepcionou pelo menos 44% da população brasileira: os negros (pretos e pardos ou mestiços). Com o devido desconto dos "jabuticabas" e o acréscimo dos brancos que efetivamente estão aí, na luta conosco. A abertura leve e simpática, com Irene Ravache falando da "história de um sonho", aumentou a expectativa de quem já vinha aguardando com certa ansiedade a tão rara oportunidade em que aqueles que "não têm voz nem voz" pudessem expressar-se. Mas o que foi que se viu?

Uma pesada sucessão de oradores que, com maior ou menor habilidade, discorreram sobre os dez temas selecionados. Apesar dos esforços, faltou jogo de cintura, inclusive por parte daqueles que tentaram falar numa linguagem popular. A impressão que se tinha era a de que, com perdão da má palavra, havia "gringo no samba". E o samba atravessou, e a escola desfilou mal, devagar quase parando. De acordo com o enredo, "Da economia à mulher", a escola desfilou com dez alas, o que foi uma pena. Duas alas ficaram excluídas, embora pudessem ter sido enxertadas nas outras. A dos Favelados (32 milhões, mais ou menos) poderia ter sido enxertada na da Habitação, por exemplo. A dos Crioulos, em várias outras: Desemprego, Saúde e Educação, Mulher, Habitação (de novo), Reforma Agrária, Democracia etc. Embora as alas excluídas só saibam cantar coi-

sas do tipo "belezas mil do meu Brasil", continuo achando que podiam ter participado do desfile sem prejudicar a escola. Pelo contrário. Teriam dado o molho, o sal, o tempero ao desfile, demonstrando a força, o pique, a ginga e o caráter inovador da nossa escola. Sem elas, apesar da beleza do abre-alas, nossa escola não ficou melhor, nem pior, nem diferente das velhas escolas de sempre...

Crioulos à parte, considero importante reproduzir aqui uma afirmação de Carlos Hasenbalg, num pequeno livro que escrevemos em co-autoria: "No registro que o Brasil tem de si mesmo o negro tende à condição de invisibilidade." Para não fugir à regra, o PT na TV não deixou por menos: tratou dos mais graves problemas do País, exceto um, que foi "esquecido", "tirado de cena", "invisibilizado", recalçado. É a isto, justamente, que se chama de racismo por omissão. E este nada mais é do que um dos aspectos da ideologia do branqueamento que, colonizadamente, nos quer fazer crer que somos um país racialmente branco e culturalmente ocidental, eurocêntrico. Ao lado da noção de "democracia racial", ela aí está, não só definindo a identidade do negro, como determinando o seu lugar na hierarquia social; não só "fazendo a cabeça" das elites ditas pensantes, quanto das lideranças políticas que se querem populares, revolucionárias.

Isto não quer dizer que dentro do Partido dos Trabalhadores não existam companheiros empenhados na luta contra o racismo e suas práticas, entendendo o quanto ele implica em desigualdades, em inferiorização de amplos setores das classes trabalha-

doras. As denúncias de um Eduardo Suplicy, a eleição de uma Benedita da Silva, de uma Lúcia Arruda, de um Lizt Vieira não se fizeram a partir do nada. "É muito comum reduzir-se o racismo a uma questão meramente de classe, o que não é verdade, embora haja pontos de contato", dizia um companheiro africano, por ocasião do 3.º Congresso Internacional da Associação Latino-Americana de Estudos Afro-Asiáticos (Rio de Janeiro, 1 a 5/8 de 1983), do qual participávamos. E acrescentava: "Se o racismo decorre de uma situação de exploração econômica, ele acaba por assumir uma autonomia própria" (Manuel Faustino). E, nesse sentido, passo adiante uma sugestão de leitura que nos foi feita no decorrer do congresso. Trata-se de uma dissertação de mestrado, de Suely Alves de Souza (Unicamp), cujo título é bastante sugestivo: "Entre nós os pobres, eles os pretos".

Para concluir, direi que o ato falho com relação ao negro e que marcou a apresentação do PT pareceu-me de extrema gravidade não só porque alguns dos oradores que ali estiveram possuem nítida ascendência negra, mas porque se falou de um sonho; um sonho que se pretende igualitário, democrático etc., mas exclusivo e excludente. Um sonho europeizantemente europeu. E isso é muito grave, companheiros. Afinal, a questão do racismo está intimamente ligada à suposta superioridade cultural. De quem? Ora... Criolêu, mulhero e indiada deste País: se cuida, moçada!

LÉLIA GONZALEZ é socióloga, professora de Antropologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e autora de "Lugar de Negro".

LÉLIA GONZALEZ
DEPUTADA ESTADUAL
PDT - 1986
Av. M. L. Floriano, 142/100
C.P. 00700 - J. TIJUCA - 20500-010

«Pelos
diferenças,
contra
as desigualdades»

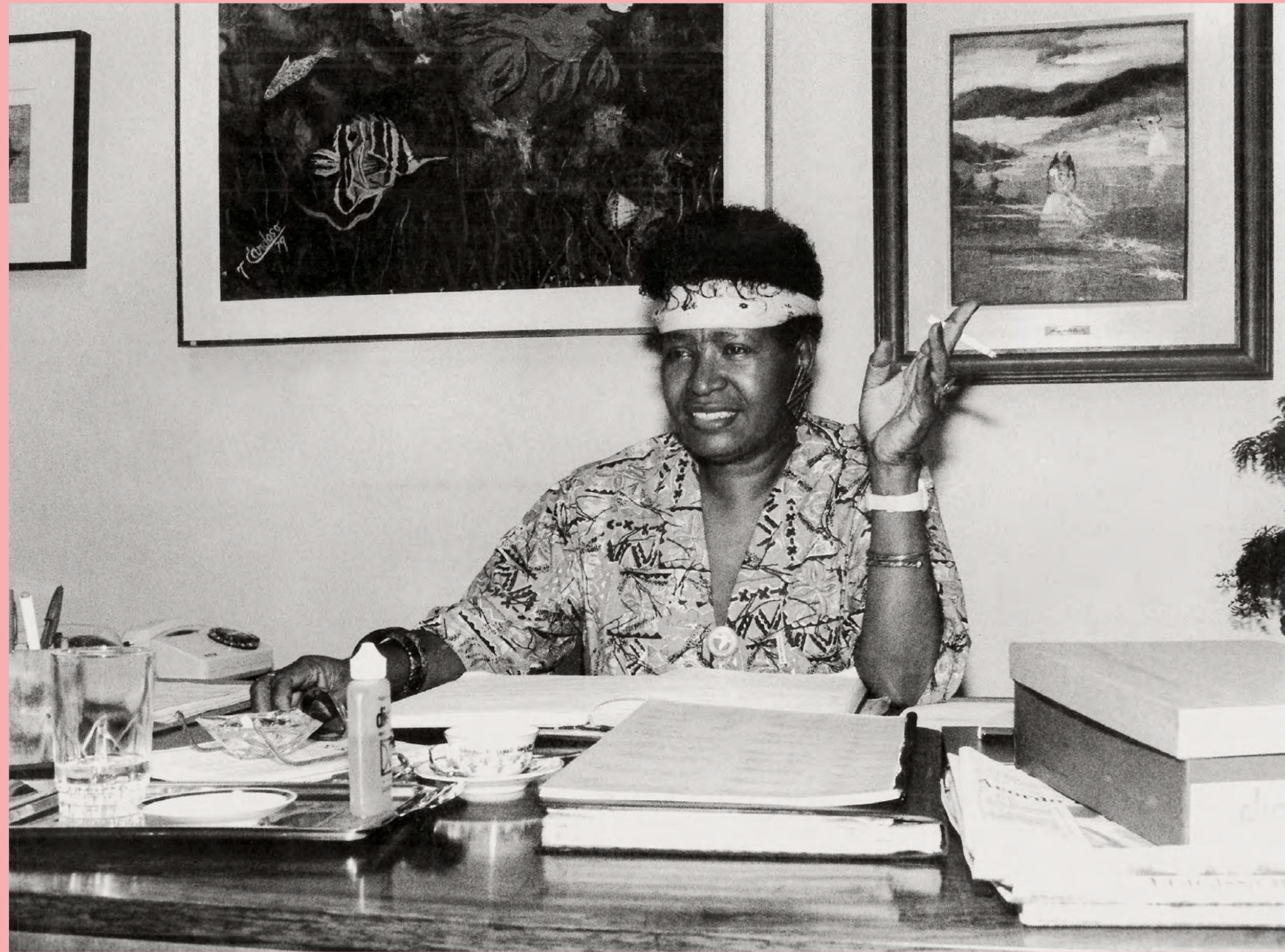
Comitê dos Operários da Cultura*
Rua Prof. Gahizo, 234
Tijuca Rio

Lélia Gonzalez

Dep. Estadual - PDT
n. 12.114

Lélia Gonzalez. Folder da campanha de Lélia para Deputada Estadual pelo PDT, Odara Dudu: beleza negra, Rio de Janeiro, 1987 | Acervo Lélia Gonzalez

Lélia Gonzalez. Artigo "Racismo por Omissão". Jornal Folha de São Paulo, São Paulo, 13 de agosto de 1983 | Folhpress



Lélia Gonzalez. Em seu escritório no Planetário da Gávea, Rio de Janeiro, 1987-1989 | Acervo Lélia Gonzalez



Lélia Gonzalez entre amigos. Festa de sua Posse como Diretora do Planetário da Gávea, Rio de Janeiro, agosto 1987 | Acervo Lélia Gonzalez



Lélia Gonzalez. Livro *Festas Populares do Brasil*. Texto de Lélia Gonzalez, Rio de Janeiro, 1987 | Acervo REDEH

Um bom conselho...

Em 1985, Lélia é convidada a integrar o recém criado Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), órgão federal instituído com o objetivo de promover, em âmbito nacional, políticas que visem eliminar a discriminação da mulher, assegurando-lhe condições de liberdade e igualdade de direitos, bem como sua plena participação nas atividades políticas e econômicas e culturais do País, conforme decreto de criação.

Com Ruth Escobar na presidência, Lélia era uma das conselheiras ao lado de Carmen Barroso, Tisuka Yamasaki, Maria Betania Ávila, Maria Conceição Tavares, Rose Marie Muraro, Maria Elvira Salles Ferreira, Sonia Germano, Marina Colasanti, Margarida Genevouis, Jacqueline Pitanguy, Benedita da Silva, Ruth Cardoso, Hildete Pereira de Melo entre outras. Lélia permanece no CNDM até 1989.

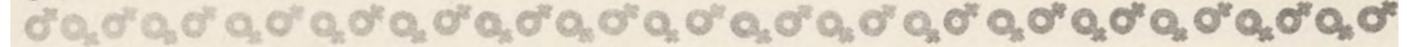
Em novembro de 1988, por ocasião do centenário da Lei Áurea, a Conselheira Lélia é uma das expoentes do Tribunal Winnie Mandela, promovido pelo Programa da Mulher Negra do CNDM, em parceria com a OAB-SP. O Tribunal reuniu diversas organizações da sociedade civil numa espécie de júri simulado, para discutir o racismo no Brasil.

Em dezembro do mesmo ano, participa do I Encontro Nacional de Mulheres Negras (ENMN), em Valença, no Rio de Janeiro. O evento mobilizou cerca de 440 participantes de 19 estados brasileiros. O discurso de abertura destaca que: *No processo de revisão do lugar da mulher negra na sociedade brasileira desencadeada pelos movimentos de mulheres há uma década, a questão da mulher negra passa assim a constituir agentes fundamentais da reconstrução deste país; a partir desta expectativa surge o nosso I Encontro Nacional de Mulheres Negras do país* ⁶.

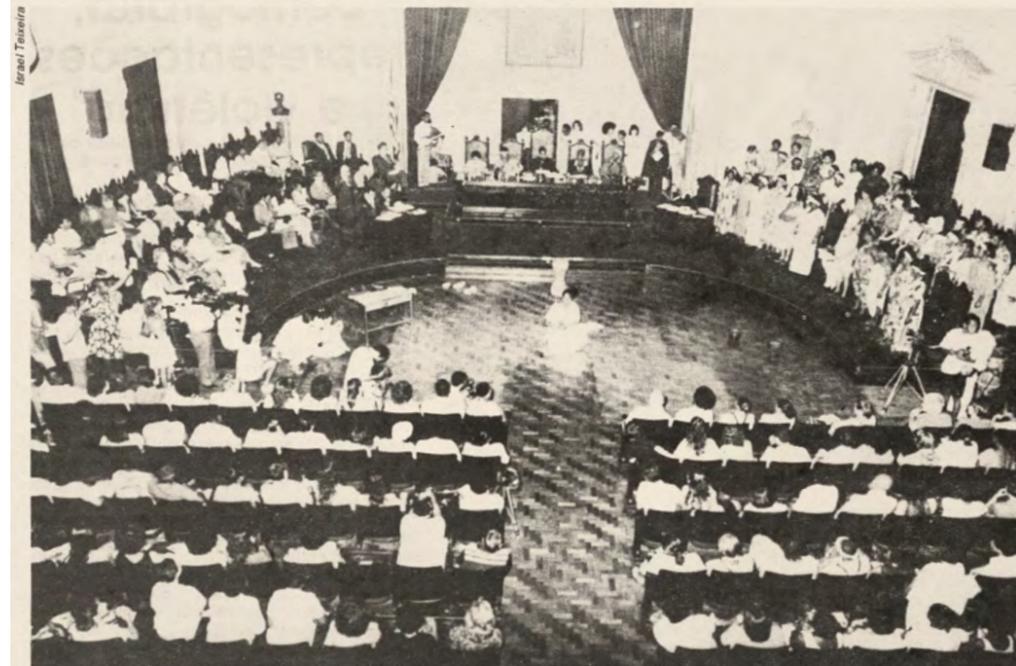
Esse foi um momento oportuno para o fortalecimento das organizações das mulheres negras, para o surgimento de novas lideranças e redimensionamento da agenda política.

⁶ Encontro Nacional de Mulheres Negras. Valença, RJ: Enúbarijo Comunicações, 1988. Parte 1. Disponível em: <http://www.cultne.com.br/video.php?id_video=417>. Acesso em 14 out. 2011.

Ao lado: Informe Mulher. Informativo do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher - CNDM - Tribunal Winnie Mandela, 1988 | *Acervo Lélia Gonzalez*



A MULHER NEGRA NA LUTA (III)



Sessão do Grande Júri: testemunhas, defesa, promotoria e jurados representaram o confronto ainda real em nossa sociedade.

Juíza anunciou veredito que condenou preconceito

O Tribunal Winnie Mandela - promovido pela OAB-SP e CNDM-Programa da Mulher Negra - realizou a sessão do Grande Júri em 19 de novembro, na Faculdade de Direito da Universidade de S. Paulo. Na defesa, Dr. Fausto Sucena Rasga Filho negou a existência de racismo no Brasil, onde o valor superior que a todos congregaria seria o sentimento de nacionalidade. Na promotoria, Dr. Antonio Cláudio Mariz de Oliveira afirmou a existência da discriminação racial. Houve discussão acirrada não só entre a defesa e a promotoria, mas, também, entre os integrantes do corpo de jurados.

Por um lado, o grande júri foi simulado, o réu abstrato. Por outro lado, não havia "script" e o debate travado representa o confronto real que existe no interior de nossa sociedade. Uns acreditam na democracia racial brasileira.

Outros, consideram que estamos longe de uma realidade com ausência de preconceito. Uns e outros estiveram representados na sessão do Grande Júri.

Homens e mulheres de diversos setores da sociedade constituíram o corpo de jurados etnicamente pluralista, com participantes das comunidades negra, judaica, nipônica, indígena, branca (veja quadro neste página). Esse pluralismo deu especial legitimidade ao processo de julgamento e ao veredito final, que aqui publicamos na íntegra. Um vídeo (recursos UNICEF, realização da União de Mulheres) e uma publicação (CNDM) estão sendo produzidos para assegurar a memória do Tribunal Winnie Mandela nas suas diversas fases: da instalação em maio, pelos cinco Seminários preparatórios à sessão final, até o Grande Júri, em novembro.

Veredito final

Aos dezoito dias do mês de novembro de 1988, reunido o Tribunal Winnie Mandela, para apreciação do processo que a sociedade brasileira promove contra o preconceito racial, deliberou, soberanamente, o Conselho de Sentença considerar o réu culpado pelo crime descrito no libelo.

Isto posto, com fundamento nos incisos XLI e XLII do Artigo 5º da Constituição Federal, julgo procedente a acusação e **condeno o réu à pena máxima**: deverá ser extinto em toda sociedade brasileira, lançando-se-lhe o nome no rol dos culpados.

A execução da pena se dará imediatamente para todos os cidadãos de bom senso.

Os demais estão condenados a carregarem o fardo da ignorância do crime, que é preconceito sob qualquer forma, e, ainda, terão de suportar a luta aguerrida de todos aqueles que pretendem uma sociedade justa e igualitária.

Como pena acessória, o Tribunal Winnie Mandela determina:

Que o Estado brasileiro, nas suas diversas representações de poder-Executivo, Legislativo e Judiciário - descaire a máscara da democracia racial, garantindo a participação da população negra em todos os setores da vida social, política, econômica e cultural do país, criando mecanismos que possibilitem sua efetiva e imediata participação, sem mais simulações.

À sociedade civil, a pena acessória é o resgate da dívida histórica de 400 anos de exploração social, econômica e cultural permitindo oportunidades reais e iguais a todos os cidadãos, homens e mulheres, e, sobretudo, uma postura de respeito ao cidadão negro, tanto quanto ao índio, ao branco, ao amarelo e aos miscigenados, que compõem o Estado brasileiro, para que sejamos realmente uma nação livre e soberana.

Tribunal Winnie Mandela

- Juíza: Maria Cristina Olímpio - Juíza do Tribunal de Justiça da Bahia.
- Promotoria: Dr. Antonio Cláudio Mariz de Oliveira, Pres. da OAB - Seção SP
- Assistente da Promotoria: Dr^o Eunice Aparecida de Jesus Prudente
- Defesa: Fausto Sucena Rasga Filho
- Testemunhas:
 - . Benedita da Silva - Deputada Constituinte
 - . Lélia Gonzalez - Antropóloga, Professora de Sociologia Política da PUC/RJ, Vice-Presidente do Congresso Mundial de Intelectuais Negros.
 - . Benedito de Jesus Batista Laurindo - Vigário paroquial da Catedral Metropolitana, Presidente da Comissão de Música e Liturgia da Arquidiocese de São Paulo, Assessor Nacional dos Agentes de Pastoral Negro, Presidente do Centro Comunitário do Menor.
 - . Zuleika Alambert - Escritora, feminista, consultora especial do Conselho Estadual da Condição Feminina.
- Tribunal de júri
 - . Aida Marco Antonio - Secretária da Secretaria de Estado do Menor de São Paulo.
 - . Alzira Rufino dos Santos - Poeta, Coordenadora do Coletivo de Mulheres Negras da Baixada Santista-SP
 - . Antonio Carlos dos Santos - Presidente de Bloco Afro Ilê Ayê - Salvador - BA
 - . Carlos Moura - Coordenador do Programa Nacional do Centenário da Abolição da Escravatura do Ministério da Cultura, Coordenador de Política Cultural do Ministério da Cultura, Diretor do Centro de Estudos Afro-Brasileiros.
 - . Carmem Barroso - Escritora, Presidente da Comissão dos Direitos Reprodutivos do Ministério da Saúde, Conselheira do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, Pesquisadora da Fundação Carlos Chagas - SP.
 - . Clóvis Moura - Sociólogo, Escritor, Presidente do Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas, Notório Saber da Universidade de São Paulo.
 - . Eliane Potiguara - Da nação indígena Potiguara, Professora, Coordenadora da UNI - União das Nações Indígenas, Presidente do Grupo Mulher Educação Indígena-GRUMIN.
 - . João Luiz Duboc Pinaud - Professor, Escritor, Membro do Conselho Federal da OAB.
 - . José Roberto Ferreira Militão - Advogado, Secretário Geral do Conselho de Desenvolvimento e Participação da Comunidade Negra de São Paulo.
 - . Jacqueline Pitanguy - Socióloga, Presidente do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher - Brasília.
 - . Kátia de Mello e Silva - Diretora da União de Mulheres do Nordeste de Amaralina - Salvador - BA, Diretora para Assuntos da Mulher Negra da União Brasileira de Mulheres Emancipacionistas.
 - . Katsunori Wakisaka - Diretor do Centro de Estudos Nipo-Brasileiros - São Paulo.
 - . Lucil Montoro - Presidente do Instituto de Estudos e Apoio Comunitário-IBEAC, Presidente do Fundo Social de Solidariedade do Estado de São Paulo durante o governo Montoro.
 - . Maria Angela Berloffo - Advogada, Presidenta da Comissão da Mulher Advogada da Ordem dos Advogados do Brasil - Seção São Paulo.
 - . Maria da Penha Guimarães - Advogada.
 - . Margarida Genevouis - Socióloga, Membro fundadora da Comissão de Justiça e Paz presidindo durante duas gestões, Conselheira do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher.
 - . Rodolfo Konder - Jornalista, Escritor, Vice-Presidente da Seção Brasileira da Anistia Internacional.
 - . Silvia de Oxalá - Yalorixá do Axé Ilê Obá.
 - . Theresia Santos - Atiz, Assessora da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo para Assuntos Afro-Brasileiros.
 - . Valdir Troncoso Perez - Advogado Criminalista - São Paulo.
 - . Vera Lúcia Lacerda da Silva - Presidente do Bloco Ara-Ketu de Salvador - BA.



Lélia Gonzalez e outras conselheiras do CNDM em reunião com lideranças nacionais do Movimento Negro Unificado, Brasília, 1987 | Arquivo Nacional de Brasília. Empresa Brasileira de Notícias/Guilherme Romão



Lélia Gonzalez e outras conselheiras na 1ª reunião do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher - CNDM - no Palácio da Justiça, Brasília, 1985 | Arquivo Nacional de Brasília. Empresa Brasileira de Notícias/J. Lacerda



Lélia Gonzalez, Benedita da Silva e outras. Posse de Ruth Escobar - primeira presidenta do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher - CNDM, Brasília, 1985 | Arquivo Nacional de Brasília. Empresa Brasileira de Notícias/Getúlio Gurgel



Lélia Gonzalez. Seminário Diga Não à Violência Contra a Mulher. Campanha do CNDM, 1985 | Acervo Lélia Gonzalez

7

A FARSA DA ABOLIÇÃO
DA ESCRAVATURA





Cartaz produzido pelo Conselho Nacional dos Direitos da Mulher por ocasião dos cem anos da assinatura da Lei Áurea, 1988 | Acervo REDEH

A promulgação da Carta Constitucional de 1988 apresentou alguns avanços no que dizia respeito à questão racial brasileira. A prática do racismo, a partir de então, “constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei”. Pela primeira vez na história da legislação brasileira, o racismo se tornou crime. No entanto, cabe lembrar que, em 1951, uma lei chamada de Lei Afonso Arinos 1390/51 (revogada em 1985 pela Lei 7437) já proibia a discriminação racial no Brasil, mas a prática do racismo em si não era criminalizada.

Nesse mesmo ano, o Brasil comemorou o centenário da Abolição. De um lado, as comemorações oficiais festejavam o fim da escravidão e a “democracia racial” brasileira. De outro, lideranças e ativistas do movimento negro, do qual Lélia fazia parte, denunciavam a discriminação, o racismo e a farsa da cordialidade entre as raças/etnias na sociedade brasileira. Para essas lideranças, não havia razões para que se comemorasse a Abolição, como se desigualdades e racismo não existissem. A ocasião, diziam, deveria ser transformada em Dia de Denúncia contra o Racismo.

Com isso, dentre tantas iniciativas nacionais, organizaram uma marcha “Contra a farsa da Abolição”, no Centro do Rio de Janeiro. Essa mobilização causou certo desconforto e a Central do Brasil, palco de manifestações no Rio de Janeiro, no dia 11 de maio de 1988, amanheceu cercada de policiais para impedir que a caminhada prosperasse. Apesar dessa intimidação, a marcha aconteceu.

No dia 20 de novembro de 1988, outra marcha foi organizada em homenagem ao dia da morte de Zumbi, liderança

quilombola de Palmares. Nessa manifestação, Lélia Gonzalez esteve presente e enalteceu a memória de Zumbi, ao lado de grandes expoentes do movimento, como Abdias do Nascimento, Benedita da Silva e outros. (...) *Zumbi, herói nacional que foi liquidado pela traição das forças colonialistas, (...) o grande líder do primeiro Estado livre de todas as Américas, coisa que não se ensina às nossas crianças nas escolas, (...) as nossas crianças não sabem e, quando eu falo de nossas crianças, tô falando de crianças negras, brancas, amarelas, não sabem que o primeiro Estado livre de todo continente americano surgiu no Brasil e foi criado pelos negros, pelos negros que resistiram, resistiram à escravidão e se dirigiram para o sul da capitania de Pernambuco, atual Estado de Alagoas, a fim de criar uma sociedade livre, igualitária, uma sociedade alternativa, onde negros, índios, brancos pobres viviam no maior respeito, proprietários da terra e senhores do produto do seu trabalho. Palmares é um exemplo livre, típico de uma nacionalidade brasileira que ainda está por se constituir, nacionalidade esta, onde negros, brancos lutam nesse momento, lutando para que esse país se transforme efetivamente numa democracia*¹.

No ano seguinte, 1989, Lélia viajou para Dakar, Senegal, a fim de participar da Assembléia Constituinte da Fundação Mondiale pour Mémorial et La Sauvergarde de Gorée, tornando-se Membro do Conselho Internacional do Memorial de Gorée, organização dedicada ao projeto de construção de um memorial aos africanos escravizados na ilha senegalesa que, no passado, havia servido como entreposto do comércio escravista.

¹ Discurso de Lélia no evento “A Marcha Negra”, realizado no Rio de Janeiro, em 1988. Disponível em: http://cultne.com.br/video.php?id_video=1.

**1º ENCONTRO
NACIONAL DE
MULHERES
NEGRAS**



**UMA HISTÓRIA DE VIDA
E PRECONCEITO EM QUE**

**TODOS NÓS
SOMOS
PERSONAGENS**



**DO JULGAMENTO
DO SÉCULO**

QUAL A SITUAÇÃO ATUAL DA MULHER NEGRA NO BRASIL? QUE MECANISMOS SÃO UTILIZADOS PELA SOCIEDADE PARA PERPETUAR OS PRECONCEITOS RACIAIS? PARTICIPE. QUEM VIVE NESTE SÉCULO, NÃO TEM COMO ESCAPAR DESTA TRIBUNAL.

TRIBUNAL WINNIE MANDELA
19/11/88 - AS 15 HORAS - FAC. DIREITO DO LARGO DE S. FRANCISCO - SP

ORDEM DOS ADVOGADOS DO BRASIL - SP

CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DA MULHER

AFPOD - CONSELHO ESTADUAL DA CONDICAÇÃO FEMINEA - SP

PROGRAMA NACIONAL DO CENTENÁRIO DA ABOLIÇÃO DA ESCRAVIDÃO - MINK



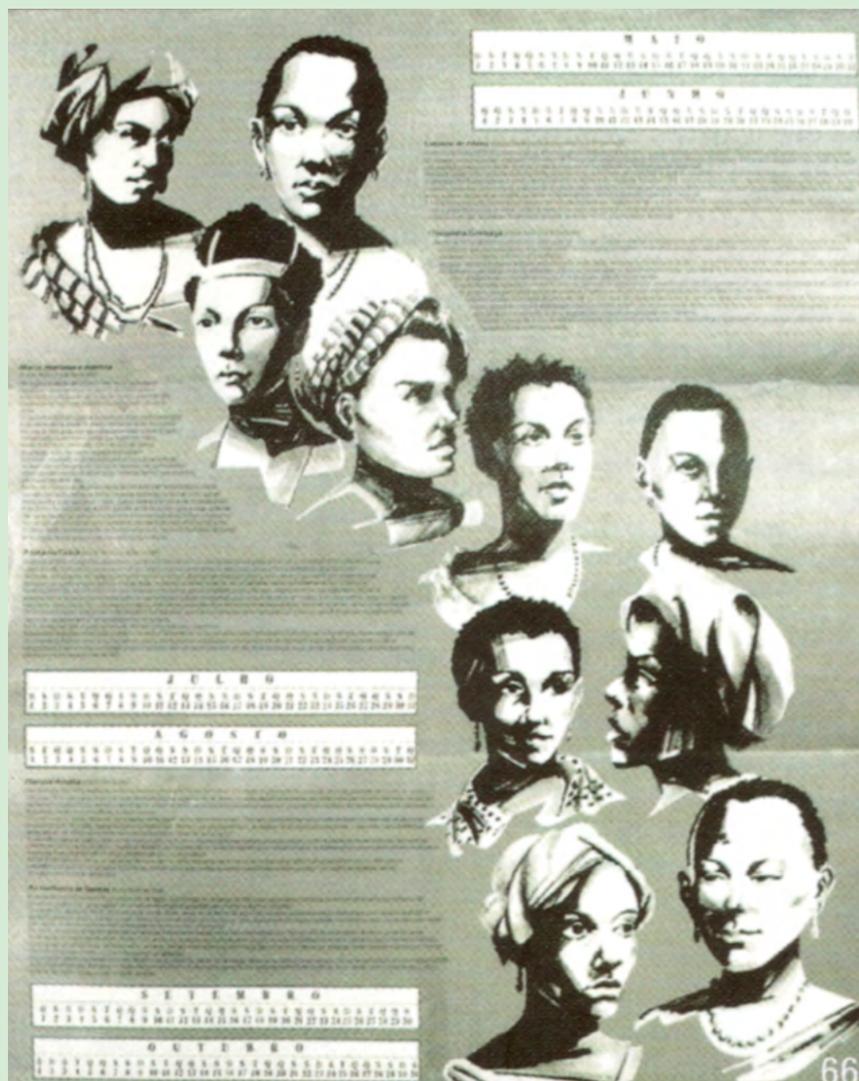
Cartaz de divulgação do Tribunal Winnie Mandela – promovido pelo Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (DF), Comissão de Mulheres Negras do CECF (SP) e a Comissão da Mulher Advogada da OAB (SP), 1988 | *Acervo Geledés - Instituto da Mulher Negra*

Ao lado: cartaz de divulgação do 1º Encontro nacional de Mulheres Negras – ENMN – Valença, Rio de Janeiro, 1988 | *Acervo Geledés - Instituto da Mulher Negra*



O que existe no Brasil, efetivamente, é uma divisão racial do trabalho. Por conseguinte, não é por coincidência que a maioria quase absoluta da população negra brasileira faz parte da massa marginal crescente.”

(Segunda Conferência Anual do African Heritage Studies Association, de 1979)



Manifestação do Movimento Negro na “Marcha Contra a Farsa da Abolição”, na ocasião do centenário da Lei Áurea, Central do Brasil, Rio de Janeiro, 1988 | *Acervo JG/Foto Januário Garcia*

Ao lado: cartaz de divulgação do evento “As mulheres na luta contra a escravidão” – Conselho Nacional dos Direitos da Mulher – CNDM, 1988 | *Acervo Geledés – Instituto da Mulher Negra*



Manifestação do Movimento Negro na "Marcha Contra a Farsa da Abolição", na ocasião do centenário da Lei Áurea, Central do Brasil, Rio de Janeiro, 1988 | *Acervo JG/Foto Januário Garcia*



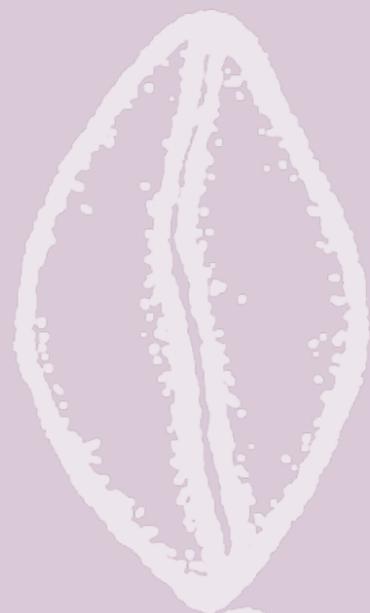
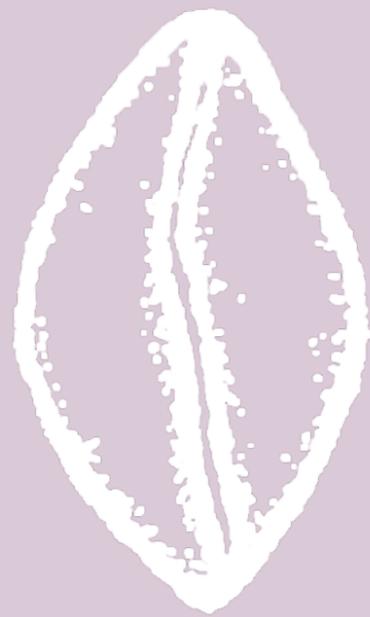
Forças Militares "fiscalizando" a manifestação do movimento negro na "Marcha Contra a Farsa da Abolição" na ocasião do centenário da Lei Áurea, Central do Brasil, Rio de Janeiro, 1988 | *Acervo JG/Foto Januário Garcia*

SEMINARIO "MULHER NEGRA 100 ANOS DEPOIS" 22 a 24/07/88



**PROMOÇÃO: União de Mulheres do
Nordeste de Amaralina
Salvador - Ba**

Cartaz de divulgação do evento "Mulher Negra 100 anos depois" - promovido pela União de Mulheres do Nordeste de Amaralina, Salvador, Bahia, 1988 | *Acervo Geledés - Instituto da Mulher Negra*



8

DÉCADA DE 1990 –
COMO CANGIRAUÉ,
LÉLIA FOI PARA O ORUM



Lélia Gonzalez, Rio de Janeiro, 1969 | Acervo Lélia Gonzalez

Na linguagem dos africanos de Milho Verde, Estado de Minas Gerais, cangiraué é um passarinho (Paulo Corrêa e Schuma Schumacher, 2008).

No candomblé, religião de matriz africana, orum significa o mundo dos espíritos habitado por orixás.



Lélia Gonzalez, década de 1980 | Acervo Lélia Gonzalez

A década de 1990, a última do século XX, trouxe a expectativa e a euforia com a proximidade do ano 2000. Nesse contexto de consolidação da democracia, cresce o número de organizações não governamentais que estrategicamente redimensionavam suas agendas, incluindo em suas prioridades a luta por políticas públicas. Entre elas, estavam as organizações de mulheres negras que começam a pipocar Brasil afora.

Para Lélia, essa foi uma fase de grande reflexão e autocrítica para uma mulher que “mergulhou de cabeça” na militância e não priorizou seus projetos pessoais. O ativismo e a entrega sem reservas às demandas que isso implicava acabavam deixando para segundo plano as possibilidades de organizar seu pensamento, o seu legado. Talvez, não sabemos ao certo, acreditasse que haveria um tempo em que pudesse se recolher e deixar para as gerações de militantes que inspirou, ou formou, suas contribuições para as questões de gênero e raça no Brasil. O tempo, contudo, não lhe foi tão generoso. Segundo ela: [...] *Eu achava que tinha que estar em todas, me jogando loucamente, e meu projeto pessoal se perdeu muito, agora que eu estou catando os pedaços para poder seguir a minha existência enquanto pessoa que sou. E a gente sai muito ferido e machucado dessa história toda*¹.

¹ Lélia Gonzalez. Entrevista ao Jornal Nacional do Movimento Negro Unificado – MNU – maio/junho/julho, 1991.

A magia do Reggae: da Jamaica ao Maranhão

Entrevistas com Lélia Gonzalez e Bryan Stevenson

Bob Marley: o mito como metáfora

A cor da Pena de Morte



Reaja à violência racial:
"beije sua preta
em praça pública"
(ORD)

Ao lado e acima: Lélia Gonzalez. Entrevista ao Jornal Nacional do Movimento Negro Unificado – MNU – maio/junho/julho, 1991 | Acervo Lélia Gonzalez

LÉLIA GONZALEZ



Lélia Gonzalez — A questão ética no interior do Movimento Negro e também uma outra questão que se encaixa aí, a da perspectiva histórica. Uma consciência histórica que, de repente, a gente perde, na medida em que nos jogamos com tal intensidade para dentro do movimento, pensando como nossa contribuição é divina e maravilhosa (e aí entra a questão do narcisismo, que é preciso também exorcizar), a gente acha que vai resolver todas as questões numa vidinha que é a nossa vida. E acontece que o buraco é muito mais embaixo. Estávamos falando do que a gente pode fazer nos próximos dez anos em termos de comunidade negra e veja as dificuldades que a gente tem. A perspectiva é a de que a gente abra alguns caminhos e a gente tem que ter aí consciência da nossa temporalidade, ou seja, a gente vem e passa, vem e passa no sentido de passar mesmo e passa também a nossa experiência para quem está chegando. Aí é que me parece que os africanos podem nos ensinar muito. Precisamos ter a paciência revolucionária para verificarmos o seguinte: olha, sabe, não queira abraçar o mundo com pernas e braços, porque não dá jeito e, a partir daí, você tem a consciência histórica da temporalidade, do processo, o que vai te permitir ter muito mais tranquilidade no que diz respeito a tua inserção no movimento. Você adquire uma sabedoria. Você verifica sua temporalidade, seu tempo de inserção, o que você pode fazer, e tem a humildade de dizer: eu posso dar essa contribuição e darei com todo o carinho, mas eu não sou o único, não sou o salvador da pátria. Porque entra muito aí aquela visão centralista, eu diria até fascista, de quem se acha dono da verdade. Graças a essa visão distorcida da realidade, tem ocorrido lutas internas terríveis, cobranças absurdas. Você exige a perfeição do seu companheiro, porque você a exige de você. Você acha que tudo tem que acontecer como um milagre divino, e você é o porta-voz dessas coisas divinas. E o que acontece, muitas vezes, é que você sacrifica sua existência pessoal em função do movimento e temos verificado quantos companheiros se perderam no meio do caminho. Se perderam por falta de clareza política, evidentemente, mas também porque se jogaram de uma forma tal que, para eles, a construção de sua própria vida era um negócio tão secundário porque eles estavam apostando única e exclusivamente no movimento. E eu acho que não pode ser assim, não. Você tem que ter um equilíbrio. Eu vejo meu próprio caso, eu fui muito assim, é uma autocrítica o que eu estou fazendo também. Eu achava que tinha que estar em todas, me jogando loucamente, e meu projeto pessoal se perdeu muito, agora que eu estou catando os pedaços para poder seguir a minha existência enquanto pessoa que sou. E a gente sai muito ferido e machucado dessa história toda. Porque, evidentemente, seu sonho é tão grandioso e a realidade é tão... que você sai machucado. Machucado não só porque você investiu demais nesse tipo de projeto, mas machucado também pelas porradas que os outros lhe dão, não há dúvidas. A questão da militância tem que ter esse sentido e aí nós temos que aprender com os nossos antigos, os africanos, esse sentido da sabedoria, esse sentido de saber a hora em que você vai interferir e como você vai interferir, fora desse lance individualista. É importante distinguir o seguinte: projeto pessoal não quer dizer individualismo, não. E você se ver na sua dignidade de ser humano. Você enquanto pessoa tem que buscar crescer, desenvolver-se também. Agora, no Movimento Negro, você não vai crescer se misturar isso. Se mistrou, dançou. Você vira um fanático, que ninguém agüenta, que ninguém suporta. Acho que isso é fundamental e vai lhe permitir essa reflexão e ainda lhe permitir não cair na sedução da cooptação. Você desenvolve sua vida dignamente, seu projeto pessoal, e nesse jogo dialético com o movimento você vai ter a capacidade de vislumbrar o que está acontecendo em torno. Se você mergulhar no movimento, você se afoga — e depois? Depois vai acabar se suicidando, vai acabar um nihilista danado: "Sai fora, não quero mais saber de movimento negro, acabaram comigo". Vai embora cuidar do seu projeto individual e não pessoal, e não quer mais saber do Movimento Negro, é capaz até de trair o movimento. Então me parece que esse equilíbrio é fundamental. Você constrói sua vida pessoal, você tem a possibilidade de ser universal, humano, de entender o todo, de sentir esse todo dentro de você. Então você não se sectariza, radicaliza mas não sectariza. E para isto tem que estar muito atento. Se não vai ser a grande dançada. A gente cansa, a gente morre na praia.

Lélia Gonzalez é uma militante, pesquisadora, professora, antropóloga, de méritos excepcionais. Entre muitos outros trabalhos publicou *Festas Populares no Brasil* (Index, 1987). Esta entrevista foi realizada, em Salvador, por Jônatas Conceição da Silva e editada por Edson Cardoso.



Lélia Gonzalez. Bahia, década de 1980 | Acervo Lélia Gonzalez



Lélia Gonzalez e sua sobrinha Eliane de Almeida, Rio de Janeiro, 1969 | Acervo Lélia Gonzalez

Nesse período de reflexão, se afastou da militância e, publicamente, expressou sua decepção com aqueles/as que se deixavam cooptar pela lógica do sistema capitalista e abandonavam seus ideais. O machismo dentro do próprio movimento negro causava-lhe desconforto, uma vez que a tão almejada igualdade sempre havia sido uma bandeira de luta.

Ao retornar de uma viagem à África, em 1992, sua sobrinha Eliane de Almeida nos relatou que Lélia estava com uma ferida nas costas e preocupada porque não cicatrizava. Após fazer alguns exames, foi diagnosticada com uma diabetes tipo B e a dieta e tratamento eram inevitáveis. Manéu, seu filho, comentou: *Fiquei um período sem encontrá-la. Passei por um momento difícil na minha vida, me separei da minha mulher Joyce e, neste intervalo, eu voltei a morar com Lélia. Quando a vi, tomei um susto, ela estava muito magra*².

Além da família, sempre presente para acolhê-la, os amigos Januário Garcia e Ana Maria Felipe ofereceram total apoio. Quando esteve mais debilitada, ele a acompanhava ao médico e ao Departamento de Sociologia e Política da PUC Rio, do qual se tornou diretora poucos meses antes de falecer. Lélia buscou, também, um tratamento espiritual com seu orientador babalorixá Jair de Ogum, para quem doou todo o seu acervo.

Quando Manéu reatou seu casamento com Joyce, Eliane de Almeida e suas duas filhas, Gabriela e Ísis, foram morar com Lélia. Todos estavam preocupados com o estado de saúde dela, que evoluiu para uma insuficiência cardíaca, uma das sequelas da doença.

² Entrevista concedida por Rubens Rufino à Schuma Schumacher e Antonia Ceva em 20 de outubro de 2011, em Brasília/DF, para o Projeto Memória — Lélia Gonzalez: O

A passagem, mas não o final de uma trajetória. Benditos os frutos.

Lélia era uma mineira de alma carioca, apaixonada por samba e futebol. Torcedora do Flamengo, não comemorou o tetracampeonato brasileiro na Copa de 1994. No dia 10 de julho, sua sobrinha estranhou seu recolhimento até a hora do almoço e foi chamá-la para comer uma carne assada com macarrão, um de seus pratos prediletos:

No dia 10 de julho vou acordá-la e encontrei-a morta [...] foi em casa, do jeito que ela pediu. Nós conversamos até tarde, era jogo do Brasil, mas não assistimos porque ela ficava nervosa. Nesse dia ela falou que não queria beber porque estava um pouco enjoada, tomou suco, beliscou algumas coisas e me fez seu último pedido: "amanhã você faz macarrão com carne assada que eu adoro?"³.

Lélia reinterpretou a História do Brasil sobre a ótica da mulher negra e, por tudo isso, pesquisadores, estudiosos, militantes e amigos têm feito um esforço para visibilizar e registrar a vida e a obra de Lélia Gonzalez, uma das memórias do movimento negro e de mulheres do Brasil. Sem dúvida, tem um lugar especial no coração e na ação política dessas maiorias silenciadas e nunca silenciosas.

Parte do seu pensamento está disponível no site Memorial Lélia Gonzalez, criado em 2003, por sua amiga Ana Maria Felipe, no Instituto Memorial Lélia Gonzalez, criado em 2021, pelos familiares e amigos/as/es próximos, com o objetivo de promover o acesso da população negra ao legado de Lélia, bem como difundir seu pensamento aos mais diversos públicos, além de ser um espaço diverso, inclusivo e plural e de referência para ativistas e pesquisadoras/es.

³ Entrevista concedida por Eliane de Almeida à Antonia Ceva, em 17 de outubro de 2011, no Rio de Janeiro/RJ, para o Projeto Memória — Lélia Gonzalez: O feminismo negro no palco da história.



Lélia Gonzalez e sua neta Melina – filha de Rubens Rufino –, na maternidade no dia de seu nascimento, 16 de agosto de 1985 | Coleção particular



Lélia Gonzalez e sua sobrinha neta Gabriela – filha de Eliane de Almeida, 1985 | Acervo Lélia Gonzalez

MARÇO DE 2010 A MARÇO DE 2011

Mulheres no palco da história

Você sabe o que elas representam para a nossa história?

REDEH
Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres
BRASIL
UM PAÍS DE TODOS E TODAS
GOVERNO FEDERAL

LÉLIA GONZALEZ

Foto de Cezar Loureiro/Agência O Globo, 1985

Julho 2010

D	S	T	Q	Q	S	S
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

25 Dia internacional da mulher negra, latino americana e caribenha

REDEH
Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres
BRASIL
UM PAÍS DE TODOS E TODAS
GOVERNO FEDERAL

Lélia Gonzalez no calendário Mulheres no Palco da História – uma parceria REDEH, CAIXA, SPM / Governo Federal, 2010 | Acervo REDEH

Yoté
O jogo da nossa história

Livro do Professor

Lélia Gonzales

PRÊMIO LÉLIA GONZALEZ

PROTAGONISMO DE ORGANIZAÇÕES DE MULHERES NEGRAS

SEMINÁRIO O FEMINISMO NEGRO E O PENSAMENTO DE LÉLIA GONZALEZ

Secretaria de Políticas para as Mulheres
Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial
BRASIL
UM PAÍS DE TODOS E TODAS
GOVERNO FEDERAL

Prêmio Lélia Gonzalez, Seppir/SPM/PR, 2013 | Acervo Seppir/PR

Lélia Gonzalez na Coleção Yoté: o jogo da nossa história – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação, 2010. p. 43-44 | Acervo REDEH

CANDACES

A Reconstrução do Fogo

Havia uma aldeia.

Um dia chegou a essa aldeia uma Candace de torço estampado de esperança, montada num cavalo negro como nossa ancestralidade.

E ela, como um antigo "griot", contava e contava histórias.

Histórias de mulheres guerreiras, histórias dos Núbios, de civilizações egípcias cor-da-noite que construíram a base da humanidade. Contava histórias de Nani, no Centro da América, defendendo seu povo.

O que ela queria, todo o tempo, era passar para o povo da aldeia o entendimento daquilo que eles viam ao seu redor. O tempo todo ela contava da perspicácia dos caminhos que outras tribos percorreram. Ela transmitia conhecimento.

Lélia Gonzales

A idéia de liberdade passada por essa Candace, de torço estampado de esperança, montada em seu cavalo negro como nossa ancestralidade, era tanta que várias aldeias, tribos, estados pararam para ouvi-la. E absorviam cada idéia contada por ela.

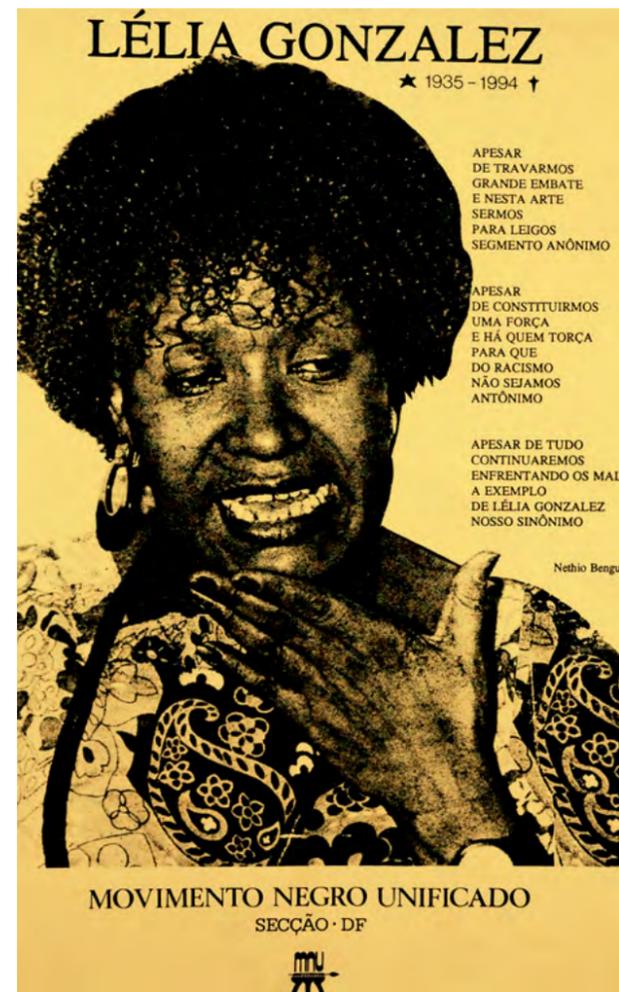
Um dia, quando a aldeia acordou, percebeu que ela havia partido. Todos ficaram perplexos, confusos... Como? Quem nos contaria outras histórias, quem?

A aldeia caiu em desânimo, tamanha era a falta que fazia a Candace de torço estampado de esperança, montada num cavalo negro como nossa ancestralidade. De repente, as pessoas se entreolharam e compreenderam que ela precisava continuar o seu caminho e que caberia a cada um transformar a semente deixada em substância. Caberia a cada aldeia, cada tribo, cada estado que bebeu de suas idéias, difundi-las.

Grande era essa tarefa, pois caberia a todos eles, a todos nós, tornar os homens e as mulheres conscientes de sua negritude.

Valeu, Lélia Gonzales!

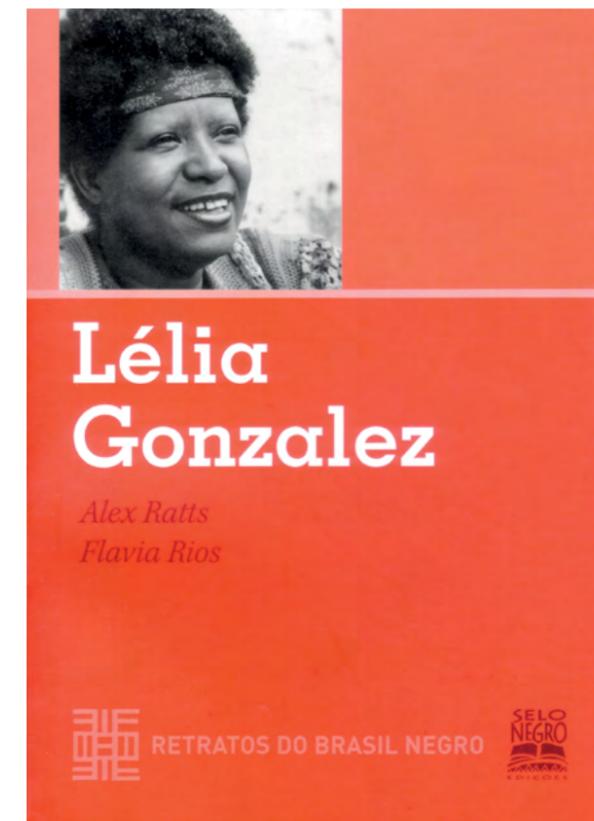
Néia Daniel



Cartaz do Movimento Negro Unificado em homenagem à Lélia Gonzalez, Brasília | Acervo JG/Foto Januário Garcia



Diploma Lélia Gonzalez, CUT/RJ | Marco Scalzo/CUT Rio



Flávia Rios e Alex Ratts. Lélia Gonzalez. Coleção Retratos do Brasil Negro, 2010 | Acervo REDEH



Rubens Rufino – o Manéu – recebe da Ministra Chefe da SEPPIR Luiza Bairros uma homenagem póstuma à Lélia Gonzalez. 7º Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros, Florianópolis, Santa Catarina, 2012 | *Coleção particular*

Atualmente seu acervo pessoal está sob a responsabilidade da Redeh – Rede de Desenvolvimento Humano, em processo de tratamento e será totalmente disponibilizado ao público, através do Portal Memorial Feminista Antirracista. Nele encontram-se documentos pessoais, textos datilografados referente aos discursos de Lélia, entrevistas e boa parte da história do movimento negro brasileiro, a partir da década de 1970.

Reconhecida nacionalmente pelos movimentos antirracista e feminista, sua trajetória, militância e contribuição para a história do movimento negro e de mulheres estão sendo, progressivamente, resgatadas através de publicações, sites, teses e dissertações. Podemos citar alguns estudos recentes e importantes iniciativas, os quais não permitem que Lélia seja mais uma mulher negra silenciada pela História Oficial.

O esforço de Lélia não foi em vão. Resultado de décadas de reivindicações, em 2003, o governo Lula criou a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), com status ministerial. Além disso, foi sancionada a Lei 10.639 de 09/01/2003 que insere a temática da História e da Cultura Afro-Brasileira e Africana no currículo das instituições oficiais de ensino.

A Lei 10639/03 reconhece a luta de gerações de militantes negras/os, dentre elas/eles, Lélia Gonzalez, que foi a pioneira do feminismo negro no Brasil. Por tudo isso, através das muitas militâncias que inspirou, segue escrevendo e reescrevendo o lado negro da história do Brasil.

A mais recente condecoração à memória de Lélia Gonzalez foi concedida no VII Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros, realizado entre os dias 16 a 20 de julho de 2012, em Florianópolis, Santa Catarina. Seu filho Manéu compareceu ao evento e recebeu das mãos de Luiza Bairros, a então Ministra-Chefe da SEPPIR, essa merecida homenagem. Além dela, os líderes Abdias do Nascimento e Vicente Francisco do Espírito Santo – in memoriam – também foram prestigiados por sua luta histórica contra o racismo.

Algumas teses, dissertações e publicações sobre Lélia

AMBRA, Pedro. As Pedras de Exu: a psicanálise em Frantz Fanon e Lélia Gonzalez. Revista Rosa. Número 3. Rio de Janeiro, 2021.

AMBRA, Pedro. O lugar e a fala: a psicanálise contra o racismo em Lélia Gonzalez. SIG revista de psicanálise. São Paulo, 2019.

ARAÚJO, Daisy Damasceno. Vozes negras femininas autorizadas: Lélia Gonzalez e Helena Theodoro nos debates da subcomissão de negros no contexto da Assembleia Nacional Constituinte. Artigo. ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História, Rio de Janeiro/RJ, 2021.

BAIROS, Luiza. Lembrando Lélia Gonzalez. Afro-Ásia n. 23. Salvador. p. 347-368, 1999.

BARRETO, Raquel. Enegrecendo o feminismo ou feminizando a raça – Narrativas de Libertação em Angela Davis e Lélia Gonzalez. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura) – Centro de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

BARTHOLOMEU, Juliana Stefany Silva. Epistemologias Negras: Insurgências e deslocamentos intelectuais de Sueli Carneiro e Lélia González. Mestrado em Ciências Sociais (Dissertação). Universidade Federal de São Paulo, 2021.

BORGES, Charlene. A mulher negra latino-americana e o feminismo no pensamento de Lélia Gonzales. Geledés, Artigos e Reflexões, 2021.

CANÁRIO, Izabele Caroline do Nascimento. A ideia de Brasil nas obras de Lélia González: uma análise sociológica através da Teoria Social Brasileira. Licenciatura em Ciências Sociais (Monografia). Universidade Federal de Campina Grande, 2022.

CARDOSO, Cláudia Pons. “Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez”. Revista Estudos Feministas (UFSC. Impresso), v. 22, p. 965-986, 2014.

CIVIERO, Lohana Larissa Mariano. O uso da conjunção “e” no texto “O Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNU)”, de Lélia Gonzalez. Mestrado e Doutorado em Linguagem e Sociedade (Dissertação). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2020.

CÔRTEZ, Giovana Xavier da Conceição. A atualidade de Lélia Gonzalez. In. Coisa de pele: relações de gênero, literatura e mestiçagem feminina. Rio de Janeiro, 1880-1910. Dissertação de Mestrado (História Social). Universidade Federal Fluminense, p. 34-48, 2005.

DIAS, Caroline Aparecida Casseiro. As contribuições do pensamento de Lélia Gonzalez para a compreensão das organizações negras e do racismo no Brasil. Bacharelado em Serviço Social (Monografia). Universidade Federal de Ouro Preto, 2022.

FELIPPE, Ana Maria. Para (re)ver Lélia Gonzalez. Revista Eparrei. Santos, N 1º. 4, p. 8-9, 2003.

FONSECA, Fernanda Cardoso. Nossa América Ladina: O pensamento (decolonial) de Lélia Gonzalez. Mestrado em Relações Internacionais (Dissertação). Universidade Federal da Bahia, 2021.

GERALDO, Nathália. Angela Davis recomendou: quem é Lélia Gonzalez, ícone do feminismo no país. Universa Uol. [S.l.], 2021.

GONZALEZ, Lélia. Primavera para Rosas Negras. Editora PanAfricanista, São Paulo, 2018.

GONZALEZ, Lélia. Por um Feminismo Afro-latino-americano. RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (Orgs.). Editora: ZAHAR, Rio de Janeiro, 2020.

GONZALEZ, Lélia. América Ladina. DE LIMA, Melina (Org.) e Apresentação. Editora: Ateliê de Humanidades (Brasil) e Tucán Ediciones (Chile). Biblioteca Básica Latinoamericana, Vol. 5. Realização: Fundação Darcy Ribeiro, 2022.

LIMA, Thamires Costa Rodrigues. Lélia Gonzalez: entendendo o Brasil a partir das relações de classe, raça e gênero. Artigo. Revista Caboré, 1 (4), 2021

LIMA, Thamires Costa Rodrigues. Lélia Gonzalez e o feminismo decolonial como lente de análise. Revista Contraponto, v. 8, n. 3, 2021.

LOURENÇO, Ana Paula Pires. Contribuições teóricas e políticas de intelectuais negras brasileiras para o serviço social: um encontro com Sueli Carneiro e Lélia Gonzalez. Mestrado em Serviço Social e Políticas Sociais (Dissertação). Universidade Federal de São Paulo, 2023.

MARTINS, Mireile Silva. Raça, classe e gênero e a contribuição de Lélia Gonzalez para o pensamento social. Mestrado em Ciências Sociais. Universidade Federal de Uberlândia, 2023.

MOREIRA, Karoline Martins. A categoria político cultural de Amefricanidade: uma análise do pensamento de Lélia Gonzalez. Mestrado em História (Dissertação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2023.

OLIVEIRA, Ana Camila de. O que se cala: os direitos humanos a partir do pensamento de Lélia Gonzalez. Mestrado em Direitos Humanos (Dissertação). Universidade Federal de Pernambuco, 2022.

RATTS, Alex; RIOS, Flavia. Lélia Gonzalez. Editora Summus/Selo Negro. São Paulo, 2010.

RATTS, Alex. As amefricanas: mulheres negras e feminismo na trajetória de Lélia Gonzalez. Comunicação apresentada no Fazendo Gênero 09: Diásporas, diversidades e deslocamentos, Santa Catarina, 23 a 26 de agosto de 2010.

RATTS, Alex. Os lugares da gente negra: raça, gênero, espaço no pensamento de Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez. Comunicação apresentada no XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

RIOS, Flavia; RATTS, Alex. “A perspectiva interseccional de Lélia Gonzalez”. Em: CHALHOUB, Sidney; PINTO, Flavia Magalhães. (Org.). Pensadores Negros-Pensadoras Negras do século XIX e XX. 1a.ed. Belo Horizonte: Traço Fino LTDA, 2016.

RIOS, Flavia. América Ladina: The conceptual legacy of Lélia Gonzalez (1935-1994). LASA FORUM, v. 50, 2019.

RIOS, Flávia; KLEIN, Stefan. Lélia Gonzalez, uma teórica crítica do social. Artigo. Revista Sociedade e Estado, 37 (3), 2022.

RODRIGUES, Carla; Monteiro, Juliana de Moraes. “Lélia Gonzalez, uma filósofa Amefricana”. Revista Ideação, V. 1 N. 42, julho/dezembro, 2020.

SANTOS, Bruna Letícia de Oliveira dos. A influência do pensamento de Lélia Gonzalez para a formação do feminismo negro brasileiro - descolonização e americanidade. Artigo. Cadernos de Gênero e Tecnologia, 14 (44), 2021.

SILVA, Pâmela Guimarães da. De Lélia Gonzalez a Marielle Franco: mulheres negras e seus processos comunicacionais interseccionais de resistência. Doutorado em Comunicação Social (Tese). Universidade Federal de Minas Gerais, 2021.

TEIXEIRA, Patrícia. A organização da informação em plataforma de gestão de 2017 de referências, a Zotero: a coleção Lélia Gonzalez e o Projeto Memória. Mestrado em Tecnologia (Dissertação) Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2017.

VIANA, Elizabeth do Espírito Santo. Relações Raciais, Gênero e movimentos sociais: o pensamento de Lélia Gonzalez 1970-1990. Mestrado em História Comparada (Dissertação). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS/UFRJ), 2006.

ZACARIAS, Laysi da Silva. Amefricanizando o amor: diálogos entre bell hooks e Lélia Gonzalez. Mestrado em Direitos Humanos e Cidadania (Dissertação). Universidade de Brasília, 2021.

Os herdeiros de Lélia

A última filha de seu Acácio e Dona Urcinda a falecer foi Lígia, no ano de 1998, aos 69 anos de idade, e, com ela, fechou-se o ciclo da segunda geração da família Almeida. Nesse mesmo ano, a matriarca Dona Urcinda completaria um século de vida.

Da terceira geração, localizamos três, dos quatro filhos de Dora, irmã de Lélia: Roselívia, chamada de guardiã da memória da família, Roberto e Rubens, filho de Lélia, que muito contribuíram para esta pesquisa. A quarta irmã Roseni não pôde nos conceder uma entrevista por motivo de saúde.

Conversamos, também, com Eliane, a Lili, filha única de Elisa, irmã mais velha de Lélia e primogênita do casal Almeida. Tivemos a oportunidade de conhecer a filha mais velha de Lili, Gabriela, assistente social, que já faz parte da quarta geração. A caçula de Eliane, chamada Ísis, está se graduando em Biologia. Seu nome foi um desejo de Lélia, em homenagem a deusa da mitologia egípcia.

Dessa quarta geração, conhecemos, também, a filha de Rubens, Melina, historiadora, e seu filho Marcelo, ambos do casamento com Joyce, e, da quinta geração, o Renzo, neto de Roberto, que seria bisneto de Dora. Sabemos que Jayme de Almeida deixou filhos, dentre eles: Jayme, técnico do Flamento entre 2013 e 2014.



Lélia Gonzalez. Na varanda de seu apartamento no Cosme Velho, Rio de Janeiro, década de 1980 | *Acervo Lélia Gonzalez*



Os irmãos Rubens Rufino, José Roberto Rufino e Roselívia Almeida e a prima Eliane Almeida, 2012 | *Acervo REDEH*

Rubens, a esposa Joyce M. de Lima, o filho Marcelo M. de Lima e a filha Melina M. de Lima | *Foto Elizabete Braga*

Renzo Lima de Carvalho – sobrinho bisneto de Lélia Gonzalez – Rio de Janeiro, 2012 | *Acervo REDEH*

Gabriela de Almeida – sobrinha neta de Lélia Gonzalez – Rio de Janeiro, 2012 | *Acervo REDEH*



Conviver com Lélia foi um grande aprendizado porque ela estava à frente do seu tempo, poucos sabiam disso. Militante negra e "intelectual orgânica" caminhava na mesma trilha por onde passaram os teóricos Frantz Fanon e Cheik Anta Diop. Foi Lélia que contrapôs o Samba do Crioulo Doido ao Minueto do Branco Esquizofrênico.

Januario Garcia



Lélia guerreou, trabalhou, amou, estudou, participou, rompeu obstáculos, viveu para enfrentar o racismo e o sexismo vigentes em nossa sociedade.

Nilma Bentes | Coleção particular



(...) foi uma intérprete do Brasil da ótica da gente negra e das mulheres. (...) Lélia tem um lugar especial no coração e na ação política das mulheres, negros, essas maiorias silenciadas, mas não silenciosas que, como ela, vêm reescrevendo a história do Brasil.

Sueli Carneiro

| Acervo REDEH / Foto: Rauf Tavile



Eu não sabia nada sobre candomblé (...). Quando saí pelo mundo para divulgar Chica da Silva, as pessoas me perguntavam sobre cultura negra e eu não sabia nada. Então fiz um curso com a antropóloga Lélia.

Zezé Motta | Leonardo Aversa / Agência O Globo



Lélia Gonzalez foi muito mais que a formadora de opinião que influenciou uma geração de mulheres na arte de reconhecer o significado do racismo, presente nas relações de gênero, e a importância de enfrentar essas contradições. Divertida, visceral, irreverente, corajosa, tocou corações, mentes e fígados. À frente do seu tempo, foi global quando ainda nos afirmávamos no local. Foi voz, suor, lágrimas, alma, quando a cumplicidade do silêncio nos negava a humanidade. Foi uma mulher que viveu e morreu de amores - por sua raça, suas crenças, seus ideais, seus amigos, sua comunidade. Uma mulher a quem agradeço o privilégio do aprendizado.

Nilza Iraci



Conheci Lélia Gonzalez quando eu trabalhava no Iuperj e estava organizando com companheiras, o Seminário "Mulheres na Força de Trabalho na América Latina", em novembro de 1978, no Hotel Glória, Rio de Janeiro. Anos depois, estivemos juntas em outro seminário na África, na Universidade de Ibadan, na Nigéria (...) Lélia construía laços internacionais com o movimento feminista, aprendendo sobre as condições de vida das mulheres negras em outros contextos, suas diferenças e comunalidades com as brasileiras.

Neuma Aguiar



(...) "vi" aquele facho de luz diante da turma, numa aula de história em um colégio estadual em Bonsucesso. Naquela hora, Lélia não sabia seu significado para a humanidade, para a ancestralidade.

Ana Maria Felipe | Coleção particular

(...) Lélia elaborou uma reflexão histórica de como o "povo brasileiro", o "povo negro", a "mulher negra" constituíram-se personagens de outra história.

Elizabeth Viana | Coleção particular



Sempre quando penso em Lélia, me vem aquele sorriso escancarado de quem, apesar das dificuldades vivenciadas pelo preconceito racial e de gênero, tinha tanto orgulho de ser mulher e negra.

Jurema Batista | Coleção Particular



Conheci Lélia Gonzalez quando entrei para o Movimento Negro Unificado (MNU) em 1979. Ela era membro da Comissão Executiva Nacional, e a todos surpreendia pelo comportamento ousado, a risada de corpo inteiro, o linguajar popular, bem ao modo do falar carioca, salpicado de expressões acadêmicas...

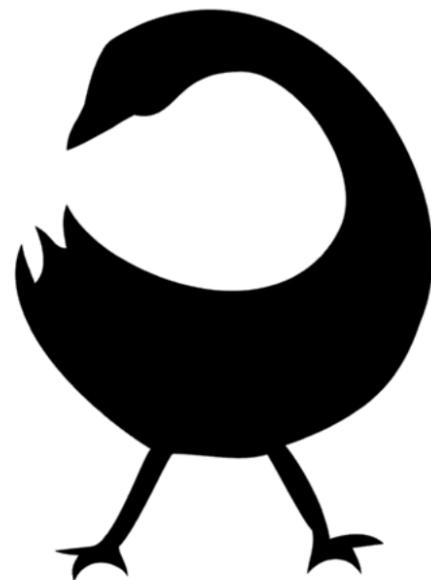
Luiza Bairros | Acervo SECOM / Foto: Elói Corrêa

Por uma sociedade justa e igualitária

Nossa proposta não foi traçar uma árvore genealógica da família Almeida, mas analisar a trajetória de Lélia Gonzalez dentro de um contexto histórico e sua contribuição para os movimentos negro e feminista, além de sua produção acadêmica para os estudos de raça e gênero. No entanto, a família traz uma memória ancestral, resgatando as suas origens, os costumes e as tradições.

Lélia Gonzalez deixou um legado para as mulheres do Brasil e do mundo. Ao assumir essa luta como missão de vida, influenciou decisivamente os rumos desses movimentos de resistência social e estabeleceu as bases que estruturam o movimento de mulheres negras contemporâneo. Desconstruiu visões elitistas e eurocentristas do feminismo brasileiro e mundial, abrindo o caminho para que as mulheres negras afro-latinoamericanas ousassem desenhar como concepção teórica e ação política o que hoje chamamos de feminismo negro.

Assim como o Sankofa – ideograma africano que ilustra um pássaro olhando para trás – cujo significado é “a sabedoria de aprender com o passado, para melhorar o presente e construir o futuro”, esperamos que a herança deixada por Lélia Gonzalez continue dando frutos e que sirva de base e motivação, para todos/as aqueles/as que lutam por uma sociedade justa e igualitária.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carneiro, Sueli

Fotobiografia : Projeto memória Lélia Gonzalez
[livro eletrônico] : caminhos e reflexões
antirracistas e antissexistas / texto Sueli
Carneiro ; edição de texto Gabriela Soares,
Schuma Schumacher. -- 2. ed. -- Brasília, DF :
Associação Amigos do Cinema e da Cultura /
AACIC, 2024. -- (Projeto memória : Lélia Gonzalez)
PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-983710-3-6

1. Antirracismo 2. Ativismo 3. Gonzalez, Lélia,
1935-1994 4. Movimento negro 5. Mulheres negras -
Biografia 6. Relações étnico-raciais I. Soares,
Gabriela. II. Schumacher, Schuma. III. Título.
VI. Série.

24-211089

CDD-920.72

Índices para catálogo sistemático:

1. Mulheres negras : Biografia 920.72

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



ISBN 978-65-983710-3-6

Realização



Apoio



Parceria

